

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

2º CICLO EM ENSINO DE EDUCAÇÃO FÍSICA NOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO



O contributo da Educação Física para a construção de uma escola de excelência

Estudo centrado em Diretores das Escolas do ensino secundário do distrito de Viseu

Marcelo Luis Policarpo Loureiro

Orientador: Professor Doutor Antonino Manuel de Almeida Pereira

Vila Real, 30 de outubro de 2012

UNIVERSIDADE DE TRAS-OS-MONTES E ALTO DOURO

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA
NOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO**

O contributo da Educação Física para a construção de uma escola de excelência

Estudo centrado em Diretores das Escolas do ensino secundário do distrito de Viseu

Marcelo Luis Policarpo Loureiro

Orientador: Professor Doutor Antonino Manuel de Almeida Pereira



VILA REAL, 2012

Dissertação apresentada à UTAD, no DEP – ECHS, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Ensino de Educação Física dos Ensino Básico e Secundário, cumprindo o estipulado na alínea b) do artigo 6º do regulamento dos Cursos de 2ºs Ciclos de Estudo em Ensino da UTAD, sob a orientação do Professor Doutor Antonino Manuel de Almeida Pereira.

PARTE I

Introdução

DEDICATÓRIA

Em primeiro,
à minha esposa Liliana Damião,
ao meu filho Mateus Loureiro e à minha
sementinha que ainda está a germinar na barriga da mãe.

Há memória da minha avó
que, apesar de já não habitar no plano terrestre,
faz sempre parte dos meus pensamentos nos momentos de reflexão.

Aos meus pais,
que sempre acreditaram no meu
empenho, pela amizade, motivação e carinho.

A toda a minha família,
da mais recente à mais antiga,
onde se incluem os tios, primos, sogros, avós, irmão e,
claro os meus compadres e afilhado, presença constante na minha vida.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi fruto de um esforço coletivo, não só das pessoas que estiveram diretamente implicadas em todo o processo, mas também de todas aquelas que indiretamente me apoiaram neste caminho. Por esta razão, e porque também lhes pertence, quero expressar a minha profunda gratidão, mesmo sabendo que as palavras aqui deixadas não conseguem de todo a representar.

Ao meu orientador Professor Doutor Antonino Pereira que, com muita paciência e sabedoria, sempre soube intervir na hora certa, indicando-me os vários caminhos a seguir. Por me dar espaço para evoluir e enfrentar as minhas próprias crises de conhecimento. À sua constante disponibilidade, ao seu apoio e confiança apesar do seu horário demasiado preenchido. A ele, que representou para mim um exemplo de docente e, de pessoa dedicada à causa do ensino, o meu grande bem-haja.

Às minhas colegas e amigas Sandra Ribeiro e Ana Soares, companheiras nesta nova etapa de formação académica das nossas vidas, por terem seguido de perto este projeto e me incentivarem na superação das dificuldades. Pela partilha de experiência e pelos momentos divertidos que ajudaram a tornar este trabalho mais ligeiro.

A todos os diretores das escolas entrevistados pela sua colaboração, e disponibilidade para as entrevistas.

À minha família, pelo apoio incondicional que me dedicaram nesta aventura.

Desta forma, agradeço a todos os que estiveram presentes nos momentos de angústia, de ansiedade, de insegurança, de exaustão e de satisfação.

RESUMO

O tema: “O contributo da Educação Física para a construção de uma escola de excelência: Estudo centrado nos diretores das escolas do secundário do concelho de Viseu” é considerado de grande importância. Tem como principal função, objetivar as representações que os diretores escolares revelam sobre a disciplina de Educação Física no futuro da escola, assim como o seu contributo na construção de uma escola melhor para todos.

Neste sentido, e na prossecução dos seus objetivos, este estudo recolheu a opinião de seis diretores de escolas secundárias do distrito de Viseu, três no concelho de Viseu e três nos concelhos limítrofes. A natureza descritiva e exploratória do estudo justificou a opção pelo método qualitativo, recorrendo-se à entrevista como instrumento de recolha de dados e à análise de conteúdo como técnica de análise de dados.

Os dados revelam que os diretores escolares consideram a disciplina de Educação Física como importante no currículo dos alunos, que contribui para a formação integral dos mesmos, para além de a associarem à libertação da carga cognitiva, desenvolvimento da atividade física e suas competências tão singulares. No entanto, o que mais valorizam são os aspetos sociais, como o respeito pelos outros e pelas regras e a aquisição de competências essenciais para o futuro dos alunos.

Relativamente à consideração da nota de Educação Física, o estudo expõe que os diretores concordam que conte como média final do ensino secundário, mas não no acesso ao ensino superior.

Os diretores entrevistados encaram a relação entre os alunos e a disciplina como boa e que, de um modo geral, gostam da disciplina. A maioria entende que a carga horária e os conteúdos da disciplina são acertados. Já no que reporta à avaliação as conclusões, embora não consensuais, são consideradas desadequadas.

Vêm como mais-valia escolar a organização e realização de atividades extracurriculares na escola, principalmente atividades diversificadas e do desporto escolar.

Defendem que, na promoção de uma escola de qualidade, a disciplina e os profissionais de Educação Física devem, sobretudo, promover a importância da disciplina. No que concerne ao apoio à disciplina por parte dos diretores escolares, estes pensam já fazer tudo o que é possível.

Para os diretores a disciplina poderá ser mais motivadora para os alunos se for mais eclética, respeitando as vivências que pode oferecer aos seus alunos, em vez da promoção unicamente do êxito desportivo. Trabalhar na fidelização da prática desportiva na vida dos alunos e no desenvolvimento das suas potencialidades para a formação dos alunos, deverá ser uma preocupação.

PALAVRAS-CHAVE: Escola, Educação Física, Diretores Escolares, Aspirações.

ABSTRACT

The theme: "Contribution of Physical Education to the building of a school of excellence: Study focused on secondary school headmasters in the district of Viseu" is considered of great importance. Its main goal is to objectify the representations that school headmasters reveal upon the subject of Physical Education in the school future as well as its contribution to the building of a better school for everyone. In this sense, and in the prosecution of its objectives, this study made use of six secondary school headmasters' opinions in the district of Viseu (three in the municipality of Viseu and three in bordering municipalities).

The descriptive and exploring nature of the study justified the choice of the qualitative method, using the interview as an instrument of data gathering and the content analysis as a technique of data analysis.

Data show that school headmasters consider Physical Education as an important subject in the students' curriculum and that it contributes to their integral formation. They also associate it to the release of the cognitive load, to the physical activity development and its singular skills. However, social aspects are what they value most, such as the respect for others and for rules and the acquisition of skills that are essential to the students' future.

As for the evaluation of Physical Education, the study shows that headmasters agree on it entering the average in final secondary school evaluation, but not in the access to higher education.

Interviewed headmasters consider that students have a good relationship with the subject and that in general, they like it. The majority believes that the load time and the subject contents are appropriated. In what concerns evaluation, however, conclusions, although not consensual are considered inappropriate.

They consider the organization and performing of extracurricular activities as a surplus value at school, mainly in diversified activities and school sport.

They maintain that for the promoting of a quality school, Physical Education and its professionals must, above all, work on the importance of the subject. In what concerns the support to the subject, headmasters consider they are already doing what can be done.

Headmasters consider this subject can become more motivating for the students if it becomes more eclectic, respecting to the experiences it can provide its students, instead of merely promoting the sportive success.

Working in the commitment of sport to the students' lives and in the development of its potential to the students' education, should be a major concern.

KEYWORDS: School, Physical Education, School Headmasters, expectations.

ÍNDICE GERAL

PARTE I	
Dedicatória	VII
Agradecimentos	IX
Resumo	XI
Abstract	XIII
Índice de quadros	XVII
Introdução	19

PARTE II		
2	CAPITULO I – A ESCOLA	25
1.1	A Escola: conceito e fundamento	25
1.2	A Escola: a sua organização em Portugal	31
1.3	A Escola: os seus objetivos em Portugal	34
1.4	A Escola de Qualidade: sentidos e perspetivas.	37
		45
2	CAPITULO II – A EDUCAÇÃO FÍSICA	
2.1	Educação Física: conceito	45
2.2	Panorama nacional e internacional da Educação Física	48
2.3	A importância da Educação Física na sociedade atual e na escola	53
2.4	A Educação Física: constrangimentos e oportunidades	60
2.4.1	Os constrangimentos da Educação Física	60
2.4.2	As oportunidades da Educação Física	66

PARTE III		
3	METODOLOGIA	77
3.1	Introdução	77
3.2	Campo de Estudo	78
3.3	Instrumento de Pesquisa	79
3.4	Procedimentos	81

3.5	Técnica de Análise dos dados	81
3.6	Sistema categorial	82
<hr/>		
PARTE IV		
<hr/>		
4	APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	99
4.1	Apresentação e discussão dos resultados	99
4.2	Conclusões	132
<hr/>		
PARTE V		
<hr/>		
	Bibliografia	139
	Anexo – Guião da entrevista	157
<hr/>		

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela nº 1 - O significado da disciplina de Educação Física	99
Tabela nº 2 - A disciplina de Educação Física e a construção de uma escola de qualidade	102
Tabela nº 3 - Importância da Educação Física na formação dos alunos	105
Tabela nº 4 - O peso da nota da disciplina classificação final do secundário	108
Tabela nº 5 - Os alunos e a disciplina de Educação Física	110
Tabela nº 6 - Carga horária da disciplina de Educação Física	113
Tabela nº 7 - Os conteúdos da disciplina de Educação Física	115
Tabela nº 8 - A avaliação dos alunos em Educação Física	116
Tabela nº 9 - valorização na disciplina de Educação Física	117
Tabela nº 10 - Organização de atividades extracurriculares na Escola	121
Tabela nº 11 - Realização de atividades	124
Tabela nº 12 - A Educação Física e os seus profissionais numa escola de qualidade	127
Tabela nº 13 - Os órgãos de gestão da escola e a Educação Física	130

INTRODUÇÃO

Discussões têm surgido no âmbito do sucesso escolar. A literatura e trabalhos publicados sugerem uma interação entre vários contextos e atores sociais ligados à escola: a família e o sistema político, a escola e os grupos de pares, cada um com o seu devido valor e importância (Formiga, 2007).

A escola é um espaço que se quer apropriado às necessidades dos seus alunos. Todas as estruturas incluídas nas escolas devem trabalhar em conjunto no sentido de melhor fazer para melhor colher. Os êxitos dos alunos dependem em parte desse trabalho conjunto. Uma escola de excelência requer uma capacidade de excelência na formação e preparação dos seus alunos para a sua vida futura.

A escola é, cada vez mais, a verdadeira casa dos seus alunos. O tempo que os alunos passam na escola justifica a continuidade na busca de uma escola de Excelência. Pensamos que a Educação Física pode ter um papel importante nesta consideração. Ao encararmos como importante o papel da Educação Física na formação dos alunos torna-se de facto bastante útil recolher todas as informações pertinentes que possam ser consideradas nas avaliações futuras da disciplina.

Ao longo dos anos, constata-se que a importância atribuída ao papel da Educação Física no contexto educativo tem vindo a aumentar (Domínguez, Rosales & Benito, 1999), sendo hoje impossível não reconhecer o seu contributo para o desenvolvimento integral e harmonioso dos indivíduos (Matos, 2000).

A disciplina de Educação Física tenta dar aos seus alunos uma formação desportiva de base, aumentando de forma programada as suas capacidades motoras e despertando alegria e prazer através do movimento (Botelho & Duarte, 1999).

Segundo Matos e Graça (1991), a Educação Física é reconhecida como disciplina de um papel privilegiado na promoção e criação de hábitos de vida saudáveis. É importante pela criação dos requisitos para a aquisição de um estilo de vida ativo, impondo-se esta promoção como meta de qualquer sistema educativo, já que muitas

crianças não terão, na sua vida, outra oportunidade de praticar atividade física de forma organizada e regular.

A preocupação fundamental do professor deve ser fazer com que o processo de aprendizagem seja gratificante e sentido como importante para ao aluno, tentando introduzir nas suas aulas a necessidade de criação de hábitos de atividade física regular. A educação da saúde na Educação Física deve ser vista como um objetivo a atingir a longo prazo (Mota, 1991).

Para que alunos, professores, diretores e os demais intervenientes no projeto escola se identifiquem com um estilo de vida fisicamente ativo é fundamental que todos comecem a prestar atenção e tentem compreender determinados aspetos relacionados com os alunos, dos quais se destacam as suas motivações, perceções e o seu envolvimento com a Educação Física. Só assim poderemos realizar e identificar as necessidades e expectativas dos alunos, face à “Escola” e à “Educação Física”.

Desta forma, é essencial construir uma Educação Física que se prolongue para a vida, no âmbito do desenvolvimento dos valores pessoais e sociais, que defenda os interesses dos alunos e da sociedade, enquanto oferta da comunidade educativa (Pires, 2003).

O nosso estudo, intitulado “O contributo da Educação Física para a construção de uma escola de excelência: Estudo centrado nos diretores das escolas do secundário do concelho de Viseu” é considerado de extrema importância. Ao considerar importante o papel da Educação Física na formação dos alunos como homens de amanhã, é de facto bastante útil recolher todas as informações pertinentes que possam ser consideradas nas avaliações futuras da disciplina.

O estudo tem como principal função objetivar o pensamento dos Diretores das escolas em relação à importância da Educação Física no futuro da escola. Neste campo os Diretores das escolas terão, certamente, um papel importante, já que a sua influência nas decisões do futuro da escola é bastante notório no padrão atual. Estes conhecimentos possibilitam o enquadramento das opiniões dos Diretores escolares no

contexto escolar e, desta forma elucidarmo-nos acerca da influência da Educação Física, segundo a sua opinião, na construção de uma escola de excelência.

O estudo afigura-se fundamentado numa pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, tendo como instrumento a revisão da literatura disponível nas áreas da Educação Física, Psicologia, em fontes bibliográficas convencionais e eletrónicas.

Tem como principais objetivos: identificar as representações que os Diretores escolares do ensino secundário revelam sobre a disciplina de Educação Física; ii) caracterizar os aspetos mais e menos valorizados por eles na disciplina de Educação Física; iii) conhecer as aspirações que os mesmos expressam sobre a referida disciplina.

O presente documento apresenta-se dividido em cinco partes. Na primeira parte encontra-se a introdução. Na segunda parte dois capítulos de revisão bibliográfica com o tema “escola” e “Educação Física”, respetivamente. A terceira parte retrata a metodologia a utilizar no estudo especificando qual o campo, o instrumento de pesquisa a abordagem, os procedimentos e a técnica de análise dos dados. Na quarta parte apresentaremos os resultados, sua análise e discussão, assim como as conclusões e considerações finais. A quinta e última parte apresenta a bibliografia utilizada e anexo.

PARTE II

Revisão da Literatura

CAPITULO I – A ESCOLA

1.1 - A Escola: conceito e fundamento

O termo Escola deriva do latim *schola* e refere-se ao estabelecimento onde se dá qualquer género de instrução. Nos dias que correm todos têm alguma coisa para dizer sobre o ensino, todos têm opiniões formadas e sabem até apontar as causas do atual estado da educação. Se forem os mais velhos a falar, esses fazem até comparações entre o ensino no seu tempo e o ensino dos dias de hoje. O certo é que o papel da escola, nos dias atuais, é muito mais abrangente do que o papel transmissivo de conhecimentos pelo que, tradicionalmente, era reconhecida.

A escola é uma entidade, por excelência, de referência social e obtém um papel de extrema importância em qualquer sociedade. A seguir ao tempo passado em casa, é onde os mais jovens, permanecem durante mais horas e estabelecem a maior parte das suas relações. A palavra Escola permite aludir ao ensino e educação que se dá ou que se recebe. Não se trata só de prédios, salas, quadros, programas, horários e conceitos. Escola é, sobretudo, gente, gente que trabalha, que estuda, que se alegra, se conhece, se estima. E a escola será cada vez melhor na medida em que cada um se comporte como colega, amigo, irmão. A importância da escola não se reflete só no estudar, não é só trabalhar, é também construir a sociedade do futuro ou o futuro da sociedade. Na escola, num ambiente com menos envolvimento afetivo do que na família, o aluno vai vivenciar conflitos, rivalizar e tomar decisões de acordo com a experiência adquirida (Ferreira, 2000).

“A escola é uma instituição de reprodução social, mas também possível espaço social de transformação” (Ferreira, 2000, p. 5).

As mães de família sentem cada vez mais a necessidade de trabalhar. Os casais sentem a necessidade de ter dois salários para elevar o nível de vida e, fazer face às despesas, cada vez maiores, dos seus filhos com a sua educação. Desta forma, os alunos passam cada vez mais tempo nas diversas instituições com responsabilidade na sua educação. A escola é de todas, aquela em que mais responsabilidade se coloca, e se

espera que substitua a grande ausência da família na vida das crianças e adolescentes. Na escola são difundidos os conhecimentos e comportamentos culturais, sociais e científicos que possibilitam aos jovens uma incorporação harmonizada à sociedade. Para que todas as crianças tenham as mesmas oportunidades e para que a assimilação dos conhecimentos básicos seja efetiva, a escola assume um carácter obrigatório. Essa obrigatoriedade implica uma participação não voluntária dos seus intervenientes, o que por vezes se torna desagradável. Importa então que se criem condições favoráveis para que a passagem por ela seja marcada por experiências que o indivíduo deseje repetir ao longo da vida, mesmo na ausência da sua obrigação (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico [OCDE], 1985).

Tendo em conta a diversidade da população escolar e a concretização do princípio de igualdade de oportunidades, existe uma grande contradição, que não pode passar pela uniformização. Primeiro, a escola de formação persegue objetivos de formação niveladores, nacionais e mesmo universais. Mas, a escola enquanto instituição local tem a necessidade de adaptação dos objetivos à realidade e necessidade local, uma vez que há alunos que dão sentidos diferentes aos conhecimentos adquiridos na escola. Isto é, há alunos que adquirem fora da escola o sentido para as aprendizagens atingidas, enquanto outros, têm que encontrar dentro da própria escola o sentido e utilidade para as suas aprendizagens (Neves & Pedro, 1987, cit. por Costa, 1997).

A escola não pode ignorar que a relação entre as culturas é uma relação desigual e deixar de ter como objetivo principal o acesso à *cultura padrão*. Ou seja, a escola deve ter objetivos comuns para a sociedade nacional ou mesmo internacional. Contudo, para que as aprendizagens sejam efetivas é necessário que a escola assente o seu processo ensino/aprendizagem num quadro integrador de sentido cultural local e, permitir progressivo alargamento à cidadania. Assim, o acesso à *cultura padrão* obriga ao conhecimento e reconhecimento das diferentes culturas existentes (Costa, 1997).

Segundo um estudo da OCDE a escola deve-se desenredar em soluções para as diversas aptidões e interesses dos demais alunos. Segundo a OCDE um considerável número de alunos não se sente interessado pelos estudos gerais. Desta forma, a escola tem alguma dificuldade em dar soluções para os alunos que não se interessam pelo

estudo (OCDE, 1992). A entrada para a escola corta, pela primeira vez, com a afetividade familiar no processo de aprendizagem, onde a criança passa a ser confrontada com as exigências de um sistema educativo (OCDE, cit. por Ferreira, 2000).

A escola, nos dias de hoje, tem que ter as suas portas abertas à comunidade. Tem que definir estratégias inclusivas a diferentes níveis de participação. As instâncias que rodeiam a escola e o próprio espaço onde ela se insere assim o exigem. Não pode passar a ideia que existe para fornecer uma educação de forma autoritária, fazendo do educando mero depósito do saber. Deve haver a capacidade de fazer com que o aluno participe de forma ativa no seu próprio conhecimento (Costa, 1997).

“... os adolescentes não se sentem atraídos pelos estudos gerais, ainda que o programa lhes ofereça como opção uma selecção mais ampla de cursos. Assim, uma das dificuldades com que a escola dos nossos dias se confronta refere-se à presença de uma minúria bastante considerável de alunos que quase não têm interesse pelo estudo ...” (OCDE, 1992, p.25)

Para Stoer (2000) a escola atual, face às mutações do sistema social e económico, está mais focada nestas alterações do que nas consequências da evolução das escolas de massas. No entanto, é uma circunstância natural, uma vez que a escola democrática defende essencialmente os direitos humanos básicos. Assim, a igualdade de oportunidades de sucesso fazem cada vez mais parte do espaço educativo. Para este autor em Portugal, apesar de ainda haver uma discrepância importante entre a natureza do estado e a sua relação com a sociedade civil, existe uma transformação na direção de, cada vez mais, defender a igualdade dos direitos de todos os civis.

A escola está num contexto onde se processam aprendizagens que não escapam da formação e reprodução de valores, onde se pergunta sobre os problemas e situações da vida. A escola não escapa de uma formação ética. O significado central para a escola é sobre quais normas e valores ela assenta a sua formação. Segundo Ahlert (2003) três formas foram desenvolvidas historicamente: Teoria escolar; Formação filosófica; Formação política.

- (i) No contexto da Teoria da Escola a educação ética faz parte dessa reflexão. A escola pode ir além da tarefa da educação ética construída na família. Nas novas teorias sobre a escola está presente a função da escola, enquanto formação de normas e de valores, sobretudo numa perspetiva crítica. A escola deve ser vista como uma “pólis” onde a educação tem um profundo sentido democrático e participativo.
- (ii) Na teoria da Formação filosófica existe uma longa tradição que coloca a função da escola como educação ética. Para Johan Amos Comenius, a formação escolar sem uma dimensão ética é praticamente impossível de ser concebida.
- (iii) Já a teoria da Formação política acentua a relação entre a política e o poder. Esta nasce de uma relação que se estabelece entre as pessoas ou grupos de uma sociedade. A crise ética na política é fruto de uma disputa pelo poder que coloca sob domínio um grupo ou pessoas, por outro grupo ou pessoas. O poder está imediatamente associado ao domínio, à dominação, à subordinação, à resignação.

“Educar é levar aquele que está num saber mais baixo para um saber mais alto (...). O que torna patente o carácter instrumental do ensino, da aprendizagem e dos saberes e competências.

Educar é por conseguinte e obviamente, mudar e modificar” (Bento, 1999, p.25).

Para Savater (1997) falamos muitas vezes de educação/escola no sentido de um modelo igualitário. No entanto, esta ideia demasiado abstrata de educação não se aplica. A educação deve ter como principal objetivo imprimir melhor orientação social, de acordo com o pensamento da comunidade onde se insere. *“... processo de ensino nunca é uma pura transmissão de conhecimentos objetivos ou de destrezas práticas, mas é sempre acompanhado de um ideal de vida e de um projeto de sociedade.”* (p. 102)

De acordo com Cunha (2008) a escola vive, atualmente, num paradoxo entre a rigidez funcional e organizacional sem permeabilidade às influências externas à escola e os ventos Pós-modernos que põem em causa os modelos tradicionais de ensino. Os

próprios professores vivem uma crise de identidade, trabalhando com o sistema atual mas observando a presença de várias mudanças na escola de hoje (Cunha,2008).

Aliás, Cunha (2008), a propósito da conflitualidade entre o que se passa dentro da escola e o fora da escola refere: *“Para a maioria dos professores, os modelos da modernidade ainda continuam válidos, (seguros), considerando as mudanças de “hoje” como simples reflexos de uma crise conjuntural de valores, destinada a ser superada mais cedo ou mais tarde – a esperança.”* (p. 140) *“Até agora, a tradição estava ancorada na acção pedagógica programática, isto é no currículo, no programa, nos conteúdos, nos objectivos e na avaliação. Sem querer negar isso, defendemos uma acção pedagógica estratégica, dinâmica que deambula entre a certeza e a incerteza, a probabilidade e a improbabilidade, ambas características da Pós-Modernidade.”* (p. 147).

Educação é permitir que todas as pessoas tenham acesso ao diálogo inesgotável de culturas e de povos. A discriminação gerada pelo preconceito merece ser combatida por todos os meios pedagógicos disponíveis pela comunidade escolar. O projeto de cada comunidade é o ponto de partida para as estratégias educativas que têm como destinatários todos os elementos integrantes da comunidade (Carneiro, 2001).

É necessário valorizar *“a educação de todos e ao longo de toda a vida, se imponha a cada indivíduo como necessária ao seu aperfeiçoamento pessoal e profissional, à sua adaptação ao mercado de trabalho e, em última análise, à sobrevivência com qualidade num mundo em constante mudança, dominado pela incerteza quanto ao futuro.”* (Diário da República, 2.^a série — N.º 21 — 30 de janeiro de 2012, p. 3581)

A educação, segundo Delors (1996), deve constituir-se em volta de quatro aprendizagens fundamentais que ao longo de toda vida serão os pilares do conhecimento: aprender a conhecer, isto é, adquirir os instrumentos da compreensão; aprender a fazer, para poder agir sobre o meio envolvente; aprender a viver juntos, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; finalmente, aprender a ser, via essencial que integra as três anteriores.

De uma forma geral, o ensino formal orienta-se, essencialmente, para o aprender a conhecer e, de forma mais diminuta, para o aprender a fazer. As duas outras aprendizagens dependem de circunstâncias aleatórias, quando não são tidas como extensão natural das duas primeiras. No entanto, o que se deveria passar era uma visão ou peso equitativo para todos os "quatro pilares do conhecimento". E, desta forma, apresentar a educação como uma experiência global (Delors *et al.*,1996).

Para Delors et al. (1996) aprender a conhecer entende-se como o domínio dos próprios instrumentos do conhecimento. A escola deveria pretender que cada um aprenda a compreender o mundo que o rodeia, pelo menos na medida em que isso lhe é necessário para viver dignamente, para desenvolver as suas capacidades profissionais e mesmo comunicar. Desta forma, encontrar o prazer de compreender, de conhecer, de descobrir. A tendência para prolongar a escolaridade e o tempo livre deveria levar os adultos a apresentar cada vez mais gosto pela descoberta e pelo conhecimento. O aumento dos conhecimentos, que permite compreender melhor o mundo que nos rodeia nas suas diversas especificidades, favorece, também, a curiosidade e interesse pelo desconhecido. Desta forma, estimula o sentido crítico, permite compreender o real e contribui para a construção do futuro. Aprender para conhecer supõe aprender a aprender, treinando a atenção, a memória e o pensamento. A escola pode ser considerada bem-sucedida se conseguir transmitir às pessoas o impulso e as bases que façam com que continuem a aprender e mantenham o interesse ao longo de toda a vida.

Nesse sentido, *“a educação e formação são setores decisivos na evolução dos países e fatores importantes de coesão social, considerada como fonte de renovação das pessoas e das comunidades”* (Diário da República, 2.^a série — N.º 21 — 30 de janeiro de 2012, p.3581)

Hoje, impõe-se a ideia de uma “educação permanente”, obrigando a Escola a definir-se como um primeiro momento de muitos outros. Quando se fala de “educação permanente” ou de “educação e formação ao longo da vida”, há, por vezes, uma tendência para valorizar certas competências técnicas, em detrimento do conhecimento, da ciência e da cultura. Para muitos autores é necessário “aprender a aprender”, ganhar

ou procurar autonomia no saber. Tudo isto pode ser verdade mas, as aprendizagens não se fazem sem uma base de conhecimento. Desta forma, não devemos curvar às modas instrumentais e temos de dar mais atenção aos conhecimentos e às disciplinas que desenvolvem os nossos alunos (Nóvoa, 2006).

Uma pessoa com uma boa formação deve ter sempre um bom equilíbrio entre cultura geral e um conhecimento específico. Deve-se, do princípio ao fim do ensino, estimular estas duas vertentes. A cultura geral tem uma forte importância, na medida que facilita a capacidade de comunicação entre as pessoas. A escola está estreitamente ligada à questão da formação profissional, uma vez que ensinar os alunos a pôr em prática os seus conhecimentos acaba por ser uma exigência da vida. A Escola tem que ter em mente, também, como adaptar a educação ao trabalho futuro quando não se sabe qual será (Delors *et al.*,1996).

1.2 - A Escola: a sua organização em Portugal

Segundo a Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE, 1986), Lei n.º 46/1986 de 14 de Outubro, a lei portuguesa confere um conjunto de meios pelo qual se concretiza o direito à educação. Segundo a LBSE, o sistema educativo desenvolve-se segundo um conjunto organizado de estruturas na totalidade do território nacional e de ações diversificadas, por iniciativa e sob responsabilidade de diferentes instituições, entidades públicas, particulares e cooperativas. Deve abranger todo o território português - continente e regiões autónomas, mas deve ter flexibilidade suficiente para chegar à generalidade dos países e locais em que vivam comunidades portuguesas ou de alguma forma exista interesse na cultura portuguesa.

A LBSE (1986) é consagrada por princípios gerais que defendem o direito à educação por parte de todos os portugueses; à igualdade de oportunidades no acesso e sucesso escolar; ao princípio da liberdade de aprender e de ensinar, com tolerância para as escolhas possíveis; ao respeito pela realidade social, contribuindo para o desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade dos indivíduos e promoção do

desenvolvimento do espírito democrático e pluralista, respeitador dos outros e das suas ideias.

Existem, também, na LBSE, princípios organizativos que contribuem para: a defesa da identidade nacional; a realização do desenvolvimento do educando na sua personalidade; a formação cívica e moral dos jovens; a defesa do direito à diferença de pensamento e ideias; a preparação para o mercado de trabalho; a realização pessoal e comunitária dos indivíduos; uma correta adaptação às realidades e adequada inserção no meio comunitário; a correção das assimetrias de desenvolvimento regional e local; a possibilidade de todas as pessoas usufruírem de uma segunda oportunidade na sua formação escolar; uma participação dos intervenientes do processo educativo na política educativa; assegurar a igualdade de oportunidade para ambos os sexos.

Relativamente á sua organização geral o sistema educativo compreende a educação pré--escolar, a educação escolar e a educação extraescolar.



Figura 1 – Sistema Educativo português (Fonte: www.cdp.portodigital.pt/).

A função principal da educação pré-escolar é complementar a ação educativa da família, com a qual estabelece estreita cooperação. A educação escolar compreende os ensinamentos básicos, secundário e superior. Já a educação extraescolar engloba atividades de alfabetização e de educação de base, de aperfeiçoamento, de reconversão e atualização cultural, profissional e científica.

A alteração à LBSE Lei n.º 46/1986, de 14 de Outubro, pela lei n.º 85/2009, de 27 de Agosto, estabelece uma alteração do regime da escolaridade obrigatória vigente até então.

A presente alteração à LBSE consagra no âmbito da escolaridade obrigatória que todas as crianças e jovens, com idades compreendidas entre os 6 e os 18 anos, sejam considerados em escolaridade obrigatória. A escolaridade obrigatória cessa com a obtenção do diploma de curso conferente de nível secundário da educação ou no momento do ano escolar em que o aluno realize os seus 18 anos. Consagra também a universalidade da educação pré-escolar para as crianças a partir dos 5 anos de idade.

É de salientar que a presente alteração refere que só vigora para os alunos que se matriculem para o ano letivo 2009/10 em todos os anos do 1º e 2º ciclo e, no 7º ano de escolaridade.

O ensino obrigatório, segundo a LBSE, deve ser gratuito em todos os seus diversos custos, tais como: propinas, taxas, emolumentos relacionados com a matrícula, frequência e certificação, podendo, ainda, dispor gratuitamente do uso de livros e material escolar, bem como de transporte, alimentação e alojamento, quando necessários.

Relativamente ao ensino básico a sua estrutura encontra-se dividida em três ciclos, sendo o primeiro ciclo de quatro anos, o segundo ciclo de dois anos e o terceiro ciclo de três anos. Os alunos que completarem o ensino básico e, caso se encontrem em idade de escolaridade obrigatória, devem continuar a sua escolaridade no ensino secundário que se encontra constituído em três anos.

A organização escolar, pela LBSE em Portugal, define que têm acesso ao ensino superior os indivíduos habilitados com um curso secundário, ou equivalente, que, cumulativamente, façam prova de capacidade para a sua frequência. Também os indivíduos maiores de 25 anos que não possuam aquela habilitação, façam prova especialmente adequada de capacidade para a sua frequência.

Estão, ainda, previstas na LBSE modalidades especiais de educação escolar tais como: A educação especial; a formação profissional; o ensino recorrente de adultos; o ensino à distância; o ensino português no estrangeiro.

1.3 - A Escola: os seus objetivos em Portugal

A LBSE define os objetivos gerais e específicos de cada momento ou patamar de educação.

A educação pré-escolar tem como principais objetivos a estimulação das capacidades de cada criança; incentivar a observação e compreensão do meio natural e humano; aumentar a estabilidade afetiva da criança; favorecer a formação moral, responsabilidade e liberdade; desenvolver capacidades de sociabilização; aumentar a capacidade de comunicação e expressão da criança; inculcar hábitos de boa saúde e higiene; identificar dificuldades de adaptação e deficiências com o objetivo de melhor solucionar o problema.

Relativamente ao ensino básico, fazem parte dos seus objetivos: formar, de um modo geral, todos os portugueses; com a formação assegurar o saber e o saber fazer, a cultura escolar e a cultura do quotidiano; estimular aptidões no domínio das atividades físicas e motoras; propiciar a aprendizagem de uma primeira língua estrangeira e a iniciação de uma segunda; proporcionar a obtenção de conhecimentos de base para o futuro da sua carreira académica e, ou profissional; desenvolver a consciência nacional aberta à realidade concreta numa perspetiva de solidariedade e cooperação internacional; promover o conhecimento e o orgulho pela identidade, língua, história e cultura portuguesa; promover experiências que desenvolvam o orgulho pela família e a maturidade cívica e sócio afetiva para as atitudes futuras; promover atitudes autónomas

de formação, visando a formação a cívica e de atitudes democráticas; promover as condições adequadas para que crianças com deficiências e dificuldades de adaptação tenham o aproveitamento das suas capacidades; promover o gosto pelo conhecimento e sua atualização; aproximar escola e família nas orientações educacionais da criança; criar a todos os alunos as condições necessárias para o sucesso escolar e educativo; promover a consciencialização das noções de educação cívica.

Existem, ainda, objetivos específicos para cada ciclo do ensino básico que se integram nos objetivos gerais do ensino básico.

Para o ensino no primeiro ciclo os objetivos compõem-se no desenvolvimento da linguagem oral e o desenvolvimento progressivo do domínio da leitura e da escrita, das noções de aritmética e do cálculo, do meio físico e social, das expressões plásticas, dramática, musical e motora.

O segundo ciclo é constituído por objetivos específicos que incidem na formação humanista, científica e tecnológica, artística, física e desportiva e a educação moral e cívica. Deve ser realizada para que os alunos assimilem a informação com criatividade e de forma crítica, de modo a possibilitar a aquisição de métodos e instrumentos de trabalho e de conhecimentos que lhes permitam progredir na sua formação e consciencialização da comunidade e seus problemas.

Relativamente ao terceiro ciclo, os objetivos incidem na aquisição sistemática e diferenciada da cultura moderna, nas suas dimensões humanistas, literária, artística, física e desportiva, científica e tecnológica, importantes no ingresso da vida ativa ou continuação dos estudos. Fazem, ainda, parte a orientação escolar e profissional que facilite e melhore a transferência para a vida ativa.

A educação no ensino secundário tem como objetivos: assegurar o desenvolvimento do raciocínio, da reflexão e da curiosidade científica e o aprofundamento dos elementos fundamentais de uma cultura, para a eventual continuidade dos estudos ou inserção na vida ativa; desenvolver a compreensão das manifestações estéticas e culturais e dar a possibilidade de melhorar a sua expressão artística; desenvolver através do estudo, da reflexão crítica, da observação e da

experimentação, o estudo, de uma forma cada vez mais aprofundada; desenvolver interesses sociais e de sociedade no âmbito da resolução problemas nacionais e internacionais; proporcionar contactos com o mundo exterior, fortalecendo o papel da escola na comunidade e a sua função como elo de ligação entre teoria e a prática da vida ativa; criar as condições de entrada no mercado de trabalho, favorecendo uma orientação e formação profissional que melhor sirva os interesses dos alunos; fomentar hábitos de trabalho, individual e em grupo, e favorecer o desenvolvimento de atitudes de reflexão metódica, de sensibilidade e adaptação à mudança.

De acordo com a Recomendação n.º 2/2012 (Recomendação sobre O Estado da Educação: A qualificação dos portugueses, aprovada em 13 de Setembro de 2011) do Conselho Nacional de Educação (CNE), as estatísticas sobre a escolarização dos portugueses começam a revelar efeitos positivos do esforço realizado. Se é certo que a primeira geração abrangida pelo alargamento da escolaridade de nove anos se concentra hoje no grupo etário dos 25 aos 34 anos e, que é nessas idades que o nível de escolarização mais progrediu, também é certo que persistem as baixas qualificações dos adultos ativos.

A Educação para Todos é o desafio do prolongamento da escolaridade obrigatória. Na análise da política educativa, uma das prioridades do CNE é o acompanhamento da evolução do acesso, da garantia de equidade e da qualidade da educação dos portugueses. Recorde-se que a Organização das Nações Unidas para a educação, ciência e cultura (UNESCO) considerou a Educação para Todos (EPT) — Declaração de Jomtien (1990) — como sendo o cerne do progresso de todos os povos. Neste capítulo, o relatório apresenta evoluções positivas, onde os jovens portugueses denotam-se, hoje, muito mais qualificados do que estavam no início da década de 2000. Isto, certamente, fruto do alargamento da educação em todos os níveis de ensino, inclusive na educação de infância. Também na formação dos professores houve um investimento significativo no aperfeiçoamento das suas qualificações. Em resultado das várias políticas verificou-se, também, uma diminuição apreciável dos níveis de abandono da escola básica e secundária.

No entanto, apesar das evoluções positivas que o relatório revela, existem, também, alguns pontos a melhorar, como era de esperar, entre os quais, o desfasamento etário existente nos ensinamentos básico e secundário que ganha algum peso. Este facto revela que o insucesso marca, desde muito cedo, a história escolar de um número significativo de alunos. O relatório revela que se mantém a dificuldade em intervir aos primeiros sinais de dificuldade, acautelando que os alunos acumulem dificuldades. O CNE tem aconselhado o investimento em estratégias de prevenção e a intensificação do trabalho na escola, como medidas para combater este problema.

Em suma, o relatório realça que se tem constatado uma melhoria progressiva dos níveis de qualificação da população portuguesa e do abandono precoce na última década. Continuando, todavia, a necessidade de recuperação que nos permitam vencer o atraso e atingir as metas com que nos comprometemos para 2020.

1.4 - A Escola de Qualidade: sentidos e perspetivas.

O termo qualidade/excelência pode ter vários sentidos. Os dicionários definem o termo como “grau mais ou menos elevado de uma escala de valores” ou ainda “atributo, carácter, propriedade”. É primordial que a avaliação da qualidade se traduza em propostas para se procederem melhoramentos, as questões relativas às competências e aos métodos pedagógicos, ao programa de estudos, aos manuais escolares, e até à própria organização da escola (OCDE, 1992).

“Quando a palavra qualidade significa grau de excelência, ela cobre, por um lado, o valor, que decorre essencialmente de um parecer, e, por outro lado, a posição ocupada pelo objeto considerado numa escala implícita que vai do bom ao mau” (OCDE, 1992, p. 41).

Devido à complexidade do que é esperado em relação à educação, as indecisões de como construir a escola são muitas, desta forma, é necessário encarar todos os desafios como caminhos necessários para que se atinja o fim desejado. A escola de excelência ou de qualidade é uma expressão frequentemente utilizada. Segundo a OCDE (1992) a “qualidade do ensino obrigatório” é um tema colocado à discussão por

várias organizações e pela própria OCDE. Para a OCDE (1992) é extremamente difícil analisar a qualidade das escolas e dar uma definição clara e única desta noção. Começando pela incompatibilidade de avaliar, propor soluções e estratégias e, definir a qualidade das escolas coletivamente de todos os países da OCDE.

Segundo a OCDE (1992) não existe uma forma precisa para a melhoria instantânea de todas as escolas. A melhor forma de falar de ensino de qualidade/excelência é através da enumeração de características que englobam a realização de todos os objetivos de uma escola: (i) O desejo de atingir normas e finalidades claramente definidas e de comum acordo; (ii) Uma planificação em colaboração, uma tomada de decisões comum e um trabalho colegial empreendido num espírito de experimentação e de avaliação; (iii) Uma direção dinâmica para o começo de aplicação e a manutenção da melhoria; (iv) Estabilidade do pessoal; (v) Uma estratégia de formação e de aperfeiçoamento do pessoal, correspondente às exigências de cada escola no plano da pedagogia e da organização; (vi) A aplicação de um programa de estudos cuidadosamente elaborado e coordenado, que permita a cada aluno adquirir os conhecimentos teóricos e práticos essenciais; (vii) Um elevado nível de participação e de apoio da parte dos pais; (viii) O reconhecimento dos valores peculiares do estabelecimento e, a adesão a estes valores, mais do que aos valores individuais; (ix) Uma exploração máxima do tempo escolar; (x) O apoio dinâmico e sólido da autoridade escolar competente.

Segundo Bento (2004), a escola está sujeita ao que ele chama de *lei da mudança* pois, deve estar em permanente mudança e atualização. É necessária uma atenção permanente à evolução da praxis humana, à sua dinâmica e mutabilidade. “*A construção, dissolução e reconstrução de conhecimento estão permanentemente na forja.*” (p. 53)

Bento (2004) refere, ainda, que o conhecimento será cada vez mais importante e requisitado em todas as fases da vida e, que a globalização e competitividade aumentarão e irão colocar a fasquia da qualidade e excelência num nível mais alto.

Segundo um relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI coordenada por Jacques Delors, o próximo século submeterá a educação a uma dura obrigação. A educação deve transmitir, de fato, cada vez mais saberes e saber-fazer evolutivos, adaptados à civilização cognitiva pois são a base das competências do futuro. À educação compete fornecer, de algum modo, as diretrizes de um mundo complexo e, em simultâneo, a bússola que permita navegar através dele. Não é suficiente que cada um acumule no começo da vida uma determinada quantidade de conhecimentos. É, antes, necessário estar à altura de aproveitar e explorar, do começo ao fim da vida, todas as ocasiões de atualizar, aprofundar e enriquecer estes primeiros conhecimentos, e de se moldar a um mundo de mutações (Delors *et al.*,1996).

A educação deve ter como objetivo transmitir conhecimentos sobre a diversidade da espécie humana, ao mesmo tempo que leva as pessoas a tomar consciência das semelhanças e da interdependência entre todos os seres humanos do planeta. A escola deve proporcionar uma educação que se baseie, também, na descoberta do outro. A escola deve propiciar à criança e ao adolescente uma visão ajustada do mundo, começando, antes de mais, pela descoberta de si mesmos. Desta forma, poderá colocar-se no lugar dos outros e compreender as suas reações. Incrementar esta atitude de empatia, na escola é muito útil para os comportamentos sociais (Delors *et al.*,1996).

O mundo atual é, muitas vezes, um mundo de violência que trava a esperança e aposta no progresso da humanidade. A educação pode intervir para modificar esta situação real, embora com resultados não imediatos. Poderemos gerar uma educação capaz de acautelar os conflitos, alargando o conhecimento dos outros, das suas culturas, da sua espiritualidade. Quanto melhor entendermos os outros e as suas crenças, mais tolerância teremos para com os seus rituais e pensamentos. Desta forma, estaremos mais preparados para a resolução de futuras divergências de opiniões. As pessoas têm pendor a favor das suas qualidades e da sua comunidade ou etnia em desfavor das outras pessoas ou grupos. É necessário um contacto num contexto de igualdade, com objetivos e projetos em comum para que os preconceitos e a hostilidade desapareçam. A educação

deve, primeiro, promover a descoberta progressiva do outro e, só depois, e ao longo de toda a vida, a participação em projetos comuns (Delors *et al.*, 1996).

Savater (1997) questiona sobre qual o melhor caminho que a escola, no seu papel de educador, deve tomar. Se deve formar Homens completos ou prepará-los ao mais alto nível para o mercado de trabalho. Deve potenciar a autonomia de cada um ou, fomentar a coesão social? Deve desenvolver a inovação ou manter a identidade tradicional? Deve promover modelos de excelência ou manter uma certa neutralidade face à pluralidade de opções ideológicas, religiosas, sexuais e outras formas de viver a vida tais como drogas e tendências da sociedade?

Para todas estas indefinições Savater defende que ser educador é acreditar no otimismo sem pensar e questionar em que consiste a educação (Savater, 1997).

“Porque educar é acreditar na perfectibilidade humana, na capacidade inata de aprender e no desejo de saber que anima, acredita que existem coisas (símbolos, técnicas, valores, memórias, factos, ...) que podem ser sabidas e que merecem sê-lo, que nós, homens, podemos melhorar-nos uns aos outros através do conhecimento.” (Savater, 1997, p.20).

Como um dos principais papéis desempenhados na escola é o dos professores, as várias instituições mundiais (UNESCO, OCDE, Conselho da Europa, Comunidade Europeia, entre outras) consideram a formação dos professores como um item fundamental (Cunha, 2008).

“...a necessidade de formação de professores, na medida em que estes são responsáveis pelo sentido dado aos processos de mudanças sociais, políticas e económicas em curso, arrastando consigo uma crise de valores e onde os sistemas educativos se confrontam com a indispensável tarefa de contribuir para a qualidade de vida e de bem estar de todos os indivíduos...” (Cunha, 2008, p.39).

O confronto, através do diálogo e da troca de argumentos, é um dos instrumentos indispensáveis à educação do século XXI. A educação formal deve pois, reservar tempo e ocasiões suficientes nos seus programas para iniciar os jovens em

projetos de cooperação, logo desde da infância, no campo das atividades desportivas e culturais (Delors *et al.*, 1996).

Segundo a OCDE (1985), o desemprego dos jovens não pára de aumentar. Esta situação, segundo a OCDE, deve-se, em parte, às dificuldades que eles sentem em passar para a idade adulta. Cada vez mais se tem a conceção que essa responsabilidade é imputável às instituições existentes e, em particular, à escola. Mas as responsabilidades devem ser repartidas pelos vários agentes de socialização, que funcionam em paralelo, com enorme falha na cooperação.

Mais do que preparar as crianças para uma dada sociedade, a escola deve fornecer-lhes referências intelectuais que lhes permitam compreender o mundo que as rodeia e, comportar-se nele como autores do seu próprio mundo. Mais do que nunca, a educação parece ter como papel essencial, conferir a todos os seres humanos a liberdade de pensamento, sentimentos e imaginação de que necessitam para desenvolver seus talentos. Desta forma, a educação é, antes de mais nada, uma viagem interior, onde cada estádio corresponde ao desenvolvimento da sua personalidade (Delors *et al.*, 1996).

A educação, com princípios ético-filosóficos, é um processo essencialmente coletivo no qual a aprendizagem e a construção do conhecimento se efetivam, através dos relacionamentos entre os sujeitos e com o todo da vida. Desta forma, a educação tornar-se-ia um processo de conquistas, que proporciona a humanização e a libertação do ser humano. Neste processo e, para que isso se torne realidade, a educação precisa estar repleta de uma ética universal de princípios gerais de organização de uma sociedade justa, fraterna e solidária. A ética, na educação, compreende um processo aberto e de construção e reconstrução do conhecimento. Isto significaria a formação de um ser humano mais flexível, capaz de começar por uma profissão e se adaptar a outra; com competência de aprendizagens permanentes, interagindo com a realidade a fim de se manter vivo a si e aos outros (Ahlert, 2003).

Para Sampaio (1996), a colaboração dos pais no processo de educação das crianças é fundamental. Deve ser distribuída a responsabilidade entre as várias partes interessadas e unir esforços no sentido de melhor fazer, para melhor colher. Segundo o

presente autor, deveria ser celebrado um *contrato-programa* entre professores e pais com a participação dos alunos, onde se definiriam estratégias comuns diretamente relacionadas com o projeto educativo.

A criança, ao de ir para escola, pode ver no professor um modelo a seguir e constituir, portanto, uma fonte no desenvolvimento da sua personalidade. Os professores e a escola podem reforçar ou abalar os alicerces lançados pela família. As que frequentam o ensino pré-escolar têm mais oportunidades de desenvolvimento da personalidade, graças ao contacto com maior variedade de crianças. A escola é uma nova etapa de socialização, a criança realiza aprendizagens reformulando a sua visão do mundo, o que conduz à remodelação da sua personalidade. A escola é um novo mundo para a criança, onde esta efetua um conjunto de aprendizagens sociais e de normas (Pereira, 2002).

O prolongamento e democratização da escolaridade despertaram falsas expectativas nos alunos com menor sucesso escolar. Deve-se reorganizar o ensino, para que as expectativas que ele promove sejam conciliáveis com os empregos relativos ao nível de instrução dos interessados. Pode-se, também, aproximar as várias modalidades de emprego às expectativas criadas pelos alunos. Devemos, ainda, adaptar as expectativas criadas à realizada da sua formação ou condição profissional (OCDE, 1985).

A necessidade de concretização da escola democrática, com base numa educação crítica que tenha como pressupostos a participação ativa, a discussão e o diálogo, assente no princípio “*aprender a democracia pela prática da participação*” (Lima, 2000, p. 34). Na visão deste autor, a escola deve promover uma educação para a decisão e para a responsabilidade social, na procura de sujeitos que “*se tornem presenças marcantes no mundo*” (Freire, 1997, citado por Lima, 2000, p.87).

Para Carbonell Sebarroja (2001), a democracia e a educação são inseparáveis e influenciam-se mutuamente, defendendo que a educação ganha em intensidade quanto maior for a presença da ética democrática na educação e na medida em que, quanto mais públicas e democráticas forem as escolas, mais sólida e profunda é a democracia social.

Segundo Carbonell Sebarroja (2001), uma escola efetivamente democrática entende a participação como a possibilidade de pensar, de respeitar o direito das pessoas de intervir na tomada de decisões que afetam a sua vida. Assim, o objetivo de escola democrática concentra-se num maior interesse às necessidades dos alunos, a um aumento das interações e à criação de um clima de aula mais acolhedor para a aprendizagem.

Para Lima (2000), a escola democrática deve enfrentar o risco de se abrir à participação comunitária. A construção da escola democrática tem, como um dos princípios fundamentais, a democracia participativa, o que traduz o respeito e a crença em cada um, para a possibilidade de transformar a realidade em benefício de todos.

Carbonell Sebarroja (2001, p.106) apresenta alguns significados e características da escola democrática: *“(i) a democracia só se concretiza mediante o equilíbrio entre a liberdade e a igualdade; (ii) a democracia é, em simultâneo, um direito e um dever, um desejo e uma necessidade, que nos ajuda tanto a defender uma causa justa como a modificar uma relação que não nos satisfaz; (iii) a democracia não é uma porta aberta à tolerância e ao relativismo, mas um acesso que conduz ao respeito crítico e ativo; (iv) a democracia favorece a autonomia baseada no diálogo e na colaboração e não no individualismo e no isolamento; (v) a democracia tem de ser eficaz, isto é, obter a máxima eficiência ao serviço da comunidade e capacitar as pessoas para que possam participar com ideias e argumentos no debate e na tomada de decisão.”*

A procura da construção da escola democrática visa a possibilidade da concretização de uma instância educativa que favoreça e oriente para o desenvolvimento da pessoa em toda a sua plenitude, contemplando a aquisição, a compreensão, a operacionalização e o desenvolvimento dos conhecimentos necessários para estar apto a acompanhar o atual mundo em constante mudança (Delors et al., 1996).

A democracia na escola tem de contar com a participação de todos, desde o momento da organização até à tomada de decisões. No entanto, o compromisso da comunidade tem de se traduzir na reivindicação da participação de professores, família,

comunidade, poder central e poder local e de todos os intervenientes no processo educativo, não enquanto tais, mas como cidadãos e cidadãs (Carbonell Sebarroja, 2001).

Numa educação humanística orientada aos valores universais, a abertura ao transcendente e ao mistério constitui componente indissociável do próprio exercício da liberdade pessoal. Desta forma, a assimilação das maravilhas da ciência e do conhecimento positivo é prosseguida ao mais elevado nível teórico e empírico. A doutrina humanista da educação é, por excelência, anti-massificante. Cada pessoa tem direito irrenunciável a definir o seu projecto educativo e a escolher o itinerário que melhor aprouver à realização desse projecto (Carneiro, 2001).

Para Nóvoa (2006), é necessário dirigirmo-nos para o que ele chama de “pensamento novo”, chamando outras instituições para partilhar responsabilidades com a escola, nas áreas de formação/educação dos alunos. Desta forma, a escola estaria mais centrada na aprendizagem escolar. Ao mesmo tempo deveria ser criado um novo “modelo de Escola” que esteja mais direccionado para as necessidades do século XXI. É impossível continuar a exigir que a Escola faça tudo, que ela cumpra um conjunto tão vasto de necessidades. Importa, por isso, clarificar o seu papel na aprendizagem dos alunos, tornando-a mais escolar, chamando outras instâncias (sociais, familiares, culturais, religiosas, etc.) a participar na tarefa de educar as crianças e os jovens.

“Estou a pensar no que tenho designado por espaço público da Educação, um espaço que integra a Escola como um dos seus polos principais, mas que é ocupado por uma diversidade de outras instâncias familiares e sociais” (Nóvoa, 2006, p.115).

CAPITULO II - EDUCAÇÃO FÍSICA

2.1 - Educação Física: conceitos

A Escola e a Educação Física devem criar condições para que cada aluno, individualmente, desenvolva plenamente as suas potencialidades, adquirindo conhecimentos e gosto pelas atividades físicas e desportivas e as eleja como um modo de vida. Devem, ainda, tentar contextualizar e compreender como os alunos as vêem, uma vez que só existem por sua causa (Marques, 2003).

Nos últimos anos, temos relacionado a Educação Física a uma perspetiva cultural e, é a partir deste referencial, que se considera a Educação Física como parte da cultura humana, ou seja, práticas ligadas ao corpo e ao movimento, criadas pelo homem ao longo de sua história. A Educação Física consiste no estímulo da atividade criativa do aluno, no desenvolvimento orgânico e funcional da criança, conquistando, através de atividades físicas, a melhoria dos fatores de coordenação e execução de movimentos.

Para Tani (2007), é importante esclarecer qual o papel da Educação Física, no intuito de valorizar o seu papel e clarificar a sua identidade. Para o autor, é importante esclarecer se a Educação Física é: atividade ou disciplina curricular; ensina atividade ou conhecimento acerca da atividade; é ou não identificável se a disciplina foi bem ou mal sucedida na formação de uma criança. Embora as respostas não sejam fáceis, o autor defende três linhas de saída para este impasse. A primeira é distinguir a educação escolar da educação no seu sentido lato. A sociedade não deve eximir-se da responsabilidade de educar, compreendendo que a escola não pode resolver todos os problemas sozinha. Ao reconhecer esta necessidade, a sociedade compreenderá melhor o papel da escola, da educação e, naturalmente, da educação Física. A segunda, é esclarecer que a prática desportiva é o meio pelo qual a Educação Física impulsiona a aquisição de saberes e valores, inerentes ao seu conteúdo de ensino e à vida do Homem. Nem toda a atividade física é Educação Física, para tal é necessário que esta esteja ligada às suas categorias e tenha intenção pedagógica. A terceira é a identificação da

área de conhecimento a ser transmitida pela Educação Física. O autor considera que fazem parte desta área os mencionados grandes grupos ou categorias da cultura do movimento humano.

A disciplina curricular de Educação Física, ao compreender o desporto como uma forma específica de lidar com a corporalidade e compreendê-la como conteúdo, está intrinsecamente associada a esse processo de construção corporal (Bento, 1998).

Almada (1995) considera que estudar o conhecimento que o desporto pode ter sobre diversos temas é muito importante. É da opinião que o desporto servirá de base para elevar o trabalho ao nível do desenvolvimento de competências dos alunos.

“O desporto ninguém o nega, tem um peso enorme na dinâmica da sociedade em que se integra, em virtude dos meios que utiliza, das motivações que gera, dos recursos que mobiliza e das paixões que consegue despertar” (Almada, 1995, p.51).

A Educação Física envolve atividade física mas, como já referido anteriormente, nem toda atividade física é educação física. Para que uma atividade física seja educação física, há que existir uma intencionalidade, um projeto pedagógico. Como se sabe, o movimento é o elemento fundamental que possibilita a interação do ser humano com o meio ambiente e, portanto, o seu não desenvolvimento tornaria a educação da criança seguramente incompleta. Poderemos, também, atribuir à educação física a responsabilidade de facilitar à criança o acesso à cultura de movimento, ou mesmo, inculcar-lhe a utilização da atividade física como um meio para a promoção da saúde, do crescimento físico e de hábitos saudáveis na criança (Tani, G., Manoel, E.J., Kokubun, E. & Proença, J.E., 1988).

De Marco (1995 p.77) salienta que a Educação Física também deve ser: *“(…) um espaço educativo privilegiado para promover as relações interpessoais, a auto-estima e a autoconfiança, valorizando-se aquilo que cada indivíduo é capaz de fazer em função de suas possibilidades e limitações pessoais (...)”*.

As atividades devem ser adequadas ao estado de desenvolvimento de cada criança para, assim, fazer com que os movimentos sejam próprios ao seu grau de

desenvolvimento morfológico, o que contribui de maneira significativa para o avanço orgânico e funcional dos alunos em cada etapa de sua vida escolar (Barros & Barros, 1972).

Já Freire (1991) atribui à Educação Física um papel de ensino de movimentos, respeitando as individualidades da criança, o incentivo à liberdade individual. Neste contexto, o professor deve aplicar as atividades físicas por meio de exercícios de fácil execução, com a graduação adequada para cada idade e tendo em conta a evolução física e psíquica do aluno.

A disciplina de Educação Física tem por objetivo dar aos seus alunos uma formação desportiva de base, aumentando, de forma planeada, as suas capacidades motoras e despertando alegria e prazer através do movimento (Botelho & Duarte, 1999). Cria viabilidades de movimento, impedindo que a escola fique ainda mais intelectualizada e inimiga do corpo (Bento, 1999).

A Educação Física, nas primeiras fases do processo educativo, necessita de fornecer à criança um programa rico e variado, para que desta forma adquiram as habilidades motoras básicas. Qualquer programa planificado de atividades motoras que ajude a desenvolver e controlar o corpo pode ser considerado Educação Física. É igualmente importante que a criança alcance, com os conhecimentos simples acerca do exercício, a sua contribuição para uma boa saúde e aptidão (Bray, 1991, citado por Mota, 1999).

“... é uma educação para a fruição da vida! A educação física percorre este caminho quando nas suas aulas há movimento, carga, suor, esforço, dinamismo, aprendizagens e progressos, quando há golos, cestos, pontos e remates, quando se corre, salta e luta, (...) quando se enfrenta e ultrapassa barreiras e obstáculos, quando há riso, entusiasmo e empenhamento, quando há vontade e oportunidade de exercitar, aprender e render, (...) quando agir, fazer e experimentar são verbos preferidos, quando desistir, não participar e estar fora do jogo são atitudes proibidas, quando corpos grandes e pequenos, gordos e magros, fortes e débeis, velozes e lentos, são iguais no gosto pela ação e cultura corporal” (Bento, 1995, p.148).

2.2 - Panorama nacional e internacional da Educação Física

A escola é uma instituição social fundamental na nossa sociedade, assim como o seu currículo, com todas as matérias consideradas basilares para a aprendizagem e desenvolvimento dos jovens. A Educação Física faz parte deste rol de matérias, encontrando-se presente até ao final do ensino secundário no sistema de ensino português. O facto de os seus objetivos não poderem ser atingidos por uma outra qualquer disciplina atribui-lhe um estatuto pedagógico singular.

A forma como as instituições encaram a disciplina de Educação Física e, a forma como é lecionada, pode ser muito importante no desenvolvimento de uma atitude favorável. Também a postura face à disciplina de Educação Física é fruto da ação de diversas variáveis que incutem sentimentos nos alunos. Essas variáveis podem ser caracterizadas pelos níveis de prática, perceção de saúde, perceção de competência, experiências positivas e socialização. Os alunos que manifestaram atitudes positivas demonstram ser mais ativos e ter mais interesse pelas atividades propostas (Gonçalves, 1998).

Existem diferentes maneiras como os alunos percecionam a Educação Física, principalmente com a alteração da idade. Delfosse *et al.* (1997) verificou num estudo que os alunos tinham uma atitude favorável em relação à disciplina de Educação Física. Tal facto era presenciado nos alunos de 12 e 15 anos de em ambos os sexos, no entanto, esta tende a decrescer com o seu aumento da idade.

Também em Portugal, através de Duarte (1992) e mais tarde por Gonçalves (1998), se verificou que existe uma atitude favorável, por parte dos alunos, face à disciplina de Educação Física, superior a 90%.

No entanto, o panorama da Educação Física, apesar de todas argumentações favoráveis e organismos defensores da importância da Educação Física, tal como está a ser desenvolvida não eleva a sua importância no ensino. Para Bento (1999), assiste-se em muitos países do mundo ao desinvestimento, por parte das entidades

governamentais, na atividade física e desportiva. Uma das atitudes que revela tal tendência é a alteração do estatuto da disciplina de Educação Física nas escolas, reduzindo o número de horas curriculares. Estas atitudes demonstram a fraca importância que os governantes atribuem à disciplina de Educação Física. Desta forma, os níveis de atividade desportiva e de aptidão física, mais precisamente no setor das crianças e jovens, caminham para valores preocupantes e que põem em causa um bom desenvolvimento físico, psíquico e social (Bento, 2004).

O mesmo autor considera que o desporto integra a preocupação constante de fazer o corpo, de o criar, adaptar, transformar e melhorar. Há corpo a mais porque perdeu utilidade e funcionalidade e quase não é utilizado no dia-a-dia. Tornou-se demasiado gordo e pesado, flácido, frouxo e incomodativo, fruto de uma utilização pouco cuidada. A utilização exagerada do automóvel é um dos exemplos do pouco uso do nosso corpo. Numa perspetiva histórica, nunca foi tão desnecessário ter um corpo capaz das atividades físicas diárias, uma vez que elas são cada vez mais desempenhadas por máquinas. Através do desporto, devemos contrariar esta perspetiva e cultivar a preservação e saúde do corpo (Bento, 1998).

Segundo Hardman (2000), a nossa realidade, no que respeita a número de aulas de Educação Física por semana, só é acompanhada de perto pela Áustria, França e Suíça. O que leva a concluir que a maioria dos países não atribui a devida importância à Educação Física.

As dúvidas acerca da credibilidade da Educação Física aumentam e já se tornaram num fenómeno mundial. A democrática e pós-moderna crise de identidade atinge também a Educação Física. Poderá considerar-se que o contributo da Educação Física, na formação das pessoas, não justifique um estatuto digno (Graça, 2004).

A Educação Física, apesar de todos os seus benefícios incontestáveis, passa por dificuldades oriundas de vários setores. A classe social, medida pelo trabalho desempenhado, que por sua vez parece associado ao grau de instrução e ao rendimento, afeta a natureza e o tempo de lazer do sujeito. Dentro do lazer está a atividade física, onde os custos são um importante fator para explicar a maior participação das famílias

da classe média do que das classes mais desfavorecidas num grande número de atividades. Este facto parece ser muito decisivo na escolha e/ou acesso à prática de atividade física (Sallis & Owen, 1999).

Ao longo dos últimos anos, foram várias as ameaças identificadas à disciplina da Educação Física em vários países no que concerne ao seu estatuto, carga horária e muito mais. As ameaças variam muito e abrangem os cinco continentes: a não obrigatoriedade da disciplina em muitos Estados nos Estados Unidos; a cedência do seu tempo de aula às disciplinas mais intelectuais para reforço e preparação de exames na Ásia, como por exemplo, apesar do aumento da obesidade infantil, a redução da carga horária por parte do Ministério da Educação Japonês; na África a inexistência de condições físicas apropriadas, recursos financeiros e falta de formação adequada dos professores de educação física conduz a que as aulas fiquem apenas pela intenção; baixa da carga horária da Austrália, apesar de todos os indicadores de aumento de peso e colesterol nas crianças; na Europa a carga horária está mais ameaçada com alguns exemplos de redução do número de horas semanais e falta de reconhecimento por parte dos professores com cargos de gestão (Hardman, 2008).

Têm sido assumidas algumas atitudes, nacionais e internacionais, no sentido de contrariar esta tendência. De acordo com a Lei 46/86 (Lei de Bases do Sistema Educativo), no seu art.51º, as atividades curriculares dos diferentes níveis de ensino devem ser complementadas por ações orientadas para a formação integral e de realização pessoal dos educandos. Estas atividades de complemento curricular apontam para o enriquecimento cultural e cívico. A Educação Física faz parte dessas atividades de complemento curriculares, que podem ter âmbito nacional, regional ou local. As atividades de ocupação dos tempos livres devem valorizar a participação e o envolvimento das crianças e dos jovens na sua organização, desenvolvimento e avaliação.

O vínculo da Educação Física com a atividade física/desporto é direta e, como tal, os seus defensores acabam por ser, em grande parte, comuns. Nos últimos anos, vários organismos europeus têm-se pronunciado acerca da importância da atividade

física, sempre no sentido de realçar a sua importância na melhoria de qualidade de vida e de todos os demais benefícios.

O Parlamento Europeu, nos últimos anos, tem analisado regularmente questões relacionadas com o desporto. Acompanhou, com grande interesse, os vários desafios com que se depara o desporto europeu. Com o objetivo de auxiliar e dinamizar o desporto na Europa criou o Livro Branco (conjunto de ações que formam o *Plano de Acção Pierre de Coubertin*, que irá orientar a Comissão nas suas atividades relacionadas com o desporto nos próximos anos) que se concentra, maioritariamente, na função social, na dimensão económica e na organização do desporto. O desporto melhora a saúde dos cidadãos europeus, ao mesmo tempo que tem uma dimensão educativa e desempenha uma função social, cultural e recreativa. A função social do desporto tem um potencial enorme e o Livro Branco contém um certo número de ações: (i) Melhorar a saúde pública graças à atividade física; (ii) Unir esforços na luta contra a dopagem (iii) Reforçar o papel do desporto na educação e na formação; (iv) Promover o voluntariado e a cidadania ativa através do desporto; (v) Utilizar o potencial do desporto para favorecer a inclusão social, a integração e a igualdade de oportunidades; (vi) Reforçar a prevenção e a luta contra o racismo e a violência; (vii) Partilhar os nossos valores com outras regiões do mundo; (viii) Apoiar o desenvolvimento sustentável.

Da conferência dos Ministros Europeus responsáveis pelo Desporto, aquando da sua primeira reunião em 1975, saiu uma base essencial para as políticas governamentais no domínio do Desporto sob o título “Carta Europeia para Todos”. Considerando que o Desporto é uma atividade social e cultural, fundada numa escolha livre que estimula os contactos entre os países e cidadãos europeus e desempenha um papel fundamental na realização do objetivo do Conselho da Europa, reforçando os laços entre os povos e desenvolvendo a consciência de uma identidade cultural europeia.

Mais conferências, com os Ministros europeus responsáveis pelo Desporto, foram realizadas ao longo dos últimos anos, com o objetivo de promover as diversas contribuições que o Desporto pode dar para o equilíbrio fisiológico e psicológico do ser humano e do desenvolvimento pessoal e social, através da oferta de atividades criativas e ocupações recreativas.

Da 7ª Conferência, nos dias 14 e 15 de Maio de 1992, em Rhodes, os ministros europeus responsáveis pelo Desporto e, considerando que foi a primeira vez que os Ministros do Desporto de todos os países europeus participaram nos trabalhos da Conferência, saiu um conjunto de objetivos com vista à promoção do desporto como fator importante do desenvolvimento humano:

“I. Dar a cada indivíduo a possibilidade de praticar desporto, nomeadamente:

a) Assegurando a todos os jovens a possibilidade de beneficiar de programas de educação física para desenvolver as suas aptidões desportivas de base;

b) Assegurando a cada um a possibilidade de praticar desporto e de participar em atividades físicas e recreativas num ambiente seguro e saudável; e em cooperação com os organismos desportivos apropriados,

c) Assegurando a quem manifestar tal desejo e possuir as competências necessárias, a possibilidade de melhorar o seu nível de rendimento e de realizar o seu potencial de desenvolvimento pessoal e/ou de alcançar níveis de excelência publicamente reconhecidos.

II. Proteger e desenvolver as bases morais e éticas do desporto, assim como a dignidade humana e a segurança daqueles que participam em atividades desportivas, protegendo o desporto e os desportistas de toda a exploração para fins políticos, comerciais e financeiros, e de práticas abusivas e aviltantes, incluindo o abuso de drogas.”

Foi, ainda, decidido na mesma conferência que se tomarão as medidas certas para desenvolver a capacidade física dos jovens, para lhes permitir a aquisição de competências desportivas e físicas de base, nomeadamente:

“I. Vigiando para que todos os alunos beneficiem de programas de desporto, de atividades recreativas e de educação física, assim como das instalações necessárias e que sejam previstos horários apropriados para estes efeitos;

II. Assegurando a formação de professores qualificados, em todas as escolas;

III. Oferecendo, após o período de escolaridade obrigatória, possibilidades que permitam a continuação da prática do desporto;

IV. Encorajando o estabelecimento de ligações apropriadas entre as escolas ou outros estabelecimentos de ensino, os clubes desportivos escolares e os clubes desportivos locais;

V. Facilitando e desenvolvendo o acesso às instalações desportivas para os alunos das escolas e os habitantes da coletividade local;

VI. Suscitando uma corrente de opinião no seio da qual os pais, os professores, os treinadores e os dirigentes estimulariam a juventude para que pratique desporto com regularidade;

VII. Vigiando para que seja dispensada uma iniciação à ética desportiva a todos os alunos desde o ensino básico.”

2.3 - A importância da Educação Física na sociedade atual e na escola

É com a família que a educação da criança se inicia. Fazem parte dessa mesma educação várias medidas, sendo elas afetivas, sociais, cognitivas e motoras. Com o início da sua vida escolar, a criança passa a ter um acompanhamento educativo especializado e, nesse sentido, a disciplina de Educação Física encarrega-se da educação motora e do próprio corpo (Pimentel & Nunes, 2002).

Para Matos e Graça (1991), a disciplina de Educação Física tem um papel singular e inigualável na promoção e criação de hábitos de vida saudáveis. A Educação Física pode ser a única forma de, através da criação dos propósitos para a aquisição de um estilo de vida ativo e saudável, impondo-se esta promoção como meta de qualquer sistema educativo, muitas crianças conseguem obter a prática de uma atividade física organizada e regular.

Para Duarte (1999), devemos encarar a atividade física diária como fundamental na manutenção do nosso bem-estar físico, psíquico e social. O sedentarismo só poderá

ser combatido, nas sociedades modernas, através de medidas sociais e educacionais. O mesmo autor defende que qualquer atividade é proveitosa, expondo que qualquer atividade física diária, ainda que ligeira, é sempre melhor do que nenhuma. Se for uma atividade orientada e organizada com fins educativos melhor ainda.

Segundo Costa (1991), temos como principais objetivos na procura da prática do exercício físico, a redução do peso, a prevenção ou reabilitação, física ou psíquica, da doença, a ocupação de tempos livres, aumento da sociabilização e as atividades de lazer. O tempo livre é uma das grandes oportunidades para a Educação Física. Numa altura que se fala muito em más orientações e percursos pouco aconselhados dos nossos jovens, a Educação Física poderá adquirir uma importância muito significativa na ocupação desses períodos. A atividade física deveria ser, assim, um valor a preservar na adoção de um estilo de vida sadio. A garantia da qualidade de vida deveria ser assumida como um dos objetivos principais da vida do sujeito. Bento (1998) acrescenta que, através da prática desportiva, lúdica e motora, podemos intervir no nosso corpo e na nossa saúde, cuidando do corpo, desfrutando da vida e resistir às más influências da sociedade moderna com mais afinco.

Uma das bandeiras da disciplina de Educação Física, convertendo-se num objetivo, é o de educar os nossos alunos para que venham a ser adultos com hábitos de vida saudável, através de uma atividade física regular. Para tal, é necessário que as aulas sejam motivadoras e demonstrativas da necessidade de atividade física regular na obtenção de um desenvolvimento equilibrado. Simons-Morton, B., O'Hara, Simons-Morton, D., e Parcel (1987), destacam o facto da Educação Física, por si só, não conseguir incutir nas crianças a consciencialização acerca da importância do exercício físico, na sua saúde. Talvez devam ser feitos esforços no sentido de dirigir essa tomada de consciência aos pais, às comunidades e às próprias crianças e jovens, para assim desenvolver uma atividade física regular.

A atividade física nas crianças e jovens é mais importante do ponto de vista da saúde do que no sentido do aumento da aptidão física, ou do rendimento (Simons-Morton et al., 1987). Segundo Castuera (2004), as aulas de Educação Física devem-se focar numa programação orientada para a saúde. Os alunos devem envolver-se na tarefa,

estimulando a participação, a aprendizagem, a autonomia, a consciência crítica, a disciplina própria da prática de atividades físicas e a aquisição de hábitos saudáveis. Devem, ainda, fazer parte o ensino da constituição e funcionamento dos seus elementos corporais e as noções básicas de higiene.

Para Nunes (1999), o movimento tem um papel de extrema importância no desenvolvimento psicomotor da criança, podendo ser considerado o principal influenciador das primeiras formas de pensamento. Através do movimento, é possível a aquisição das noções de espaço e tempo, consideradas bases do desenvolvimento da inteligência. Também pode melhorar o crescimento e influenciar positivamente o estímulo das hormonas essenciais do corpo.

Muitas vezes a Educação Física é vista como uma prática limitada aos desportos coletivos mais populares, não dando oportunidade para o aluno desenvolver a sua criatividade, expressão e raciocínio. A juntar a isso, muitas escolas manifestam muito orgulho em relação aos alunos capazes de trazer grandes resultados desportivos, tornando a Educação Física baseada em objetivos desportivos. Para Paes (2002), a Educação Física poderá fomentar êxito desportivo, não deixando de privilegiar o seu carácter lúdico, a oportunidade de conhecer, de aprender e de manter o interesse pela atividade desportiva. Tudo isso com objetivos pedagógicos, que se sobrepõem aos objetivos do desporto.

O papel educativo das atividades físicas e desportivas tem vindo a ser reforçado, constituindo-se como um espaço que transmite valores de lealdade e respeito pelas regras instituídas, diminuindo a agressividade e contribuindo para a inibição de comportamentos violentos (Marivoet, 1997). A mesma autora refere que, considerando as características sedentárias da sociedade atual, a prática desportiva regular oferece imensos benefícios no desenvolvimento da criança.

A disciplina de Educação Física pode oferecer uma cooperação importante no que respeita à aquisição de um modo de vida saudável (Mota, 1992a). Segundo Mota e Sallis (2002), a escola desenvolve duas formas de influenciar a atividade física nos alunos. Aquela que fomenta níveis de atividade por ela promovidos e, aquela que incute

a transmissão de hábitos de atividade física que possam ser mantidos ao longo da vida. A Escola e a Educação Física têm um posicionamento que lhes permite influenciar os jovens em fases determinantes da sua vida. Aspetos como o desenvolvimento da sua personalidade, nas dimensões sócio afetiva, motora, moral e cognitiva podem receber um importante contributo por parte da Escola e da Educação Física.

Para Tani (2007), a instituição ideal para a propagação do desporto, com os seus saberes e práticas, é a escola através da Educação Física. Considera-a insubstituível no contexto escolar, desde que interligado aos princípios escolares. Defende, também, que assim como qualquer disciplina, na Educação Física deve haver objetivos de rendimento. Caracteriza, no entanto, esse rendimento através da otimização, da aprendizagem, da prática de várias modalidades e por todos os alunos, muito diferente do que se considera no desporto de rendimento ou competição.

Também para Taylor e Ntoumanis (2007), o local lógico para promover estilos de vida fisicamente ativos em crianças e adolescentes é a aula de Educação Física. É muito importante que a forma como as aulas se desenrolam sejam motivadoras para os estudantes, já que a motivação tem sido regularmente associada a uma série de importantes e positivos resultados.

Segundo Ntoumanis (2001) a utilidade da Educação Física na educação escolar da atualidade é hoje reconhecida em todo o mundo. Argumenta que experiências positivas em Educação Física podem influenciar crianças a adotar estilos de vida fisicamente ativos quando adultos, o que poderá melhorar a saúde da população no geral.

É imprescindível, no entanto, cativar todos os alunos. Os programas de atividade física na escola trazem consequências positivas a nível físico, social, cognitivo e afetivo. Pode proporcionar aos seus participantes uma experiência rica e desafiadora como resultado dessa participação mas, ao mesmo tempo, pode transformar-se em algo indiferente ou detestável para outros alunos (Fernández, Vasconcelos-Raposo, Lázaro & Dosil, 2004).

Segundo Bento (1998), quer se fale de crianças, jovens, adultos, idosos ou mesmo de deficientes, o desporto, de rendimento ou recreação é, em todos os casos, um meio de concretização de uma filosofia do corpo e da vida. O grande mito do desporto é o do prolongamento da vida. Mesmo que a ciência o não possa confirmar, e enquanto não surgir outro mito, devemos acreditar que o desporto é fonte de saúde e de vida. O mesmo autor refere, ainda, que o desporto foi sempre entendido como um bem educativo acessível para o maior número possível de pessoas.

A atividade física funciona como um pólo que realça os valores da cidadania e do trabalho em equipa, ao mesmo tempo que combate frontalmente fenómenos destrutivos que caracterizam a nossa sociedade, tais como a droga, violência e criminalidade, sobretudo porque ensina que todos podem fazer alguma coisa por si mesmo. Assume-se, também, como uma forma de compensação social, para além dos benefícios relacionados com a saúde, na medida em que permite ao indivíduo a valorização do seu ego, através da afirmação da sua personalidade e da sua corporalidade (Lima, 1988).

Para Homem (1998), a atividade física abrange o esforço constante do homem em alargar as fronteiras das suas forças, das suas capacidades e das suas habilidades; abrange o mundo das emoções que são inerentes às situações de risco, de experimentação, de prova, de desafio do que é superior, e ainda, do equilíbrio físico e psicológico. Constituindo assim um fator essencial da educação corporal, de preparação do homem para a vida.

A atividade física constitui uma fonte de qualidade de vida. Faz parte da sua promoção o aumento da probabilidade dos jovens adotarem um estilo de vida ativo e o manterem, em adultos. Para tal, é necessário proporcionar práticas que tenham no seu formato o prazer e divertimento, o desafio e o confronto, o esforço e o movimento, promovendo atividades que mais interesse desperte, tendo em conta as suas necessidades, preferências e possibilidades. Ou seja, não copiando o mesmo modelo em todas as faixas etárias, para assim o tornar atraente e adequado, cortando a previsibilidade de ano para ano (Bento, 1991). A sua falta constitui um fator de risco para doenças cardiovasculares, e não só. Vários estudos referem que muitos dos fatores

de risco mais conhecidos das sociedades modernas estão já presentes em crianças e adolescentes (Bento, 1998).

O aumento de programas recreativos e desportivos evitaria o crescimento de estilos de vida sedentária e contribuiria para a diminuição das doenças da sociedade moderna. Ponderando as características sedentárias da sociedade atual, a prática desportiva regular oferece muitos benefícios no desenvolvimento da criança. Estes benefícios situam-se ao nível do crescimento físico. O físico é apenas um dos aspetos que beneficiam com a Educação Física, também se alcançam melhorias nos planos cognitivos, social, afetivo e até mesmo ideológico (Neto, 1994).

A partir de vários estudos, pode-se concluir que a atividade física poderá influenciar positivamente, o desenvolvimento e o bem-estar motor e psicossocial desde a infância até à idade adulta (Bento, 1999).

Existem inúmeros benefícios da atividade física, mas para tal é necessário ser educado nesse sentido. A disciplina de Educação Física deverá, na sua base, criar hábitos de atividade física, incorporados na infância e adolescência que possam transferir-se para idades adultas. De acordo com o Colégio Americano de Medicina Desportiva, a aptidão física para a criança e adolescente deve ser desenvolvida como primeiro objetivo de incentivo à adoção de um estilo de vida apropriado com a prática de exercícios para toda a vida, com o intuito de desenvolver e manter condicionamento físico suficiente para a melhoria da capacidade funcional e da saúde (American Heart Association [AHA], (2007).

A sociabilização é, também ela, uma das bandeiras de promoção da Educação Física. Por socialização podemos considerar um conjunto de processos pelos quais a criança se torna parte integrante da sociedade. A socialização vai depender das estruturas da sociedade, o ritmo de vida da criança e do jovem, sendo igualmente condicionado pelo ritmo de vida da família e da instituição escolar (Pinto, 2002).

Assim, “... *consiste no processo através do qual os indivíduos apreendem, elaboram e assumem normas e valores da sociedade em que vivem, mediante a*

interação com o seu meio mais próximo e, em especial, a sua família de origem, e se tornam, desse modo, membros da referida sociedade” (Pinto, 2000, p. 67).

Para Barros e Barros (1972), as atividades desportivas, recreativas e rítmicas poderiam ser consideradas como meios mais eficazes para promover a socialização dos alunos, uma vez que, normalmente, são realizadas em grupos, os quais obedecem ao princípio de cooperação entre os seus intervenientes. Deste modo, estimulam assim a criança na sua perceção de comportamento social adequado, autocontrolo e respeito pelo próximo.

Também Guardiã (1992) considera que, no domínio social não parece haver nenhuma outra atividade que desenvolva tantas interações sociais como a atividade física.

Contudo, o problema da socialização pode ser visto de duas formas distintas. Podemos ver as crianças como um computador sem qualquer registo onde os pais, primeiro, e a sociedade depois, vão gravando todos os requisitos necessários, como se a criança fosse só e, essencialmente recetiva e passiva, adquirindo as competências e as ferramentas para a sua vida futura. Por outro lado, pode-se atribuir um papel à criança muito mais ativo, sem menosprezar a importância da família e da sociedade, onde a criança assume o comando do seu processo de descoberta do mundo, dos outros e de si própria (Pinto, 2002).

Continuando com a exposição dos benefícios da Educação Física, não podemos deixar de falar dos valores associados a esta prática. Segundo Rosado (2009) a atividade física transmite associação à liberdade, à honestidade, à amizade, à paz; ao espírito de superação, à valorização do auto conhecimento, da disciplina, da fraternidade e da convivência social. Mesquita e Rosado (2009, p.22) apresentam a Educação Física como *“espaço por excelência de formação e desenvolvimento pessoal e social”*

Para Tani e Manoel (2004), a Educação Física é uma disciplina singular por conter plenamente e em simultâneo, os domínios motor, cognitivo, social e afetivo. Desta forma, justifica as considerações de elevado potencial pedagógico da disciplina e,

manifesta-se um desaproveitamento grosseiro considerar a prática pela prática sem qualquer intencionalidade.

Segundo Graça (2004), qualquer disciplina curricular valida a sua presença a partir do seu valor educativo, no intuito de potenciar melhorias da vida social e pessoal do aluno. Saúde, conhecimento cultural, treino do corpo, pedagogia crítica, sociabilização são algumas das visões de relevo da educação Física.

“Quando comprometemos a educação física com o desenvolvimento da personalidade do aluno, estamos a situar este no centro do esforço pedagógico-educativo.” (Bento, 1995, p.147).

2.4 - A Educação Física: constrangimentos e oportunidades

2.4.1 - Os constrangimentos da Educação Física

Segundo Tani (1991), continuam sem resposta perguntas como: Qual é a real função da educação física? Qual é a sua especificidade? Como ela se relaciona com as outras disciplinas curriculares para que o objetivo da educação como um todo seja alcançado?

O autor defende que a falta de resposta deve-se ao facto do estudo da disciplina não ter sido acompanhada de uma pesquisa rígida da identidade académica da Educação Física. Nos últimos anos, apesar da proposta de diferentes abordagens se ter iniciado, com amplas possibilidades de desenvolver pesquisas, reconhece-se que poucos avanços foram observados.

Há uns milhares de anos atrás, a sobrevivência do homem, como para qualquer outro animal, estava fortemente dependente da aptidão física. Ao evoluir, o ser humano teve como frequente preocupação, atenuar a agressividade do meio que o rodeava. Como consequência, a atividade física foi-se tornando cada vez mais desnecessária, de tal forma que atualmente a sociedade é pautada pelos exageros da comodidade. O resultado final deste processo de civilização refletiu-se numa atividade física cada vez

mais desnecessária e num sedentarismo como característica principal da sociedade moderna (Duarte, 1999).

O declínio da atividade física, que ocorre principalmente no final da adolescência, e o aumento dos níveis de obesidade da população, tem levado a que os programas de Educação Física de muitos países, principalmente os mais desenvolvidos, tenham vindo a sofrer alterações para fazer face a estas situações. Como desfecho, as práticas demonstrativas da Educação Física passaram a ser baseadas num conjunto de mudanças ideológicas que vão da Educação Física e Desportiva à educação para a saúde (Green, 2000).

Estas indefinições não têm ajudado em nada à definição e apuramento do verdadeiro trabalho da Educação Física. Vários investigadores têm tentado transpor esta norma para o contexto do ensino das atividades físicas e desportivas em meio escolar. Tudo isto, devido ao crescente interesse que a saúde pública, tem expressado na Educação Física um meio de promoção da saúde (Sallis & McKenzie, 1991). Cale e Harris (2006) fazem referência a uma Educação Física com duas direções, a que se apoia no Modelo Biomédico e a do Modelo Educacional, aos quais fazemos uma breve análise.

Segundo Johns e Tinning (2006), o Modelo Biomédico é um modelo que tem atraído a atenção dos responsáveis pela saúde pública. De acordo com esse modelo, a Educação Física alcança a saúde através da prevenção de doenças e de traumatismos, apoiando-se em conhecimentos da anatomia, fisiologia e biomecânica. Considera-se que a atividade física dada pela Educação Física deveria ter maiores níveis de frequência e intensidade, para abrandar com os problemas resultantes do estilo de vida sedentário que caracteriza a sociedade de hoje.

Os apoiantes deste modelo defendem que a Educação Física deve concentrar-se, exclusivamente, na promoção da saúde, apoiado pelo aumento da frequência e vigor das aulas. Com este modelo, o sucesso na Educação Física está ligado à variação dos níveis de aptidão física. A avaliação teria que se centrar em indicadores morfológicos, função

muscular, habilidade motora, função cardiorrespiratória e regulação metabólica (Pate *et al.*, 2006).

No entanto, este modelo levanta alguma preocupação em relação a uma abordagem pedagógica baseada na promoção única da aptidão física, por ter um efeito prejudicial no aumento da participação das crianças e adolescentes e não incorporar também objetivos educacionais (Cale & Harris, 2006). Também Sallis e McKenzie (1991) consideram que, os benefícios da atividade física nos jovens são transitórios, por isso deve ser mais importante que se constituam modelos de participação regular, para que se mantenham na idade adulta.

É em torno desta opinião que se situa a grande discussão a respeito da Educação Física na atualidade, uma vez que muitos a veem como um estímulo ao simples desenvolvimento físico, através de gestos e movimentos padronizados, tirando, assim, o seu carácter educacional. Não reconhecendo a sua atuação sobre a formação do carácter humano e contributo para um maior rendimento do trabalho intelectual (Barros e Barros, 1972).

O Modelo Educacional é, certamente, o mais comum na sociedade atual. Ao contrário do modelo anteriormente referido, caracteriza-se por compreender princípios de ordem psicológica e educativa. Neste modelo, a saúde é relacionada com o estilo de vida onde cada sujeito faz as suas escolhas responsabilmente. Esta perspetiva baseia-se na ideia da racionalidade e liberdade, cuja finalidade é apoiar os alunos a fazerem opções fundamentadas no conhecimento aprendido (Shephard & Trudeau, 2000).

O Modelo Educacional não exclui o desenvolvimento da aptidão física dos alunos, apenas não o considera a única ou a mais importante prioridade. Nos objetivos da disciplina estão expressos, por um lado, a melhoria efetiva da aptidão física e, por outro, a promoção de aprendizagens de conhecimentos relativos aos processos de elevação da aptidão física, da importância de uma atitude favorável face à prática regular das atividades físicas e desportivas, assim como os conhecimentos específicos das matérias abordadas (Shephard & Trudeau, 2000). Pretende, também, que se criem

hábitos duradouros de atividade física ao longo da vida, para um melhor combate aos fatores de risco para a saúde, associados à vida sedentária (Haywood, 1991).

Segundo Dale, Corbin e Cuddihy (1998), apesar de não existirem ainda resultados conclusivos, existem evidências que suportam que um programa de Educação Física que visa os aspetos do domínio físico, cognitivo e aperfeiçoamento das matérias de cultura física, bem como os aspetos mais gerais de socialização, têm efetivamente mais sentido no contexto escolar. Mas, infelizmente, o consenso acerca das direções e funções da Educação Física ainda não existem.

Passando ao modo como a Educação Física é vista pela sociedade, Pires (1993) refere que nem todas as pessoas se relacionam bem com a atividade física. Os resultados do seu estudo conduziram aos três motivos principais que induzem as pessoas a praticar desporto, que são os seguintes: desejo de exercício físico, divertimento e ocupação dos tempos livres e, o bem-estar que advém da prática de uma atividade desportiva. Por outro lado, os motivos que levam as pessoas a não praticar desporto são: a falta de tempo livre, o desinteresse pelo desporto, a idade, a saúde e a falta de instalações.

Para Tani e Manoel (2004), os próprios profissionais da educação veem a Educação Física como algo para ocupar os tempos livres, não lhe reconhecendo grande valor educativo. O próprio profissional de Educação Física é visto como alguém que obteve um curso, com a finalidade de não se preocupar com o desempenho de um papel de maior responsabilidade.

Segundo Tani, Manoel, Kokubun, e Proença (1988), a Educação Física atravessa um grande distanciamento entre as discussões que ocorrem no âmbito académico e o profissional da Educação Física. Este acontecimento faz com que o eventual avanço no aspeto académico não se reflita em mudanças significativas no profissional de Educação Física. Tudo isto, segundo o autor, porque o conteúdo dos debates não atinge a realidade prática da atuação profissional, ao não abordar a questão do objetivo, conteúdo e método de ensino. Discute-se muito sobre matrizes filosóficas, identidades ideológicas e posturas políticas das diferentes abordagens, mas a prática pedagógica nas escolas segue de acordo com as regras da velha e tradicional educação física. Há uma necessidade

inadiável de pesquisas que forneçam conhecimentos e instrumentos que orientem a tomada de decisão dos professores na prática pedagógica.

Constrangimentos com a qualidade das aulas de Educação Física apareceram em alguns estudos. Wang, Pereira e Mota (2005a), num estudo realizado sobre os níveis de atividade física dos portugueses nas aulas de educação física, verificaram que muito do tempo da aula de Educação Física é desperdiçado e que menos de 70% desse tempo é realmente usado na aula tornando, assim, as crianças menos ativas do que o que seria esperado.

Um outro aspeto que condiciona a Educação Física é a capacidade dos professores de educação física de saber lidar com as fragilidades e menor condição física de alguns alunos. Tal acontece pelo facto de muitos professores de Educação Física terem tido na adolescência uma formação desportiva de alto rendimento, ou manifestarem boas capacidades físicas. Se, por um lado, orienta o professor para a profissão, vocação e entusiasta, por outro lado, dado ao contacto com uma vivência competitiva, o possa afastar de orientações capazes de lidar com os alunos menos capazes ou com menos interesse no desporto (Bento, 1995).

Para Tani e Nanoel (2004) consideram que a falta de esclarecimento acerca da identidade da Educação física leva a questões como: qual a diferença entre a prática de uma determinada modalidade dentro da escola ou fora dela. Uma outra questão é a falta de reconhecimento à Educação Física na transmissão de conhecimento teórico e prático, a respeito de como podem melhorar as suas capacidades. Ao invés disso, cada vez mais se lhe atribui um papel de oferta de prática desportiva para combater o sedentarismo das crianças. Os mesmos autores consideram inclusive que a educação Física, com as condicionantes que apresenta atualmente, não serve para melhorar de forma significativa a condição física e as habilidades motoras.

No seguimento das várias fragilidades identificadas à Educação Física na sociedade atual, Freitas (2002) considera que os jovens e as famílias vivem muito ocupados nos saberes do domínio cognitivo, sobre os quais têm de prestar provas e ser avaliados para as suas pretensões académicas futuras. Desta forma, negam a

importância da Educação Física na formação e educação das crianças e jovens. Por norma, consideram que a atividade física é importante mas, que deve ser considerada como recreação e entretenimento ou ocupação dos tempos livres. Assim, ignora-se a importância desta área na promoção da saúde, para um desenvolvimento e crescimento equilibrado, bem como na prevenção de comportamentos indignos, na integração social, no respeito pelas regras, pelos outros e por si próprio.

Também Hardman (1993) considera que a Educação Física passa, atualmente, por várias dificuldades e se encontra sob fortes pressões. Segundo o autor, apesar de ser considerada uma importante componente no processo educativo e de existirem evidências médicas inequívocas sobre os benefícios da atividade física, a Educação Física não é vista como a prioridade para os decisores políticos na maioria dos sistemas escolares. Tal é o seu papel na atualidade que exige-se aos professores de Educação Física que legitimem a importância da disciplina na formação educativa dos alunos. Cada vez mais é desvalorizada e depreciada no seu estatuto mesmo que, em muitos casos, tenha grande popularidade entre os jovens em idade escolar. Estes, por vezes, veem-na mesmo como a disciplina de recreação, como se as suas aulas fossem um período de intervalo das outras disciplinas.

O Ministério da Educação (2005) avaliou o programa de saúde escolar, analisando a evolução ocorrida entre 2000 e 2004. Apesar das mudanças que se tem verificado nas escolas portuguesas é, claramente, visível que quando se pensa em saúde não se estabelece a relação com a prática de atividade física. Isso mostra que, provavelmente, é um conceito que figura longe dos projetos relacionados com a saúde na Escola portuguesa.

Há crianças que praticam, no âmbito do desporto organizado, várias vezes por semana ou até diariamente, mas tem tendência a aumentar o número dos que não praticam atividade nenhuma. Mesmo considerando que tem havido um aumento de prática desportiva nas idades mais baixas, não podemos esquecer que este acontecimento tem outro caminho a partir do início da adolescência. Ai o fenómeno de abandono é significativo e crescente, especialmente pelo sexo feminino (Bento, 2004).

Outro aspeto que influencia negativamente a Educação Física é a questão do espaço e materiais próprios para as aulas de Educação Física. Muitas escolas não possuem um espaço apropriado para a prática desportiva, tornando-se uma restrição ao próprio professor na seleção de tarefas para a aula. Isto verifica-se, também, porque existe uma associação da aula de Educação Física unicamente virada para a atividade física. Desta forma, a escola acaba por se preocupar em organizar um espaço físico voltado aos padrões desportivos atuais (Kunz, 1991).

Considerando que os alunos que mais participam nas atividades escolares são os que mais participam em atividades desportivas nos clubes, podemos dizer que a ameaça se prolonga ao desporto e não só à Educação Física (Hardman, 2000).

Das últimas atitudes que não beneficia a disciplina de Educação Física é o facto de, pelo decreto-lei n.º 139/2012, a disciplina deixar de entrar no apuramento da média final do ensino secundário, exceto quando o aluno pretenda prosseguir estudos nesta área. A classificação na disciplina de Educação Física é considerada, no entanto, para efeitos de conclusão do nível secundário de educação. O decreto-lei em epígrafe enunciado esclarece que a sua aplicação só tem efeitos no ano letivo de 2014 -2015, para todos os alunos matriculados no ensino secundário.

2.4.2 - As oportunidades da Educação Física

O futuro e mesmo o presente do desporto praticado por crianças e jovens levantam enormes preocupações, tal é o sedentarismo cada vez mais acentuado nas sociedades modernas. As crianças, que são o reflexo dos pais, e da sociedade em que vivem, necessitam de desenvolver comportamentos saudáveis e os pais estão na melhor posição para os ensinar a adquirir essa conduta.

O corpo e o seu desenvolvimento, segundo Cagical (1996), encontra-se entre as muitas lacunas da tradição educativa. Para Kirk (1993), os processos educativos devem ter um papel fundamental na produção do corpo. A escolarização do corpo está associada à regulação social. A perseguição da figura esbelta e magra, transforma-se cada vez mais na internacionalização dos conteúdos e objetivos da educação do corpo.

Segundo Bento (1998), a Educação Física não se pode alienar do corpo nas suas aulas e dos novos valores sobre o próprio corpo.

“O desporto como código cultural específico, é parte significativa de uma consumação humanizante da tarefa de viver” (Bento, 1998, p.127).

A atividade física organizada começa a aparecer cada vez mais como uma ocupação das crianças e jovens, sendo-lhe atribuída crescente importância pelos pais na cimentação de valores e atitudes. O desporto leva-nos para a aquisição de um nível físico que serve de combate à obesidade, reduz risco cardiovascular e fortalece os ossos e músculos. Em termos psíquicos ajuda no desenvolvimento da autoestima e, no campo social no sentimento de pertença ao grupo, na cooperação, respeito, amizade, etc (Sérgio, 1999).

O poder terapêutico da atividade física é francamente mais reduzido comparado com o seu poder preventivo. Assim sendo, é fundamental que se mudem rapidamente os hábitos diários. Kalish (1996) refere que duas em cada cinco crianças entre os cinco e os oito anos de idade são obesas, apresentam elevados níveis de pressão arterial e colesterol. Metade das crianças não pratica atividade física satisfatória para fortalecer o coração e os pulmões. Descreve, ainda, que as crianças abaixo dos dez anos de idade consomem o dobro do tempo a ver televisão do que em atividades físicas, mesmo que de brincadeira. Isto faz com que as crianças, hoje em dia, sejam mais sedentárias e pesem mais do que as crianças de há vinte anos.

Bento (2004) faz alusão a alguns dados, nomeadamente aos da Organização Mundial de Saúde (OMS), os quais demonstram que estamos a ir, em todo o mundo, para a obesidade como epidemia do século XXI. Em Portugal, através de dados recentes, regista-se 13% da população com obesidade. A obesidade cresce em larga escala e atinge, no mundo inteiro, milhões de pessoas.

O maior problema associado à obesidade infantil é a sua tendência para persistir na vida adulta. As probabilidades de uma criança obesa se tornar um adulto obeso são muitas, isto, claro, com os malefícios associados ao excesso de peso em termos de saúde e não só (Wright et al., 2001 cit. por Wang, Pereira e Mota, 2005b).

“Uma educação física atenta aos problemas do presente não poderá deixar de eleger como uma das suas orientações centrais a da educação da saúde.” (Bento, 1995, p.149).

Segundo Matos e a equipa do Projecto Aventura Social e Saúde (2003), e de acordo com a sua investigação, em 1998 36,1% das crianças e adolescentes portugueses eram obesos. Esta percentagem baixou um pouco em 2002. Também o volume de atividade física baixou de 1998 a 2002. Em 1998, 36.1% das crianças e adolescentes do estudo tinham quatro ou mais atividades físicas por semana, que passou a 31.9% em 2002.

A inatividade física transforma-se num fator de risco principalmente para as doenças cardiovasculares. Infelizmente, vários estudos mostraram que já há muitos dos fatores de risco conhecidos em crianças e adolescentes. Desta forma, é necessário primeiramente começar a trabalhar na identificação dos fatores associados ao declínio dos níveis da atividade física. Assim, poderemos, em seguida, fornecer dados concretos aos nossos governantes para ajudar no desenvolvimento de iniciativas que contraponham a presente tendência de sedentarismo e conseqüentes doenças associadas (Bento, 1998).

O aumento de programas recreativos e desportivos evitaria o crescimento de hábitos de vida sedentária e abrandaria as doenças da sociedade moderna (Neto, 1994). Também Gonçalves (1999) encara as atividades desportivas destinadas às crianças como algo de muito útil e de máxima importância. Diz, ainda, que essas atividades devem ser valorizadas pelos adultos e não vistas como uma atividade em que os adultos procuram promoção social e satisfação das suas próprias aspirações.

A promoção da atividade física tem como principal objetivo aumentar a probabilidade de todos jovens adotarem estilos de vida ativos e de os manterem no futuro, já enquanto adultos. Desta forma, é necessário tornar as práticas desportivas mais apelativas e em consonância com o público-alvo. Deve, no entanto, respeitar-se as capacidades e os objetivos de cada grupo, não copiando o mesmo tipo de ensino em todos os escalões etários, para assim o tornar cativante (Bento, 1991).

Também os professores têm um papel fundamental na promoção da Educação Física. Em todas as situações de aprendizagem, a motivação do aluno tem uma ligação direta com a motivação do professor. Há a necessidade, por parte do professor, de inculcar um compromisso com a educação, ou mesmo de manifestar uma grande paixão pelo seu trabalho. Diante de tantas transformações, que ocorrem nesta fase da vida de um adolescente, é fundamental que o professor seja sabedor das necessidades dos adolescentes e os incentive a participar nas atividades das aulas de Educação Física (Pereira, 2006).

Vários estudos defendem o aumento da atividade física. Nos Estados Unidos da América, um estudo realizado por Jamner, Spruijt-Metz, Bassin e Cooper (2004) para avaliar o efeito de um projeto de intervenção na escola, delineado para aumentar os níveis de atividade física de adolescentes sedentárias, provou que as raparigas, ao fim de 4 meses, referiram ter uma maior participação nas atividades físicas e desportivas. Uma intervenção na escola, administrada por professores de Educação Física, tem o potencial para melhorar os comportamentos de atividade física de raparigas sedentárias. O estudo insinua que a escola pode ser um canal ajustado para o desenvolvimento de intervenções semelhantes.

Na Europa, cada vez mais se desenvolvem iniciativas para promover a saúde ao nível das escolas. A European Network of Health Promoting Schools (ENHPS, 1997) está operacional em 38 países. Na sua primeira conferência, os representantes dos países presentes reconheceram o contributo da educação para a promoção da saúde, através do ensino dos riscos e da forma como os devem evitar. Também no Reino Unido, pelo facto da população estar a tornar-se uma das mais obesas da Europa, o governo passou a apoiar programas de promoção da atividade física junto das crianças e jovens e, vê a escola como o local mais importante para a implementação de iniciativas capazes de o conseguirem (Sproston & Primastea, 2003).

Admitindo o valor da Escola para a promoção da atividade física e estilos de vida ativos e saudáveis, o *American Academy of Pediatrics* (2000) enunciou algumas recomendações:

1 – As escolas devem assegurar que todas as crianças e jovens participem no mínimo 30 minutos em atividade física com intensidade moderada a vigorosa durante o dia escolar.

2 – As escolas devem oferecer programas de Educação Física relacionados com a saúde, baseados em evidências, que compreendam as normas nacionais para os alunos em todas as escolas. Estes programas devem providenciar quantidade substancial de atividade física moderada a vigorosa (isto é, 50% do tempo da aula) e devem ensinar aos alunos habilidades motoras e comportamentos que os façam ser ativos pelo resto da vida.

3 – O estado e os distritos devem certificar-se que a disciplina de Educação Física é ensinada por professores qualificados, em todos os níveis de ensino.

4 – O estado deve certificar-se que as escolas cumprem o que vem expresso nos programas de Educação Física.

5 – As escolas devem expandir as oportunidades para os alunos participarem em atividades físicas, através de clubes, lições, torneios internos e interescolares, que satisfaçam os interesses de todos os alunos. Os treinadores e outros líderes devem também ser qualificados e ter um certificado apropriado.

6 – As escolas devem promover o transporte ativo e os líderes devem trabalhar com as autoridades locais para assegurarem que os alunos tenham percursos seguros para caminharem e andarem de bicicleta de, e para a escola.

7 – Centros de desenvolvimento das crianças e escolas básicas devem providenciar às crianças pelo menos 30 minutos de intervalo durante o dia escolar.

8 – As escolas devem proporcionar um programa de saúde, baseado em evidências que enfatize os comportamentos motores, o aumento da atividade física e diminuição de comportamentos sedentários.

9 – As escolas de formação de professores devem providenciar programas de preparação profissional que produzam professores altamente qualificados para ensinarem os programas de Educação Física e educação para a saúde.

No processo de desenvolvimento da personalidade, muito embora se desenrole pela vida fora, os alicerces são lançados antes de a criança ir para a escola. Assim sendo, e considerando que a Educação Física tem um contributo inegável no capítulo da

sociabilização, é fundamental que a família assuma o papel de fomentador de uma vida saudável através da atividade física. Mais tarde, também os outros agentes de socialização responsáveis pela criança devem procurar ensiná-la a fazer escolhas benéficas. Em vez de lhes dizer o que devem fazer, devem orientar as crianças a correr atrás de objetivos, que de certa forma são induzidos pelos adultos (Musgrave, 1979).

“Se pretende prestar serviços valiosos à educação social dos alunos, se pretende contribuir para uma vida produtiva, criativa, bem sucedida, a educação física encontra na orientação pela educação da saúde um meio de concretização das suas pretensões, formulações e justificações.” (Bento, 1995, p.149).

Sabe-se que o significado que a criança atribui à atividade física depende do contexto sociocultural em que nasceu, cresceu e se desenvolveu. O seu envolvimento, interesse, motivação e dedicação para com a aprendizagem de uma determinada atividade depende do significado/importância que a criança lhe atribui. Da mesma forma que se obtêm proveito poderá provocar-se uma espécie de rigidez de conteúdo, condicionada à cultura da criança, confinando o acesso a outras culturas. Mesmo assim, o conteúdo programático da Educação Física deveria procurar estabelecer a relação entre as atividades e o significado que as crianças lhes atribuem (Tani *et al.*, 1988).

Segundo Garcia e Queirós (2001), uma Educação Física virada para o futuro deve aceitar as novas práticas desportivas, sendo estas mais de acordo com o interesse manifestado pelos jovens e com os valores emergentes da atualidade. Muitas destas modalidades são orientadas para objetivos estéticos e onde o prazer se sobrepõe ao dever. O corpo está mais presente nestas novas modalidades e, será este, na sua dimensão estética que ocupa um lugar de destaque na nova hierarquia axiológica.

Estamos perante um período em que a Educação Física pode se afirmar como uma área fundamental, na formação de uma sociedade melhor. Vários autores defendem a importância da atividade física e, nada melhor do que a Educação Física para fomentar esse hábito desde cedo nas crianças. Mota (1998) afirma que o desenvolvimento equilibrado de um indivíduo nos domínios biopsicossocial pode ser atingido através da prática das várias atividades físicas. Também relativamente ao bem-estar emocional,

parecem existir evidências de um efeito positivo da atividade física na redução dos sintomas depressivos e de ansiedade (Brown, Wang & Ward, 1995, citado por Esculcas, 1999). Numerosos estudos, segundo Bento (1999), levam-nos a concluir que a atividade lúdica e desportiva, influencia de forma positiva o crescimento e o bem-estar motor e psicossocial desde a infância até à idade adulta.

Também Hardman (1998) considera que, vivemos momentos de oportunidade para a Educação Física se firmar com disciplina fundamental. Uma parceria entre a Educação Física e o movimento de “Desporto para Todos” é, por ventura, um ponto de arranque nessa luta. A escola tem um papel privilegiado para poder influenciar significativamente os jovens no seu estilo de vida. Aproveitar a posição da escola e naturalmente da Educação Física é o aspeto mais importante desta parceria. Transformar cada vez mais a Educação Física como disciplina fundamental, na orientação dos jovens na fixação de hábitos de atividade física para o resto das suas vidas. Orientá-la na fomentação do desporto ao dispor de todos e não na procura de performances competitivas, o que leva a que ao longo dos anos muitos alunos se distanciem do interesse da disciplina. Transformar os alunos, em alunos fisicamente educados, ou seja, que adquiram habilidades culturais padronizadas, para poderem se envolver numa variedade de atividades físicas e assim melhorar a sua qualidade de vida ao longo de toda a sua existência (Hardman, 1998).

Entendemos pois, que “ ... é necessário um ensino orientado pela preocupação de enriquecer a personalidade do aluno, proporcionando-lhe vivências, experiências, afirmação, reconhecimento, alegria e satisfação na ação, no esforço pelo cumprimento das tarefas escolares” (Bento, 1995, p.147).

As oportunidades da Educação Física passarão, certamente, por mudanças. Para Cunha (1992) é altura de Educação Física entrar numa nova configuração “motricidade humana”. Refere que é altura de a Educação Física deixar de andar a reboque da “conceção mecanicista em educação” e elaborar o seu próprio caminho. Segundo o autor, as novas orientações deverão assentar no desenvolvimento motor do indivíduo, através da experiência, da autodescoberta e da auto direção do educando; possibilitar ao educando um dinamismo intencional, criativo e prospetivo; deve utilizar na sua

pedagogia do movimento os elementos já utilizados (desporto, jogo, ginástica, etc) e, também, os vários processos de reeducação, readaptação e expressão corporal.

Também Soares, Taffarel e Escobar (1992) consideram ser através da prática pedagógica, cimentada por um projeto revolucionário, que podemos abordar com mais sucesso, conteúdos, métodos e avaliação de uma Educação Física preparada para as necessidades do século XXI.

PARTE III

Metodologia

3 - METODOLOGIA

3.1 – Introdução

A abordagem qualitativa baseia-se em estudos de significados, significações, redignificações, representações psíquicas, representações sociais, simbolizações, simbolismos, perceções, pontos de vista, perspetivas, vivências, experiências de vida, analogias (Turato, 2003).

Normalmente, a preocupação com a dimensão das amostras e a generalização dos resultados é relegado para um plano inferior. Inclusivamente, os instrumentos utilizados não carecem da aferição nos mesmos moldes da investigação quantitativa, na medida em que a preocupação que preside a esta conceção é a de considerar o investigador o próprio instrumento da recolha de informação. A fiabilidade e a qualidade da informação recolhida é o que de mais importante aqui se considera e que, obviamente, se encontra muito dependente da integridade e da sensibilidade do investigador.

É indispensável encontrar um modelo conceptual de referência tanto na sua estrutura e como no seu funcionamento. As decisões sobre os processos metodológicos não são decisões autónomas, dependem do modo como se gera o próprio objeto de investigação e das suas características em função das circunstâncias e das perspetivas. A compreensão aprofundada dos problemas é o cerne deste paradigma.

No início do Século XX a investigação em educação era, muitas vezes, uma investigação aplicada, influenciada pelos processos metodológicos dominantes nas ciências naturais. Grande parte da investigação sobre o processo ensino-aprendizagem dirigia-se pelo paradigma da investigação experimental. Contudo, nas últimas décadas do Século XX foi sendo largada essa ideia para se optar por uma abordagem qualitativa.

A investigação qualitativa envolve a utilização de técnicas específicas que são formadas para obter dados fiéis aos significados que são construídos pelos atores educativos.

A observação de interações sociais, a análise de documentos, a realização de entrevistas informais, diretas e abertas são processos de recolha de dados que são usados na investigação qualitativa, com o desígnio de inter-relacionar conceitos que permitem interpretar a realidade do facto que estamos a observar.

Esta recolha de dados consegue-se, tendo sempre um bom suporte teórico. Como refere Bodgan e Bilken (1994, p.52) *“Seja ou não explícita, toda a investigação se baseia numa orientação teórica. Os bons investigadores estão conscientes dos seus fundamentos teóricos, servindo-se deles para recolher e analisar os dados. A teoria ajuda à coerência dos dados e permite ao investigador ir para além de um amontoado pouco sistemático e arbitrário de acontecimentos.”*

Os pesquisadores defensores deste tipo de investigação ocupam-se com os processos, ou seja, querem saber como os factos ocorrem naturalmente e como são as relações estabelecidas entre esses factos. *“A curiosidade e o empenho do pesquisador estão voltados para o processo, definido como ato de proceder do objecto, quais são seus estados e mudanças e, sobretudo, qual é a maneira pela qual o objecto opera.”* (Turato, 2003, p.262).

3.2 – Campo de Estudo

A nossa pesquisa centrou-se em seis Diretores das Escolas Secundárias e de Mega Agrupamentos do distrito de Viseu. Fizeram parte do estudo os Diretores das três escolas secundárias do concelho de Viseu (Escola Secundária Emídio Navarro, Escola Secundária Alves Martins e a Escola Secundária Viriato) e os Diretores de três escolas na periferia do concelho de Viseu (Mega Agrupamento de Escolas de Mangualde, Mega Agrupamento de Escolas de Penalva do Castelo e o Mega Agrupamento de Escolas do Sátão).

O Distrito de Viseu é um distrito português pertencente, na sua maior parte, à província tradicional da Beira Alta, mas incluindo, também, concelhos pertencentes ao Douro Litoral e a Trás-os-Montes e Alto Douro. Limita a norte com o Distrito do Porto, o Distrito de Vila Real e o Distrito de Bragança, a leste com o Distrito da Guarda, a sul com o Distrito de Coimbra e a oeste com o Distrito de Aveiro. Tem uma área de 5 007 km² e uma população residente de 391 215 habitantes (2009). A sede do distrito é a cidade com o mesmo nome.

3.3 - Instrumento de Pesquisa

A fonte de recolha de dados utilizada foi a entrevista, a qual é considerada uma das principais técnicas de trabalho em quase todos os tipos de pesquisa utilizados nas Ciências Sociais (Menga & Marli, 1986).

Esta pareceu-nos ser a forma mais privilegiada de criar uma relação de empatia entre quem necessita dos dados e de quem é detentor da informação, desde que, naturalmente, haja transparência e responsabilização relativamente ao indivíduo e/ou instituição de onde vai ser recolhida a informação. É a constatação da realidade, fazendo uma comparação particular entre teoria e dados. É, no fundo, a recolha de informações sobre determinado tema científico. Trata-se uma conversa feita por iniciativa do entrevistador, destinada a fornecer informações pertinentes a um objeto de pesquisa (Minayo, 1993).

A entrevista permite o acesso a dados de difícil obtenção por meio da observação direta, tais como sentimentos, pensamentos e intenções. O propósito da entrevista é fazer com que o entrevistador entre na perspetiva do entrevistado, para que desta forma retire todo seu pensamento acerca do facto estudado (Patton, 1990).

Na entrevista, a relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de intervenção mútua entre quem pergunta e quem responde (Lüdke & André, 1986).

Caracterizando-se por um contacto direto entre o investigador e os seus inquiridos, as entrevistas permitem ao investigador retirar informações e elementos de reflexão muito ricos (Quivy & Campenhoudt, 1998).

A grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e coerente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de entrevistado e sobre os mais variados assuntos. A entrevista permite correções, esclarecimentos e adaptações imediatas que a tornam eficaz na obtenção das informações desejadas. Enquanto outros instrumentos estão vedados a alterações a partir do momento em que saem das mãos do pesquisador que os elaborou, a entrevista pode ganhar diferentes direções ao se iniciar o diálogo entre o entrevistador e o entrevistado (Lüdke & André, 1986).

O tipo de entrevista utilizada foi a semi-estruturada. Esta parte de uma série de perguntas-guia, relativamente abertas, a propósito das quais é crucial receber uma informação por parte do entrevistado (Quivy & Campenhoudt, 1998).

Com a entrevista semi-estruturada, o entrevistador conhece todos os temas sobre os quais tem de obter informações por parte do entrevistado. A ordem e a forma como a entrevista será conduzida, respeitará a intenção do entrevistador, sendo apenas fixada uma orientação para o início da entrevista. O guião, quando é estruturado, tem expresso um conjunto de objetivos gerais e específicos que possibilitam uma flexibilidade na condução da entrevista.

O guião da entrevista foi construído com base na literatura relacionada com a temática do nosso estudo (Botelho & Duarte, 1999; Castuera, 2004; Formiga, 2007; Hardman, 2008). Em termos metodológicos, o guião da entrevista foi elaborado tendo em conta as indicações referenciadas na bibliografia (Quivy & Campenhoudt, 1998; Tuckman, 2000). A sua validação passou pelas seguintes etapas: - elaboração da 1ª versão do guia de entrevista; - submissão a um grupo de especialistas para obter a sua opinião; - aplicação da entrevista pré-teste; - elaboração da versão final do guião de entrevista (ver anexo).

3.4 - Procedimentos

Começamos por contactar os Diretores de escolas do ensino secundário que faziam parte do nosso estudo, a fim de marcar uma reunião com cada um deles.

Após a marcação, realizamos o encontro onde os diretores foram elucidados acerca do objetivo do estudo, assim como a sua problemática, e solicitar a sua participação nesta pesquisa.

Com o seu consentimento realizámos a entrevista com cada um dos Diretores de escola, na data e local agendados previamente. As entrevistas foram realizadas durante o mês de Abril de 2012 em salas de reunião e em ambiente próprio, a fim de recolher todos os dados necessários para estudo. Na fase inicial da entrevista, procurámos criar um clima mais informal, estabelecendo um ambiente mais apropriado à obtenção de mais e melhores informações para que a entrevista se desenrolasse num clima o mais tranquilo e confortável possível (Szymansky, 2008).

3.5 - Técnica de Análise dos dados

A técnica de análise dados utilizada foi a Análise de Conteúdo (Bardin, 2008). Esta visa identificar o que está sendo dito a respeito de determinado tema (Vergara, 2005).

É caracterizada por ser um “... o conjunto de técnicas das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” (Bardin, 1977, cit. por Pereira & Leitão, 2007a, p.10)

O *corpus* deste estudo foi constituído pela transcrição das entrevistas realizadas aos diretores de escola. Após termos lido as entrevistas, procedemos à codificação das mensagens recolhidas (Bardin, 2008). A categorização passa por dividir os conteúdos

das mensagens em categorias. A categoria pode ser classificada, como uma gaveta que arruma, de uma forma geral, partes de um discurso ou mensagem (Guerra, 2006).

Em seguida, construímos uma grelha de análise categorial onde optámos pelo processo *a posteriori*, ou seja, o sistema categorial foi elaborado após recolha e análise das mensagens. Este sistema categorial permitiu-nos mais exploração e descoberta. O sistema de categorias *a posteriori*, permite-nos uma análise de conteúdo dilatadora de resultados, onde conforme vamos explorando as mensagens, vamos arrancando categorias, representativas de uma ou várias mensagens (Bardin, 2008).

3.6 - Sistema categorial

Apresentamos em seguida, a justificação do sistema categorial elaborado, escavando na revisão da literatura fundamentos para o aparecimento das mesmas.

Categoria – A – O significado da disciplina de Educação Física

A1 - Disciplina importante no currículo

Uma qualquer disciplina curricular legitima a sua presença a partir do seu valor educativo, na finalidade de potenciar melhorias da vida do aluno. Saúde, conhecimento cultural, treino do corpo, pedagogia crítica, sociabilização são algumas das visões de relevo da educação Física (Graça, 2004). Também Tani *et al.* (1988) consideram o movimento o elemento fundamental que possibilita a interação do ser humano com o meio que o rodeia.

A2 - Formação integral dos alunos

Para Nunes (1999), a atividade motora tem um papel de extrema importância no desenvolvimento psicomotor da criança, podendo ser considerado o principal influenciador das primeiras formas de pensamento. Através do movimento é possível a aquisição das noções de espaço e tempo.

O aumento de programas recreativos e desportivos evitaria o crescimento de estilos de vida sedentária e, conseqüentemente, para a diminuição das doenças mais comuns da sociedade atual. A prática desportiva regular oferece muitos benefícios no desenvolvimento da criança. Estes benefícios situam-se ao nível do crescimento físico, mas também nos planos cognitivos, social e afetivo (Neto, 1994).

A3 - Libertação da carga cognitiva

A disciplina de Educação Física cria viabilidades de movimento, impedindo que a escola fique ainda mais intelectualizada e inimiga do corpo (Bento, 1999). Tem por objetivo dar aos seus alunos uma formação desportiva de base, aumentando de forma planeada as suas capacidades motoras e despertando alegria e prazer através do movimento (Botelho & Duarte, 1999).

A4 - Atividade física

O sedentarismo só poderá ser combatido, nas sociedades modernas, através de medidas sociais e educacionais. Para Duarte (1999), devemos encarar a atividade física diária como fundamental na manutenção do nosso bem-estar físico, psíquico e social.

Para Taylor e Ntoumanis (2007), o local lógico para promover estilos de vida fisicamente ativos em crianças e adolescentes é a escola, através das aulas de Educação Física. É muito importante que a forma como as aulas se desenrolam sejam motivadoras para os estudantes, já que a motivação tem sido regularmente associada a uma série de importantes e positivos resultados.

Categoria – B – A disciplina de Educação Física e a construção de uma escola de qualidade

B1 - Formação integral dos alunos

De acordo com o Colégio Americano de Medicina Desportiva a aptidão física para a criança e adolescente deve ser desenvolvida como primeiro objetivo de incentivo

à adoção de um estilo de vida apropriado, com a prática de exercícios para toda a vida, com o intuito de desenvolver e manter condicionamento físico suficiente para a melhoria da capacidade funcional e da saúde (AHA, 2007).

Para Homem (1998), a atividade física abarca o esforço constante do homem em alargar as fronteiras das suas forças, das suas capacidades e das suas habilidades; abrange o mundo das emoções que são inerentes às situações de risco, de experimentação, e ainda, do equilíbrio físico e psicológico. Fundando, assim, um fator essencial da educação corporal e de preparo do homem para o futuro.

Pode-se concluir que atividade física poderá influenciar positivamente, o desenvolvimento e o bem-estar motor e psicossocial desde a infância até à idade adulta (Bento, 1999).

B2 - Competências diferentes

Para Tani e Manoel (2004), a Educação Física é uma disciplina singular. É uma disciplina que pode conter em simultâneo, os domínios motor, cognitivo, social e afetivo. Assim justifica as considerações de elevado potencial pedagógico da disciplina.

Segundo Rosado (2009), a atividade física transmite associação à liberdade, à honestidade, à amizade, à paz; ao espírito de superação, à valorização do auto conhecimento, da disciplina, da fraternidade e da convivência social. Mesquita e Rosado (2009, p.22) apresentam a Educação Física como “espaço por excelência de formação e desenvolvimento pessoal e social”

B3 - Atividade física

O movimento tem um papel de extrema importância no desenvolvimento psicomotor da criança, podendo ser considerado o principal influenciador das primeiras formas de pensamento (Nunes, 1999).

A atividade física funciona como um guia que realça os valores da cidadania e do trabalho em equipa, ao mesmo tempo em que combatem problemas que caracterizam a nossa sociedade, tais como a droga, violência e criminalidade. Apresenta-se, também, como uma forma de compensação social, para além dos benefícios relacionados com a saúde, na medida em que permite ao indivíduo a sua própria valorização, através da afirmação da sua personalidade e da sua corporalidade (Lima, 1988).

B4 - Promoção de atividades diversificadas

Para Paes (2002), a Educação Física poderá fomentar êxito desportivo, não deixando de privilegiar o seu carácter lúdico, a oportunidade de conhecer, de aprender e de manter o interesse pela atividade desportiva. De acordo com Tani (2007), a prática desportiva é o meio pelo qual a Educação Física impulsiona a aquisição de saberes e valores inerentes ao seu conteúdo de ensino e à vida do Homem. Poderemos, também, atribuir à Educação Física a responsabilidade de facilitar à criança o acesso à cultura de movimento, ou mesmo, caber-lhe a utilização da atividade física como um meio para a promoção da saúde, do crescimento físico e de hábitos saudáveis (Tani et al., 1988).

Categoria – C – Importância da Educação Física na formação dos alunos

C1 - Atividade física

A atividade física constitui uma fonte de qualidade de vida. Faz parte da sua promoção o aumento da probabilidade dos jovens adotarem um estilo de vida ativo e o manterem, em adultos. Para tal, é necessário proporcionar práticas que tenham no seu formato o prazer e divertimento, o desafio e o confronto, o esforço e o movimento, promovendo atividades que mais interesse desperte, tendo em conta as suas necessidades, preferências e possibilidades (Bento, 1991). Vários estudos referem que muitos dos fatores de risco mais conhecidos das sociedades modernas estão já presentes em crianças e adolescentes (Bento, 1998).

C2 - Disciplina importante no currículo

Bento (1991) refere que, o ensino em Educação Física tem como objetivo garantir um nível elevado da formação básica – corporal e desportiva – de todos os alunos. Como disciplina escolar, a Educação Física constitui a forma fundamental e mais importante da formação corporal das crianças e jovens, na qual o respetivo professor conduz um processo de educação e aprendizagem motora e desportiva.

Segundo Hardman (2000), a Educação Física pretende manter uma presença curricular na escola e, assim, promover e acolher a atividade física como base para a participação do desporto. Desta forma, então talvez exista uma associação mais eficaz entre as escolas, alunos, pais, comunidades e agentes de educação, desportos e saúde.

Para Tani e Manoel (2004), a Educação Física é uma disciplina singular por conter plenamente e, em simultâneo, os domínios motor, cognitivo, social e afetivo.

C3 - Estilos de vida saudável

A disciplina de Educação Física na escola é vital para todos os aspetos do crescimento e desenvolvimento (físico, social e emocional) normal das crianças e jovens. Para além disso, ela promove um efeito natural de imunização contra muitas doenças, características de um estilo de vida sedentário (Hardman, 2000).

Ferreira (2004) defende que a atividade física na escola, constitui um elemento importante na criação de um estilo de vida saudável e, em tempo escolar, a disciplina de Educação Física é a única a visá-la. As suas características únicas tornam-na uma disciplina insubstituível.

C4 - Sociabilização e libertação do stress

A Educação Física é, atualmente, uma disciplina essencial incluída no currículo escolar português, fazendo parte do plano de estudos dos alunos desde o 1º ano do 1º

ciclo do ensino básico até ao final do ensino secundário (12º ano). Esta é, assim, reconhecida como área cultural prioritária da socialização (Onofre, 1996).

No processo de desenvolvimento da personalidade, muito embora se desenrole pela vida fora, os alicerces são lançados antes da criança ir para a escola. Assim sendo, e considerando que a Educação Física tem um contributo inegável no capítulo da sociabilização e equilíbrio psíquico, é fundamental que a família assuma o papel de fomentador de uma vida saudável através da atividade física (Musgrave, 1979).

C5 – Formação integral dos alunos

Para Nunes (1999), o movimento tem um papel de extrema importância no desenvolvimento psicomotor da criança, podendo ser considerado o principal influenciador das primeiras formas de pensamento. Segundo Duarte (1999) devemos encarar a atividade física diária como, fundamental na manutenção do nosso bem-estar físico, psíquico e social. Assim, consideramos que cria viabilidades de movimento, impedindo que a escola fique ainda mais intelectualizada e inimiga do corpo (Bento, 1999).

Enquanto disciplina obrigatória, a Educação Física detém o papel de fornecer os conteúdos que facultem a cada aluno a capacidade de os utilizar como instrumentos na direção que mais se adegue às suas necessidades (Carvalho, 2001).

Categoria – E – Os alunos e a disciplina

E3 - Libertação da carga cognitiva

A Educação Física tem um papel de ensino de movimentos, respeitando as individualidades da criança e o incentivo à liberdade individual (Freire, 1991). Também para Bento (1999), a disciplina de Educação Física tem por objetivo dar aos seus alunos uma formação desportiva de base, cria viabilidades de movimento, impedindo que a escola fique ainda mais intelectualizada e inimiga do corpo.

E4 - Depende da abordagem do professor

Cabe ao professor escolher as situações de aprendizagem e aperfeiçoamento que melhor permitam aos alunos o alcance dos objetivos propostos. Tendo-se hoje uma Educação Física que chega a todas as crianças e jovens, depende de todos quanto trabalham diariamente no terreno, a passagem para um nível de maior participação em atividade física (Marques, 1997).

Também para Pereira (2006), os professores têm um papel fundamental na promoção da Educação Física. Em todas as situações de aprendizagem, a motivação do aluno tem uma ligação direta com a motivação do professor. Diante de tantas transformações é fundamental que o professor seja sabedor das necessidades dos adolescentes e os incentive para as aulas de Educação Física. Há a necessidade, por parte do professor, incutir um compromisso com a educação, ou mesmo de manifestar uma grande paixão pelo seu trabalho.

E5 - Atividades da Educação Física

Para Paes (2002), a Educação Física poderá fomentar êxito desportivo, a oportunidade de conhecer, de aprender e de manter o interesse pela atividade desportiva. Bento (1998) refere que, através da prática desportiva, lúdica e motora podemos intervir no nosso corpo e na nossa saúde, desfrutando da vida e, resistir às más influências da sociedade moderna com mais afinco. Também Gonçalves (1999) encara as atividades desportivas destinadas às crianças, como algo de muito útil, de máxima importância e que deve ser valorizado pelos adultos.

Categoria – I – valorização da disciplina de Educação Física

II - Atividade Física

É reconhecido que a atividade física traz inúmeros benefícios aos adolescentes, como exemplo, a diminuição de distúrbios cardiovasculares, o fortalecimento dos

músculos e ossos e a melhoria da flexibilidade. Esses argumentos são fortes para estimular, ainda mais, os jovens a participarem das aulas de Educação Física (Bento, 1998). Ainda Bento (1999) refere que a partir de vários estudos pode-se concluir que a atividade física, poderá influenciar positivamente, o desenvolvimento e o bem-estar motor e psicossocial desde a infância até à idade adulta.

A disciplina de Educação Física tenta dar aos seus alunos uma formação desportiva de base, aumentando de forma programada as suas capacidades motoras e despertando alegria e prazer através do movimento (Botelho & Duarte, 1999).

I2 - Socialização

Numerosos estudos, segundo Bento (1999), levam-nos a concluir que a atividade lúdica e desportiva, influência de forma positiva o crescimento e o bem-estar motor e psicossocial nas várias fases do crescimento da criança.

Também para Barros e Barros (1972), as atividades desportivas, recreativas e rítmicas deveriam ser consideradas como meios muito eficazes para promover a socialização dos alunos, uma vez que normalmente são realizadas em grupos. Logo, estimulam a criança na sua perceção de comportamento social adequado, autocontrole e respeito pelo outro.

Igualmente Guardiã (1992) considera que no domínio social não parece haver nenhuma outra atividade que, desenvolva tantas interações sociais como a atividade física.

I3 - Estilos de vida saudável

Marivoet (1997) refere que, considerando as características sedentárias da sociedade atual, a prática desportiva regular oferece imensos benefícios no desenvolvimento da criança, tais como a transmissão de valores de lealdade e respeito

pelas regras instituídas, diminuindo a agressividade. Também para Castuera (2004), os alunos devem envolver-se nas tarefas, estimulando a participação, a aprendizagem, a autonomia, a consciência crítica, a disciplina própria da prática de atividades físicas e a aquisição de hábitos saudáveis.

I4 - Captação de alunos com novos projetos

Para Tani e Manoel (2004), a Educação Física é uma disciplina singular por conter plenamente e em simultâneo, os domínios motor, cognitivo, social e afetivo. Desta forma, justifica as considerações de elevado potencial pedagógico da disciplina.

A Educação Física pode ser uma forma única de captar alunos desmotivados nas tarefas escolares e mal orientados numa sociedade cheia de riscos. Vários estudos referem que muitos dos fatores de risco mais conhecidos das sociedades modernas, já se encontram patentes em crianças e adolescentes (Bento, 1998).

I7 - A inatividade, a teorização da disciplina

O declínio da atividade física, que ocorre principalmente no final da adolescência e o aumento dos níveis de obesidade da população, tem levado a que os programas de Educação Física de muitos países, principalmente os mais desenvolvidos, tenham vindo a sofrer alterações para fazer face a estas situações (Green, 2000).

Wang, Pereira e Mota (2005a), num estudo realizado sobre os níveis de atividade física dos portugueses nas aulas de educação física, verificaram que muito do tempo da aula de Educação Física é desperdiçado e que menos de 70% desse tempo é realmente usado na aula, tornando assim as crianças menos ativas do que o que seria esperado.

Categoria – J – Organização de atividades extracurriculares na Escola

J1 - Sim, enriquecimento, mais valia escolar

Segundo a World Health Organization (WHO, 2000b), a promoção da atividade física na escola é um objetivo realístico e pode ser conseguido com o contributo fundamental da disciplina de Educação Física. Por esta razão, definiu como objetivos para a disciplina: criar o hábito vitalício pela prática das atividades físicas e desportivas; desenvolver e melhorar a saúde e bem-estar dos estudantes; oferecer satisfação, prazer e interação social e ajudar a prevenir problemas de saúde que se podem manifestar no futuro. E, porque a escola possui estruturas adequadas e os profissionais mais qualificados, consideramos que se trata do local adequado para a realização de diversificadas atividades. Segundo Mota e Sallis (2002), a escola, através da Educação Física e suas atividades, desenvolve duas formas de influenciar a atividade física nos alunos. Aquela que fomenta níveis de atividade por ela promovidos e, aquela que incute a transmissão de hábitos de atividade física que possam ser mantidos ao longo da vida, valorizando desta forma a escola e a Educação Física.

J2 - Desporto escolar

De acordo com a Direção Geral da Inovação e do Desenvolvimento Curricular (artigo 5º, Decreto Legislativo Regional nº 4/2007/M de 11 de Janeiro de 2007 – Lei de Bases do Sistema Desportivo da RAM, DR 1ª série – nº 8), que elaborou o Programa do Desporto Escolar, a prática desportiva nas escolas, para além de um dever decorrente do quadro normativo vigente no sistema de ensino, constitui um instrumento de grande relevo e utilidade no combate ao insucesso escolar e de melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem. Isto porque, o desporto, no seu conceito mais geral, reúne algumas características que permitem uma intervenção na promoção do bem-estar pessoal seja ele físico ou mental.

J3 - Promoção de atividades diversificadas

O aumento de programas recreativos e desportivos evitaria o crescimento de estilos de vida sedentária e contribuiria para a diminuição das doenças da sociedade moderna (Neto, 1994).

A Educação Física no seu início, enquanto disciplina do processo educativo, necessita de fornecer à criança um programa rico e variado, para que assim adquiram as habilidades motoras básicas. Qualquer programa planificado de atividades motoras que ajude a desenvolver e controlar o corpo pode ser considerado Educação Física (Bray, 1991, citado por Mota, 1999). Também Duarte (1999) considera que devemos encarar a atividade física diária como fundamental na manutenção do nosso bem-estar físico, psíquico e social. Defende que qualquer atividade é proveitosa, melhor ainda se for uma atividade orientada e organizada com finalidades educativas.

Categoria – L – A Educação Física e os seus profissionais numa escola de qualidade

L1 - Promover a importância da disciplina

A disciplina de Educação Física deverá, na sua base, criar hábitos de atividade física, incorporados na infância e adolescência que possam transferir-se para idades adultas. De acordo com o Colégio Americano de Medicina Desportiva, a aptidão física para a criança e adolescente deve ser desenvolvida com o objetivo de estímulo à adoção de um estilo de vida saudável, através da prática de exercícios para toda a vida (AHA, 2007).

Segundo Hardman (1993) é importante que os professores de Educação Física, legitimem a importância da disciplina na formação educativa dos alunos. A disciplina está a passar por dificuldades, sendo que cada vez mais é desvalorizada e depreciada no seu estatuto perante a sociedade mesmo que, em muitos casos, tenha grande

popularidade entre os jovens em idade escolar ainda que, por vezes, estes a vejam como uma disciplina de recreação.

L2 – Socialização

O processo socializador da criança não se verifica numa única direção, mas é multidirecional e multidimensional (Pinto, 2000). No seguimento, e de acordo com Pereira (2002), podemos dizer que a escola é um novo mundo para a criança, onde esta efetua um conjunto de aprendizagens sociais e de normas. O grupo de colegas permite a aprendizagem por observação, a aprendizagem é feita pelas vivências.

Mesquita e Rosado (2009, p.22) apresentam a Educação Física como *“espaço por excelência de formação e desenvolvimento pessoal e social”*

L3 - Formação integral dos alunos

Para Tani e Manoel (2004), a Educação Física fundamenta as considerações de elevado potencial pedagógico da disciplina por conter plenamente e em simultâneo, os domínios motor, cognitivo, social e afetivo.

A atividade física constitui uma fonte de qualidade de vida, para além de aumentar a probabilidade dos jovens adotarem um estilo de vida ativo e o manterem em adultos. Para tal, é necessário proporcionar práticas que tenham no seu formato o prazer e divertimento, o desafio e o confronto, o esforço e o movimento, promovendo atividades que mais interesse desperte, tendo em conta as suas necessidades, preferências e possibilidades (Bento, 1991).

“Quando comprometemos a educação física com o desenvolvimento da personalidade do aluno, estamos a situar este no centro do esforço pedagógico-educativo.” (Bento, 1995, p.147).

L4 - Aumentar a excelência nas áreas específicas (desporto escolar)

Para Tani (2007), a instituição ideal para a propagação do desporto, com os seus saberes e práticas, é a escola através da Educação Física. Considera-a insubstituível no contexto escolar, desde que interligado aos princípios escolares.

Segundo Paes (2002), a Educação Física poderá fomentar êxito desportivo não deixando de privilegiar o seu carácter lúdico, a oportunidade de conhecer, de aprender e de manter o interesse pela atividade desportiva.

Categoria – M – Os órgãos de gestão da escola e a Educação

M1 - Disponibilidade e Criar condições físicas e humanas para a disciplina

Relativamente à liderança nas escolas, tem que se ter em atenção que estamos em presença de organizações interativas onde não será possível coexistirem burocracia e autoritarismo com uma perspetiva de colaboração, coordenação e supervisão de tarefas múltiplas com identidade e características pedagógicas. O tipo de liderança a que nos referimos é aquele que promove uma escola dinâmica, porque oferece a oportunidade da iniciativa pedagógica; aberta, porque nela participam todos os atores educativos; promotora do diálogo, porque colabora com todos os parceiros em que a escola se insere, porque é a instituição que, por excelência, tem em seu poder a missão de formar jovens, numa tríplice dimensão: humana, pessoal e social (Barroso, 1998).

M2 - Promoção e inovação de atividades

Segundo Garcia e Queirós (2000), uma Educação Física orientada para o futuro deve aceitar as novas práticas desportivas, sendo estas mais de acordo com o interesse manifestado pelos jovens e com os valores emergentes da atualidade. Muitas destas

modalidades são orientadas para objetivos estéticos e onde o prazer se sobrepõe ao dever. O corpo está mais presente nestas novas modalidades e, será este, na sua dimensão estética, que ocupa um lugar de destaque na nova hierarquia axiológica. Os nossos alunos veem a atividade física de uma outra forma, olhando essencialmente para os benefícios estéticos e a Educação Física tem de acompanhar as novas tendências.

M3 - Valorização do trabalho do Professor de Educação Física

Os professores têm um papel fundamental na promoção da Educação Física. Em todas as situações de aprendizagem, a motivação do aluno tem uma ligação direta com a motivação do professor. Perante as transformações que ocorrem nesta fase da vida de um adolescente, é fundamental que o professor seja sabedor das necessidades dos adolescentes e os incentive a participar nas atividades da disciplina de Educação Física (Pereira, 2006).

Ceitel (2006, p.29 e p.30) refere que um gestor se for, verdadeiramente, um líder diz aos que se encontram à sua volta “(...) *para observarem os comportamentos dos respetivos liderados (...). Um chefe pode ser um chefe sem ter ... chefiados. Um líder não pode ser um líder sem ter ...liderados.*” A liderança é algo mais do que o mero cumprimento do conteúdo funcional de uma organização. Tem que ser alguém que consiga motivar os atores dessa organização, para que a sua colaboração seja generosa ao nível do cumprimento dos objetivos e, no caso específico da organização de escolas, levará ao fim desejado que é o sucesso educativo.

PARTE IV

Apresentação e Discussão dos Resultados

4 - APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 - Apresentação e discussão dos resultados

Nesta fase da investigação procedemos à descrição e interpretação dos dados obtidos junto dos Diretores Escolares, procurando confrontá-los entre si e relacioná-los com a bibliografia.

O nosso trabalho centra-se nas representações dos Diretores Escolares acerca da importância da Educação Física, obtendo as suas reais crenças e compreende-las.

O significado da disciplina de Educação Física

Quanto ao significado da disciplina de Educação Física, os nossos entrevistados descrevem-na prioritariamente como disciplina importante no currículo dos alunos, seguindo-se a observação de que contribui para a formação integral dos alunos. Fazem ainda, alguns deles, referências à libertação da carga cognitiva e também é relacionada, por um dos entrevistados, com a atividade física (ver tabela nº1).

Categorias	Frequência
A1 - Disciplina importante no currículo	5
A2 - Formação integral dos alunos	4
A3 - Libertação da carga cognitiva	2
A4 - Atividade física	1

Tabela nº 1 – O significado da disciplina de Educação Física

A1 – Disciplina importante no currículo

No que respeita ao significado da disciplina de Educação Física, quase a totalidade dos entrevistados a relacionou como uma disciplina importante no currículo, distanciando-se de significados relacionados com as suas características mais específicas. Não relacionaram a Educação Física como disciplina meramente prática e, em vez disso, colocaram-na numa posição importante no currículo dos alunos.

“... é uma disciplina que tem o seu lugar no currículo (...) disciplina com finalidades e objetivos importantes em todo o currículo do ensino, ...” E1

“... é uma disciplina importante no currículo dos alunos e também na vida ...” E2

“...Educação Física abrange áreas de desenvolvimento humano muito importantes...” E3

“...em termos de currículo ... é uma disciplina extramente importante...” E4

“Acho que é uma disciplina de extrema importância.” E6

Tal como Graça (2004), os nossos entrevistados consideram que uma qualquer disciplina curricular legítima a sua presença a partir do seu valor educativo. Também Ntoumanis (2001) refere que a importância da Educação Física na educação escolar da atualidade é hoje reconhecida em todo o mundo. Alega que experiências positivas em Educação Física podem influenciar crianças a adotar estilos de vida saudáveis, que poderão melhorar a saúde da população no geral.

Da mesma forma a LBSE (Lei n.º 46/1986) defende que a Escola deve proporcionar o desenvolvimento físico e motor, demonstrando desta forma a importância no desenvolvimento deste tipo de domínios.

A2 - Formação integral dos alunos

Um número significativo dos entrevistados (mais de metade) considera que a Educação Física é importante na formação integral dos alunos. Fazem referências às várias vantagens e qualidades que disciplina tem e, apontam múltiplas vantagens na sua existência entre os alunos.

“... disciplina que contribuiu para a formação integral dos alunos.” E1

“... ajuda ao desenvolvimento de competências que são essenciais à vida.” E2

“...é uma disciplina muito importante no desenvolvimento integral do aluno.” E3

“É importante em termos motores mas também em termos de intelectuais ...” E6

Para Nunes (1999), a atividade motora tem um papel de extrema importância no desenvolvimento psicomotor da criança, podendo ser considerado o principal

influenciador das primeiras formas de pensamento. Assume-se, também, como uma forma de compensação social, para além dos benefícios relacionados com a saúde (Lima, 1988).

Igualmente Neto (1994) considera que a prática desportiva regular oferece muitos benefícios no desenvolvimento da criança, desde do crescimento físico ao cognitivo, social e mesmo afetivo.

A3 - Libertação da carga cognitiva

Houve, ainda, referências por parte de alguns dos entrevistados, à libertação da carga cognitiva que a disciplina proporciona. Colocam-na como uma disciplina singular que, para além de trabalhar competências nos vários domínios (motor, cognitivo, social e afetivo) consegue ser um ponto de interrupção nas disciplinas essencialmente intelectuais.

“...haja ali um momento de libertação de uma carga cognitiva ... nas outras disciplinas.”E4

“...funcionar também muitas vezes como corte das outras disciplinas mais intelectuais.”E6

A disciplina de Educação Física cria viabilidades de movimento, impedindo que a escola fique ainda mais intelectualizada e inimiga do corpo (Bento, 1999). Os jovens consideram aspetos como o relaxamento, estar entre amigos, espírito de equipa, divertimento, conviver, falar, rir ou combater a monotonia das aulas como objetivos básicos da educação Física (De Knop, Theeboom, Huts, Hoecke & Martelaer, 2004)

A4 - Atividade física

Um dos entrevistados relacionou a Educação Física de uma forma direta com a atividade física. Considerando que a Educação Física manifesta o seu valor essencialmente pela sua relação direta com a atividade física.

“...o que eu acho que seria importante seria atividade física.”E5

A disciplina de Educação Física tem por objetivo dar aos seus alunos uma formação desportiva de base, aumentando de forma planeada as suas capacidades

motoras (Botelho & Duarte, 1999). As atividades devem ser adequadas ao estado de desenvolvimento de cada criança, o que contribui de maneira significativa para o avanço orgânico e funcional dos alunos em cada etapa de sua vida escolar (Barros & Barros, 1972).

A disciplina de Educação Física e a construção de uma escola de qualidade

Relativamente ao contributo da disciplina de Educação Física na construção de uma escola de qualidade, os entrevistados fizeram referência sobretudo à importância da disciplina na formação integral dos alunos, às competências diferentes que ela desenvolve e à atividade física. Houve, ainda, um dos entrevistados que a relacionou com as atividades desenvolvidas na escola (ver tabela nº2).

Categorias	Frequência
B1 - Formação integral dos alunos	3
B2 - Competências diferentes	2
B3 - Atividade física	2
B4 - Promoção de atividades diversificadas	1

Tabela nº 2 – A disciplina de Educação Física e a construção de uma escola de qualidade

B1 - Formação integral dos alunos

No que respeita ao papel da Educação Física dentro de uma escola de qualidade, metade dos entrevistados considerou que tem grande contributo na formação integral do aluno. Consideram que a disciplina trabalha vários aspetos do desenvolvimento humano e da sociedade.

“ ... contribua para formação do cidadão integral, do cidadão enquanto um todo ... ” E1

“...enriquecimento extremamente importante a nível pessoal dos alunos, educacional também.” E4

“É indiscutivelmente importante.” E6

A disciplina de Educação Física obtém um papel insubstituível na promoção e criação de hábitos de vida saudáveis. Qualquer sistema educativo tem como principal objetivo formar integralmente os seus alunos. A Educação Física, através das suas aulas, tem essa capacidade, através das várias situações proporcionadas em contexto de aula. Aspetos como a corporalidade, a socialização, o conhecimento específico e, o equilíbrio físico e psicológico são considerados representativos da disciplina. Poderá, também, ser a única forma de algumas crianças terem atividade física organizada e regular (Matos & Graça, 1991).

B2 - Competências diferentes

Alguns dos entrevistados fizeram referências às competências que a Educação Física desenvolve. Anotaram que desenvolve competências que mais nenhuma disciplina desenvolve, validando assim a sua razão de existir.

“ Nem todos os alunos têm competências nas áreas académicas ... desenvolvimento de outras competências nesses alunos.” E2

“...desenvolvem competências que se calhar as outras disciplinas não desenvolvem.” E3

Similarmente Mesquita e Rosado (2009, p.22) apresentam a Educação Física como *“...espaço por excelência de formação e desenvolvimento pessoal e social...”*

Também Tani e Manoel (2004) descrevem a Educação Física como uma disciplina singular. Consideram que pode conter em simultâneo, os domínios motor, cognitivo, social e afetivo.

B3 - Atividade física

Para os nossos entrevistados o papel da Educação Física, numa escola de qualidade, não se fica unicamente pela atividade física, já que apenas dois dos entrevistados lhe fizeram referência. No entanto, a Educação Física estará sempre ligada à atividade física e aos benefícios que daí advêm para o aluno e para a sociedade.

“...toda prática desportiva na escola é das áreas mais importantes que existem...” E3

“Penso que sim, se for vista na perspetiva de atividade física.” E5

Para Homem (1998), a atividade física abarca o esforço constante do homem em alargar as fronteiras das suas forças, das suas capacidades e das suas habilidades; abrange o mundo das emoções que são inerentes às situações de risco, de experimentação e, ainda, do equilíbrio físico e psicológico. Fundando, assim, um fator essencial da educação corporal e de preparo do homem para o futuro.

Também para Lima (1998), a atividade física funciona como um guia que realça os valores da cidadania e do trabalho em equipa. Permite ao aluno a sua própria valorização, através da afirmação da sua personalidade e da sua corporalidade. Ajuda no combate dos problemas que caracterizam a nossa sociedade, tais como a droga, violência e criminalidade, para além dos benefícios relacionados com a saúde.

B4 - Promoção de atividades diversificadas

Ainda referente ao tema em epígrafe descrito, um dos entrevistados referiu que a Educação Física promove várias atividades e diversificadas ao longo do ano. Considera que são muito importantes para os alunos por tudo o que daí se colhe, desde a socialização à exercitação do corpo e mente.

“... a própria escola ganha muito com essas atividades ... é o espetáculo, é a diversão dos alunos, é uma série de coisas que são impensáveis numa outra disciplina ...” E3

De acordo com Tani (2007), a prática desportiva é o meio pelo qual a Educação Física impulsiona a aquisição de saberes e valores inerentes ao seu conteúdo de ensino e à vida do Homem. Também para Paes (2002), a Educação Física poderá fomentar êxito desportivo, não deixando de privilegiar o seu carácter lúdico, a oportunidade de conhecer, de aprender e de manter o interesse pela atividade desportiva.

Importância da Educação Física na formação dos alunos

No que concerne à importância da disciplina de Educação Física, os entrevistados consideraram, na sua maioria, que ela é muito importante pela atividade física que proporciona e todos os benefícios que daí advêm. Consideram, também, que é

uma disciplina importante no currículo pois, contribui para estilos de vida saudável, para a socialização e libertação do stress que tanto nos incomoda nos dias de hoje, e um dos entrevistados refere mesmo fazer parte da formação integral dos alunos (ver tabela nº3).

Categorias	Frequência
C1 - Atividade física	5
C2 - Disciplina importante no currículo	2
C3 - Estilos de vida saudável	2
C4 - Sociabilização e libertação do stress	1
C5 - Formação integral dos alunos	1

Tabela nº 3 – Importância da Educação Física na formação dos alunos

C1 - Atividade física

A importância da Educação Física na formação dos alunos é relacionada por cinco dos seis entrevistados com a atividade física. Consideram que a atividade que a disciplina proporciona lhe dá um papel singular no desenvolvimento motor das crianças. São, igualmente, referenciadas o desenvolvimento de competências próprias da atividade física e os benefícios da sua fidelização.

“... desenvolver o individuo na sua globalidade ... e as competências a nível do trabalho motor são importantes ...”E1

“... Nem todos os alunos têm competências nas áreas académicas e permitem também o desenvolvimento de outras competências ...”E2

“...a prática desportiva deve ser iniciada nos mais tenros da idade, desde do jardim de infância ... atividade motora, depois a atividade física e desportiva no 1º ciclo...”E3

“Sim. É importante mas numa perspetiva de atividade física.”E5

“...estimular o gosto pela prática desportiva...”E6

Vários estudos referem que, muitos dos fatores de risco mais conhecidos das sociedades modernas estão já presentes em crianças e adolescentes (Bento, 1998). Ainda Bento (1991) considera que a atividade física constitui uma fonte de qualidade de vida. Faz parte da sua promoção o aumento da probabilidade dos jovens adotarem um

estilo de vida ativo e o manterem, em adultos. Neste sentido, esta disciplina deve visar a educação motora e a aquisição de, pelo menos, os gestos básicos das modalidades com maior expressão, porque a atividade desportiva, a par dos auxílios para a saúde, da integração e socialização (Carvalho, 2001).

C2 - Disciplina importante no currículo

No seguimento dos comentários anteriores, dois dos entrevistados consideraram a disciplina importante no currículo dos alunos. Referem que se trata de uma disciplina que acompanha os alunos em toda a sua escolaridade até final do ensino secundário e, como tal, faz parte do grosso de disciplinas estruturantes do ensino.

“...essa disciplina porque depois indo para o ensino superior deixam de ter ... só por isso se torna numa disciplina extremamente importante...”E4

“Eu vejo a Educação Física no plano global do ensino.”E6

Por ser a única disciplina que visa preferencialmente a corporalidade, constitui um argumento central a favor da presença da Educação Física e do Desporto no seio das disciplinas curriculares (Bento, 1999).

Da mesma forma, Hardman (2000) considera que a Educação Física pretende manter uma presença curricular na escola e, assim, promover e acolher a atividade física como base da formação. É essencial para o desenvolvimento físico, social e emocional das crianças e jovens. Para além disso, promove um efeito natural de imunização contra muitas doenças próprias de um estilo de vida sedentário e estabelece o alicerce de habilidades para uma participação social mais ativa. Também Onofre (1996) refere que a Educação Física é, atualmente, uma disciplina essencial incluída no currículo escolar português, fazendo parte do plano de estudos dos alunos desde o 1º ano do 1º ciclo do ensino básico até ao final do ensino secundário (12º ano).

C3 - Estilos de vida saudável

Algumas respostas dos diretores entrevistados referem que a disciplina de Educação Física é importante na aquisição de estilos de vida saudável. Falam numa

disciplina com capacidade de transmitir os valores da atividade física e a sua fidelização para a sua vida.

“... momentos de descontração, e canaliza-los para opções de vida diferentes ...”E2

“...é importante porque cria também estilos saudáveis...”E3

A disciplina de Educação Física na escola é vital para todos os aspetos do crescimento e desenvolvimento (físico, social e emocional) normal das crianças e jovens. Para além disso, ela promove um efeito natural de imunização contra muitas doenças características de um estilo de vida sedentário (Hardman, 2000).

Ferreira (2004) defende que a atividade física na escola constitui um elemento importante na criação de um estilo de vida saudável e, em tempo escolar, a disciplina de Educação Física é a única a visá-la. As suas características únicas tornam-na uma disciplina insubstituível.

C4 - Sociabilização e libertação do stress

Ainda referente à importância da disciplina de Educação Física, um dos diretores entrevistados considera-a fundamental na socialização e libertação do stress dos alunos. Descreve a sua capacidade de fundamentar o trabalho de grupo e a interação entre os alunos.

*“ ... sociabilização, trabalho de grupo, interação entre eles, a partilha ...”
E2*

“... libertação do stress e lhes proporciona também momentos de descontração, e canaliza-los para opções de vida diferentes também, ...”E2

Musgrave (1979) considera que no processo de desenvolvimento da personalidade, muito embora se desenrole pela vida fora, os alicerces são lançados antes da criança ir para a escola. Considera que a Educação Física tem um contributo inegável no capítulo da sociabilização e equilíbrio psíquico. Desta forma, considera ser fundamental que a própria família assuma um papel de fomentador de uma vida saudável, através da atividade física e do reconhecimento da importância da disciplina.

C5 - Formação integral dos alunos

Um dos diretores entrevistados reforçou o contributo da disciplina no trabalho dos vários aspetos do desenvolvimento humano e da sociedade. Considera que a disciplina é muito importante na formação integral dos alunos.

“ ... contribua para formação do cidadão integral, do cidadão enquanto um todo ... ”E1

“... também os skills (habilidades) e as competências a nível do trabalho motor são importantes ...” E1

Da mesma forma para Nunes (1999), o movimento tem um papel de extrema importância no desenvolvimento global da criança, podendo ser considerado o principal influenciador das primeiras formas de pensamento. Segundo Duarte (1999), devemos encarar a atividade física diária como fundamental na manutenção do nosso bem-estar físico, psíquico e social.

O peso da nota da disciplina classificação final do secundário

Relativamente à consideração da nota de Educação Física no final do ensino secundário, todos os nossos entrevistados concordam que conte como média do ensino secundário. Consideram que todas disciplinas devem ser avaliadas para que se possa valorizar o trabalho e empenho dos alunos. Já no que respeita ao acesso ao ensino superior, quase todos os entrevistados não concordam com a participação da Educação Física (ver tabela nº4).

Categorias	Frequência
Concorda que Conte como média do ensino secundário	6
Concorda que Conte para o acesso ao ensino superior	1
Discorda que conte para a média de acesso ao ensino superior	5
Razões:	1
Gerador de stress e lesões	3
Nada tem a ver com o curso pretendido	

Tabela nº 4 – O peso da nota da disciplina classificação final do secundário

Quase todos os outros entrevistados consideram que a disciplina, pelas suas especificidades, não deveria contar para o acesso ao ensino superior. Falam em fatores genéticos que condicionam os êxitos, que não tem nada a ver com o curso a seguir no futuro e que cria situações de stress. Apenas um dos entrevistados considera que a disciplina, tal como as outras, deverá contar para o acesso ao ensino superior.

“...se eles são bons nessa área porque é que essa área não pode entrar na média deles? Porque é que essa nota não se deve valorizar? Se fez um esforço para isso, como outro fez pela física, ou outro pela química ou outro por outra área qualquer.”E3

“... que conte em termos de média do secundário eu considero ... que conte em termos de acesso ao ensino superior não concordo. (...) não têm rigorosamente nada a ver com o curso que vão seguir no seu futuro.”E1

“... alunos no ensino secundário ... por uma média para ter acesso ... escolha. Penso que ... ed. F. não deveria ... que condiciona-se essa escolha, a não ser que ... queira ... área vocacional ... a educação física. ...”E2

“...opinião que a nota deveria contar para media do ensino secundário...e não para a media do acesso ao ensino superior.”E4

“...o acesso se disputa à milésima qualquer nota no ensino secundário é muito importante. Cria situações de stress e leva muitas vezes às lesões...”E5

“...para a ascensão ao ensino superior, evidentemente que o percurso poderia contar em termos de currículo, mas o alunos fazerem efetivamente as específicas ... ao curso para o qual os alunos pretendem ir.”E6

Para Carvalho (2001), a Educação Física é mais importante do que a nota classificativa. A Educação Física, enquanto disciplina obrigatória, tem de ter também o papel de fornecer os conteúdos que facultem a cada aluno a capacidade de os utilizar como instrumentos, na direção que mais se adegue às suas necessidades. Não pode ser simplesmente vista desse ponto, onde o que conta é a média final. Neste sentido, esta disciplina deve visar a educação motora e a aquisição de, pelo menos, os gestos básicos das modalidades com maior expressão, porque a atividade desportiva, a par dos auxílios para a saúde, criam hábitos para toda a vida, para além do contributo na integração e socialização.

Também o Ministério da Educação, pelo decreto-lei n.º 139/2012, decidiu que a disciplina vai deixar de entrar no apuramento da média final do ensino secundário,

exceto quando o aluno pretenda prosseguir estudos nesta área. O decreto-lei só tem aplicações reais no ano letivo de 2014 -2015, para todos os alunos matriculados no ensino secundário. A disciplina é considerada, no entanto, para efeitos de conclusão do nível secundário de educação.

Os alunos e a disciplina

Os diretores entrevistados consideram que os alunos têm uma boa relação com a disciplina. A maioria considerou que os alunos gostam da disciplina e os outros consideraram que alguns alunos adoram ou detestam. Houve referência à associação que os alunos fazem à libertação da carga cognitiva que a disciplina consegue através das aulas e das atividades por ela desenvolvidas. Foi, ainda, relatado que o gosto pela disciplina pode ser condicionamento pela abordagem do professor (ver tabela nº5).

Categorias	Frequência
E1 – Gostam	4
E2 - Uns adoram, outros detestam	2
E3 - Libertação da carga cognitiva	1
E4 - Depende da abordagem do professor	1
E5 - Atividades da Educação Física	1

Tabela nº 5 – Os alunos e a disciplina de Educação Física

E1 - Gostam

Os diretores que referiram que os alunos gostam da disciplina realçaram o poder que a disciplina tem de prender os alunos em vários projetos e de recuperar alunos com problemas escolares vários.

“ Penso que os alunos aderem á disciplina.(...) eu acho que ela é Benvinda pelos alunos ... ”E1

“... muitos conseguem prenderem-se a projetos abrangentes ... ”E2

“... tive um numero tão reduzido de alunos que não gostavam...”E3

“...pelo feedback que eu tenho, evidentemente que a grande maioria gosta...”E6

As práticas desportivas têm uma boa aceitação mas, devem estar mais de acordo com o interesse manifestado pelos jovens e com os valores atuais, olhando as novas modalidades como alternativas positivas. Duarte (1992) e Gonçalves (1998), baseados em estudos realizados, consideram que se verifica que existe uma atitude favorável, por parte dos alunos, face à disciplina de Educação Física, superior a 90%.

Também Piéron (1999) e colaboradores, através de um estudo internacional, conferiram que nove em cada dez alunos mostram atitudes favoráveis face à disciplina. Estes resultados demonstram a importância que a Educação Física tem para os alunos.

Num estudo mais recente (Pereira, Carreira da Costa & Diniz, 2009) confirmou os dados anteriores. Os alunos que participaram no estudo (198 alunos do 9º ano de escolaridade) têm uma atitude favorável à disciplina de Educação Física. O mesmo estudo refere que essas atitudes variam em função do género, mas não são influenciadas pelo aspeto socioeconómico das suas famílias.

E2 - Uns adoram, outros detestam

Ainda relativamente ao gosto dos alunos pela disciplina, dois dos diretores entrevistados consideraram que nem todos os alunos gostam da disciplina, havendo mesmo quem a deteste.

“Há de tudo, há os alunos que gostam e que até praticam atividades fora da escola e outros que odeiam a Educação Física...”E5

“...fico preocupado ... pela falta de aplicação, pela falta de rigor dos alunos no desempenho.”E6

Também Bento (2004) relata que há crianças que praticam, no âmbito do desporto organizado, várias vezes por semana ou até diariamente mas, existe a tendência dos que não praticam atividade nenhuma.

Há diferentes maneiras como os alunos percecionam a Educação Física, principalmente com a alteração da idade. Delfosse *et al.* (1997) verificou num estudo que os alunos tinham uma atitude favorável em relação à disciplina de Educação Física em ambos os sexos, no entanto com o aumento da idade esta tende a decrescer.

E3 - Libertação da carga cognitiva

Na relação dos alunos com a disciplina de Educação Física, um dos diretores entrevistados fez uma análise ao pensamento dos alunos, referindo que os alunos veem muitas vezes a disciplina como um espaço de libertação da carga cognitiva e de alguma expressão lúdica.

“Penso que ela é também um espaço de libertação. (...) espaço de alguma expressão lúdica ...”E1

Também para Bento (1999) a disciplina de Educação Física tem por objetivo dar aos seus alunos uma formação desportiva de base, criar viabilidades de movimento, impedindo que a escola fique ainda mais intelectualizada e inimiga do corpo.

E4 - Depende da abordagem do professor

Dos entrevistados, um dos diretores considerou que a abordagem do professor pode influenciar o gosto dos alunos pela disciplina. Defende que uma boa relação professor aluno pode influenciar positivamente as aulas.

“...esta em particular depende muito da abordagem do professor.”E4

“...empatia ou não da disciplina tem haver muitas vezes com o perfil do professor.E4

Também para Pereira (2006) os professores têm um papel fundamental na promoção da Educação Física. Em todas as situações de aprendizagem, a motivação do aluno tem uma ligação direta com a motivação do professor. Diante de tantas transformações é fundamental que o professor seja sabedor das necessidades dos adolescentes e os incentive para as aulas de Educação Física. Para De Knop et al. (2004) o professor de Educação Física ideal deve ser participativo, amigável, entusiástico, humorístico e motivador. Eles têm de mostrar respeito pelos alunos que não são fisicamente muito talentosos. A maioria dos alunos também aprecia a sua relação com o Professor de Educação Física e a capacidade do professor para ouvir e dar conselhos sobre escolhas relativas a estudos e saúde.

E5 - Atividades da Educação Física

Houve ainda, na relação dos alunos com a Educação Física, a evidenciação das atividades desenvolvidas pela disciplina. Um dos diretores considerou que os alunos aderem bastante às atividades desenvolvidas pela disciplina, demonstrando assim o seu apreço pela Educação Física.

“... quando nós na escola fazemos atividades ... há sempre uma grande adesão por parte dos alunos ...”E2

Identicamente Bento (1998), na relação da Educação Física com os alunos, refere que através da prática desportiva, lúdica e motora podemos intervir no nosso corpo e na nossa saúde, desfrutando da vida e resistir às más influências da sociedade moderna com mais afinco. Conjuntamente Gonçalves (1999) encara as atividades desportivas destinadas às crianças como algo de muito útil e de máxima importância.

Carga horária da disciplina

No que respeita à consideração da carga horária da disciplina de Educação Física no secundário os nossos entrevistados consideram, na sua maioria, que ela está ajustada. Ao mesmo tempo entendem que no ensino básico deveria ser aumentada para dois blocos de 90 minutos, tal como no secundário (ver tabela nº6).

Categorias	Frequência
Ajustada	5
Deveria aumentar no básico para dois tempos de 90	
	4
Desajustada	1
Deveria passar para 3 vezes por semana com 60 minutos	1
cada aula mantendo os 180 minutos semanais	

Tabela nº 6 – Carga horária da disciplina de Educação Física

Segundo Hardman (2000), a nossa realidade no que respeita a número de aulas de Educação Física, por semana, só é acompanhado de perto por a Áustria, França e Suíça.

“É,(ajustada) (...) nós deveríamos ter mais componente no ensino básico ...”E1

“ Penso que se encontra ajustado. No segundo e terceiro ciclo do ensino deveria ser aumentado para dois blocos de 90 ...”E2

“Está ajustado.”E4

“Penso que sim. Duas vezes por semana de 90 minutos chega (...). No 2º e 3º ciclo os 45 m não devem dar para grande coisa.”E5

“...na minha opinião deveriam ser dois blocos tanto no 2º, 3º ciclo e secundário.”E6

No entanto, um dos entrevistados considera que a carga horária não é a adequada no tempo de aula e na distribuição semanal. Considera que as aulas, para que fossem em termos de condição física mais eficazes, deveriam ter um tempo de aula de 60 minutos e uma frequência de três vezes por semana.

“...eu não acho adequado, não acho adequado o numero de horas semanais e a organização(...)três vezes semanais de pelo menos 60 minutos, aí sim o efeito era outro.”E3

Também para Bento (2004) os níveis de atividade desportiva e de aptidão física, mais precisamente no setor das crianças e jovens, caminham para valores preocupantes e que põem em causa um bom desenvolvimento físico, psíquico e social. Tudo isto se torna mais preocupante junto das atitudes dos governantes, que demonstram a baixa importância que atribuem à disciplina de Educação Física.

Carvalho e Mira (1993) referem que, para que as aulas de Educação Física tenham repercussão significativa no crescimento académico dos alunos, se realizem três sessões semanais ou no mínimo duas vezes por semana, distribuídos ao longo da semana. É preferível menos tempo em cada sessão do que menos sessões de maior duração.

Os conteúdos da disciplina

No que concerne aos conteúdos da disciplina, a maioria dos diretores entrevistados considera que os conteúdos desenvolvidos são os adequados. Com a exceção de um dos entrevistados que referiu não ter condições para se pronunciar acerca dos conteúdos da disciplina (ver tabela nº7).

Categorias	Frequência
Adequados	5
Não sabe	1

Tabela nº 7 – Os conteúdos da disciplina de Educação Física

“ Sim, eu penso que sim. Eu penso que a escola deve dar competências base e ... não deve vedar os alunos dos outros saberes ... ”E2

“Começam a ir, até porque há áreas mais abrangentes em que se pode neste momento lecionar uma série de modalidades ditas mais modernas.”E3

“Eu penso que está ajustado...”E4

“...o programa é bastante vasto e permitem aos professores adaptarem um bocado às circunstâncias.”E5

“...quanto mais diversidade melhor e aí deixo para os técnicos a forma de estimular e cativar...”E6

Infelizmente, o consenso acerca das direções e funções da Educação Física ainda não existe. Segundo Dale et al. (1998), apesar de não existirem ainda resultados conclusivos, existem evidências que suportam que, um programa de Educação Física que visa os aspetos do domínio físico, cognitivo e aperfeiçoamento das matérias de cultura física, bem como os aspetos da socialização, têm efetivamente mais sentido no contexto escolar.

A avaliação dos alunos

Os nossos entrevistados, quando questionados se a avaliação dos alunos está apropriada às necessidades atuais, ficaram um pouco divididos mas, a maioria

considerou que não está ajustada. Houve algumas referências aos pesos atribuídos na avaliação dos diferentes domínios, quem considerasse que o aspeto da evolução deveria ser mais valorizado, quem veja a disciplina como essencialmente prática devendo a avaliação também ser essencialmente prática, quem ache que se deveria valorizar mais a componente teórica para os menos aptos na capacidade motora e, ainda, os que vejam o sistema de avaliação como adequado (ver tabela nº8).

Categorias	Frequência
Não está ajustada às necessidades	4
Está ajustado às necessidades	2

Tabela nº 8 – A avaliação dos alunos em Educação Física

“...pesos que se atribuem eh eh ... (psicomotor) ... menor peso porque nós formamos alunos ... noutras competências como de cidadania, cumprimentos de regras...”E2

“...esta é uma área ou disciplina que é essencialmente prática...”E3

“Deveria ser avaliado o que ele consegue evoluir tendo em conta as suas condições físicas. Deveria ser reduzido o peso do psicomotor.”E5

“...para aqueles alunos com problemas de motricidade, se calhar valorizar mais a componente teórica.”E6

“... penso que é, no caso da Educação Física, devidamente adaptado à especificidade da disciplina ...”E1

“...no caso concreto desta escola está equilibrado, não existe um peso mais acentuado de nenhum.”E4

Segundo Mota e Sallis (2002) a Educação Física e a escola têm um posicionamento que lhes permite influenciar os jovens em fases determinantes da sua vida. Aspetos como o desenvolvimento da sua personalidade nas dimensões sócio afetiva, aptidão física nas motoras e conhecimento específico nas dimensões cognitivas podem receber um importante contributo por parte da Educação Física legitimando, assim, a sua presença na avaliação da disciplina.

Da mesma forma Tani e Manoel (2004) veem a Educação Física como uma disciplina singular por contemplar simultaneamente, os domínios motor, cognitivo, social e afetivo.

valorização da disciplina de Educação Física

No que respeita ao tema da valorização da disciplina, os nossos entrevistados referiram que a disciplina praticamente só tem aspetos positivos. Apenas dois dos entrevistados, depois de enunciarem vários aspetos que valorizam a disciplina, pronunciaram pontos negativos à disciplina. Dos aspetos que os nossos entrevistados mais valorizam na disciplina de Educação Física, constam a atividade física e a socialização. Também foi feita referência à capacidade que a disciplina tem de captar alunos em novos projetos e de direcionar alunos para um estilo de vida saudável. Da parte menos positiva da disciplina, quase todos referiram que a disciplina não tem aspetos negativos, onde apenas dois dos entrevistados referiram a inatividade e teorização da disciplina e a não valorização da evolução do aluno como aspetos negativos (ver tabela nº9).

Categorias	Frequência
Mais valorizado	
I1 - Atividade Física	4
I2 – Socialização	3
I3 - Estilos de vida saudável	2
I4 - Captação de alunos com novos projetos	2
Menos valorizado	
I5 - Inexistência de pontos negativos	4
I6 - A inatividade, a teorização da disciplina	1
I7 - Não valoriza a evolução	1

Tabela nº 9 – Valorização na disciplina de Educação Física

I1 - Atividade Física

A atividade física foi referida por quatro dos seis entrevistados como o aspeto mais valorizado na disciplina de Educação Física. Não houve referência concreta ao tipo de atividade, apenas referiram que o importante seria pôr os alunos em atividade.

“...prática desportiva a prática motora seja que atividade for...”E3

“...temos a pratica desportiva, uma pessoa praticar desporto é uma das mais valias que ... toda a gente deve ter.”E4

“A atividade física. Pôr os alunos em atividade física.”E5~

“O estimular ao exercício, estimular à prática, estimular os alunos à diminuição do sedentarismo.”E6

Igualmente para Bento (1999), segundo vários estudos, pode-se concluir que a atividade física poderá influenciar positivamente o desenvolvimento e o bem-estar desde a infância até à idade adulta. Para Homem (1998), a atividade física constitui um fator essencial da educação corporal, de preparação do homem para a vida.

Da mesma forma Moreira (2006) realça a importância da atividade física desportiva para o desenvolvimento e crescimento equilibrado. Juntamente com o seu contributo no que diz respeito à aquisição de um estilo de vida saudável.

I2 - Socialização

Os Diretores que fizeram parte do nosso estudo elegeram a socialização como um dos aspetos que mais valorizam na Educação Física. Consideram que a disciplina tem condições únicas nas relações interpessoais e de espírito de grupo.

“...mais valorizo...as componentes que têm haver com a socialização...”E1

“...atividade de grupo cria uma mais valia nos alunos, de entreajuda ... de socialização e isso ... ter um papel extremamente importante entre os jovens.”E4

“...parte da sociabilização e a Educação Física através dos desportos, mais os coletivos, poderia contribuir para isso.”E5

Para Barros e Barros (1972), as atividades desportivas, recreativas e rítmicas poderiam ser consideradas como meios mais eficazes para promover a socialização dos alunos, uma vez que, normalmente, são realizadas em grupos, os quais obedecem ao princípio de cooperação entre os seus intervenientes.

Também Guardiã (1992) considera que, no domínio social, não parece haver nenhuma outra atividade que desenvolva tantas interações sociais como a atividade física. É no espaço escolar que a socialização, formação da identidade e construção de valores dos jovens sucede (Matos & Sampaio, 2009)

I3 - Estilos de vida saudável

Outra das características que valorizam a disciplina de Educação Física, enunciadas pelos nossos entrevistados, visa os estilos de vida que ela pode proporcionar. Anunciam que se trata de uma disciplina que proporciona a libertação do stress e fomenta o convívio entre alunos e a comunidade escolar. Consegue, também, trabalhar o gosto pelo desporto, fidelizando-o para a vida do aluno.

“... um espaço de libertação de stress, de ansiedade, de convívio ...”E1

“...uma forma de estimular e fidelizar a atividade física.”E6

Para Musgrave (1979), a Educação Física tem um contributo inegável. É fundamental que a família assuma o papel de fomentador de uma vida saudável através da atividade física.

Também Neto (1994) defende que a Educação Física pode evitar o crescimento de estilos de vida sedentária e das doenças da sociedade moderna. A prática desportiva regular oferece muitos benefícios no desenvolvimento da criança ao nível do crescimento físico e também nos planos cognitivos, social, afetivo e até mesmo ideológico.

I4 - Captação de alunos com novos projetos

Foi também evidenciado, por um dos nossos entrevistados, que a disciplina de Educação Física tem uma capacidade impar na captação dos alunos em novos projetos. Falamos essencialmente de alunos que por vezes não conseguem bons resultados nas outras disciplinas e, em muitas situações, associados a alunos com níveis de indisciplina elevado e de possíveis abandonos escolares.

“...projetos bons e conseguimos cativar muitos alunos através da Educação Física...”E2

Para Marivoet (1997), o papel educativo das atividades físicas e desportivas tem vindo a ser reforçado, constituindo-se como um espaço que transmite valores de lealdade e respeito pelas regras instituídas, diminuindo a agressividade dos alunos. Da mesma forma, Lima (1988) considera que a atividade física funciona como um pólo que realça os valores da cidadania e do trabalho em equipa, ao mesmo tempo em que combate frontalmente fenómenos destrutivos que caracterizam a nossa sociedade, tais como a droga, violência e criminalidade.

I5 – Inexistência de pontos negativos

A maioria dos entrevistados considera que a disciplina não tem pontos negativos. Falam que a disciplina está sempre associada a coisas boas. Consideram-na importante na formação dos alunos e no benefício que trás em vários domínios.

Também Ntoumanis (2001) considera que a importância da Educação Física na educação escolar contemporânea é hoje autenticada em todo o mundo.

I6 - A inatividade, a teorização da disciplina

Percorrendo o campo dos aspetos menos valorizados dentro da disciplina de Educação Física pelos nossos entrevistados, um dos diretores escolares refere que a inatividade e a teorização da disciplina é um aspeto a ser considerado. Considera que tem havido uma transformação da disciplina para campos mais teóricos, o que lhe retira a sua grande riqueza, a prática desportiva.

“...faz sentido que haja momentos de avaliação escritos, mas dar dossiês para estudar de 90 páginas, isso aí estaríamos a tirar o espiro prático da disciplina.”E4

Também Wang, Pereira e Mota (2005a), num estudo realizado sobre os níveis de atividade física dos portugueses nas aulas de Educação Física, verificaram que muito do tempo da aula de Educação Física é desperdiçado e que, menos de 70% desse tempo é realmente usado na aula, tornando assim as crianças menos ativas do que o que seria esperado. Igualmente Green (2000) considera a existência de um declínio da atividade

física, que ocorre principalmente no final da adolescência. Isso e o aumento dos níveis de obesidade da população, já tem levado a que os programas de Educação Física de muitos países tenham vindo a sofrer alterações.

I7 - Não valoriza a evolução.

Ainda dentro da análise dos aspetos menos valorizados na disciplina, um dos diretores referiu que a disciplina deveria valorizar mais a evolução, em detrimento do resultado final. Considera que as condições genéticas de cada aluno podem ser um entrave ao resultado final e que o aluno não deveria ser penalizado por isso.

Se calhar quando avaliamos não valorizamos a evolução, as conquistas..."E6

Esta consideração é, também, defendida por Bento (1995). Pensa que a condição genética de cada aluno influencia o resultado final de cada atividade mas, todos alunos podem obter melhorias e manifestar evoluções. Faz referência mesmo ao facto de, na Educação Física não existirem em muitas situações a capacidade, por parte dos professores, de saber lidar com as fragilidades e menor condição física de alguns alunos.

Organização de atividades extracurriculares na Escola

Quando questionados acerca da importância da organização de atividades extracurriculares na escola, os diretores entrevistados responderam em massa que se trata de uma mais-valia escolar. Consideram que a organização se deve centrar em atividades diversificadas e no desporto escolar (ver tabela nº10).

Categorias	Frequência
J1 - Sim, enriquecimento, mais valia escolar	6
J2 - Promoção de atividades diversificadas	4
J3 - Desporto escolar	2

Tabela nº 10 – Organização de atividades extracurriculares na Escola

J1 - Sim, enriquecimento, mais-valia escolar

Enriquecimento e mais-valia escolar foi o tema mais evidenciado pelos nossos entrevistados aquando do questionamento acerca da organização de atividades extracurriculares. Todos os entrevistados consideraram a organização de atividades extracurriculares da disciplina de Educação Física, um momento muito rico para a escola e para os alunos.

“...a parte do desporto propriamente dito, dos jogos coletivos, do quadro competitivo são mais valias no processo.”E1

“...Sim, para mim penso que é dos pontos altos ... atividades de Educação Física toda a gente gosta de ir...”E2

“...relação ... professor de Educação Física e os alunos ... acaba por transbordar e muito para a área de outras atividades que são propostas ... os alunos aceitam com muito agrado...”E3

“Há um leque alargado de atividades ... que são uma mais-valia para os alunos e para a escola...”E4

“Sim importante é, trás sempre vida à escola.”E5

“Sim, é uma forma de estimular, de valorizar e, das pessoas também entenderem que a Educação Física não é só circunscrita a um grupo...”E6

Da mesma forma a World Health Organization (WHO, 2000b), considera a promoção da atividade física na escola como um objetivo crucial e que este pode ser conseguido com o contributo fundamental da disciplina de Educação Física. Também Mota e Sallis (2002) veem a escola através da Educação Física e suas atividades como mais-valia na formação dos alunos. Reconhecem-lhe duas formas de influenciar a atividade física nos alunos, a atividade por ela promovida e aquela que incute a transmissão de hábitos de atividade física que possam ser mantidos ao longo da vida.

J2 - Promoção de atividades diversificadas

Os nossos entrevistados pensam que na organização de atividades, é importante que a diversificação seja um ponto a ter em consideração. Para eles, quanto mais diversificadas forem as atividades mais enriquecidos ficam os alunos, adquirem um maior número de experiências e, também, conhecimentos acerca de novas vertentes do desporto.

“... o desporto de maneira geral, nós temos grupos equipa de ... portante eu falei do desporto em termos globais ...”E1

“...fazemos imensos torneios ... de várias modalidades desportivas onde os alunos se organizam sobe a vigilância dos professores e se organizam...”E3

“...o departamento de Educação Física costuma organizar anualmente o que se chama de dia da motricidade humana. É um dia em que se praticam diversos desportos...”E5

“Eu acho que todas as atividades são importantes, inclusive estas multiactividades.”E6

Para Bray (1991, citado por Mota, 1999) a Educação Física no seu início enquanto disciplina do processo educativo necessita de fornecer à criança um programa rico e variado, para que assim adquiram as habilidades motoras básicas.

Também Duarte (1999) considera que devemos encarar a atividade física diária como fundamental na manutenção do nosso bem-estar físico, psíquico e social. Defende que qualquer atividade é proveitosa, melhor ainda se for uma atividade orientada e organizada com finalidades educativas.

J3 - Desporto escolar

Dos diretores entrevistados, dois consideraram que o desporto escolar é um local de organização de atividades privilegiado. Pensam que a sua nomenclatura organizacional extra escola e, conseqüente organização interna, contribui para o desenvolvimento de várias atividades ao longo do ano.

“O desporto escolar ... é um espaço em que os professores dentro da sua carga horária podem fazer um conjunto de atividades...”E3

“Aqui temos o desporto escolar. (...) os professores terão todas as condições com os grupos equipa da várias modalidades para criarem momentos na escola...”E4

De acordo com a Direção Geral da Inovação e do Desenvolvimento Curricular (2009) que elaborou o Programa do Desporto Escolar (2009/2013), para além de um dever decorrente do quadro normativo vigente no sistema de ensino, a prática desportiva nas escolas funda um instrumento de grande proveito no combate ao insucesso escolar e de melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem. Visa, especificamente, a promoção da saúde e condição física, a aquisição de hábitos e condutas motoras e o

entendimento do desporto como fator de cultura, estimulando sentimentos de solidariedade, cooperação, autonomia e criatividade.

O aumento de programas recreativos e desportivos evitaria o crescimento de estilos de vida sedentária e contribuiria para a diminuição das doenças da sociedade moderna (Neto, 1994).

Realização de atividades

A realização de atividades desportivas, segundo os diretores entrevistados, é diversificada e promove o desporto de uma forma global. Para os diretores, as atividades são as adequadas às condições das suas escolas e alunos. Alguns fazem, ainda, referência às atividades do desporto escolar, considerando-as assertivas e estimuladoras da atividade física (ver tabela nº11).

Categorias	Frequência
K1 - Promoção de atividades diversificadas	6
K2 - Sim são as adequadas	5
K3 - Atividades do desporto escolar	4

Tabela nº 11 – Realização de atividades

K1 - Promoção de atividades diversificadas

Os diretores entrevistados, quando questionados acerca da diversidade das atividades que iam sendo realizadas na sua escola ao longo do ano, afirmaram massivamente que as atividades eram bastante diversificadas. Foram vários os exemplos enunciados, com atividades dentro e fora da escola, com o princípio da inovação e diversificação sempre em destaque.

“ ... não há qualquer imposição para desenvolver esta ou qualquer modalidade, elas surgem de uma forma chamemos-lhes espontânea, ...”E1

“...costumamos fazer no último dia uma atividade desportiva que engloba várias modalidades.”E2

“tentando abarcar ao máximo a diversificação de atividades para eles.”E3

“E tento criar todas as condições para que elas aconteçam aqui na escola.”E4

“Atingem diferentes alunos e penso que estão bem enquadradas em qualidade e quantidade.”E5

“Ainda agora os alunos vão fazer canoagem...”E6

Também Bento (1991) considera que a promoção da atividade física é fundamental. Desta forma, obteremos uma maior probabilidade de todos jovens adotarem estilos de vida ativos e de os manterem no futuro já enquanto adultos. A disciplina perante tantas transformações, que ocorrem nesta fase da vida de um adolescente, deve-se manter atualizada, tornando as práticas desportivas mais apelativas e em consonância com o público-alvo.

K2 – Sim, são as adequadas

Continuando com o assunto em epígrafe anunciado, a realização de atividades, os nossos entrevistados anunciaram, na sua maioria, que as atividades realizadas na sua escola são as adequadas. Veem-nas como atividades importantes, adequadas às necessidades dos alunos e às condições da escola. Consideram que as atividades desenvolvidas nas suas escolas abrangem os desejos da maioria dos alunos, mantendo uma diversidade assinalável e que respeitam o bom funcionamento da escola e das outras disciplinas.

“ Sim, penso que sim. São as mais adequadas às instalações que temos.”E1

“...penso que as que fazem parte do plano anual de atividades são adequadas.”E2

“Sim, em princípio sim.”E3

“...as atividades organizadas aqui na escola são bem organizadas, adequadas e diversificadas.”E5

“...eles sentirem a escola de uma outra forma, fomentar o sentido de grupo e perceber que à muitas coisas importantes na sua formação.”E6

Segundo Bray (1991, citado por Mota, 1999) a Educação Física, nas primeiras fases do processo educativo, necessita de fornecer à criança um programa rico e variado, para que assim adquiram as habilidades motoras básicas. Qualquer programa

planificado de atividades motoras que ajude a desenvolver e controlar o corpo pode ser considerado Educação Física.

K3 - Atividades do desporto escolar

Através do desporto escolar realizam-se, segundo quatro dos nossos entrevistados, várias atividades ao longo do ano. Consideram-nas desenvolvidas de uma forma organizada, entusiástica e com todas as condições físicas e humanas para cativar os alunos.

“ ... que um grupo de desporto se mantenha de um ano para o outro, que haja continuidade, isso para nós é importante.”E1

“...nós organizamos ... de forma a que os alunos tenham a quarta feira à tarde livre...”E2

“...temos participado por exemplo em tudo o que são atividades proposta pelo desporto escolar...”E3

“Eu valido todas as atividades como importantes, as dentro e fora do desporto escolar.”E4

Também Barros e Barros (1972) consideram que, através de atividades físicas, a Educação Física promove o desenvolvimento orgânico e funcional da criança, procurando melhorar os fatores de coordenação e execução de movimentos. É evidente que estas atividades devem ser adequadas ao estado de desenvolvimento de cada criança, para assim fazer com que os movimentos sejam próprios ao seu grau de desenvolvimento morfofisiológico, o que contribui de maneira significativa para o avanço orgânico e funcional dos alunos, em cada etapa de sua vida escolar.

A Educação Física e os seus profissionais numa escola de qualidade

Quando questionados, acerca do papel da Educação Física e dos seus profissionais no desenvolvimento de uma escola de qualidade, os diretores responderam na totalidade que a disciplina e os seus profissionais devem, principalmente, concentrar-se na promoção da importância da disciplina. Houve, também, referência à capacidade da disciplina na socialização e formação integral dos alunos. Um dos entrevistados referenciou, ainda, o aumento da excelência nas áreas específicas, com promoção das qualidades específicas e individuais de cada um (ver tabela nº12).

Categorias	Frequência
L1 - Promover a importância da disciplina	6
L2 – Socialização	2
L3 - Formação integral dos alunos	2
L4 - Aumentar a excelência nas áreas específicas (desporto escolar)	1

Tabela nº 12 – A Educação Física e os seus profissionais numa escola de qualidade

L1 - Promover a importância da disciplina

A promoção da importância da disciplina foi o comentário relatado por todos os entrevistados, quando questionados acerca do papel da Educação Física e dos seus profissionais na construção de uma escola de qualidade. Para os nossos entrevistados é muito importante que haja uma promoção dos benefícios da disciplina, para que o reconhecimento do seu valor seja cada vez maior.

“... um nicho de excelência que contribua para a visibilidade da disciplina e da escola.”E1

“...os Professores de Educação Física têm um papel muito importante ... na transformação da escola numa escola inclusiva...”E2

“... hoje o professor de Educação Física é um professor ... importante no desenvolvimento das nossas crianças. (...) que eles saibam ... dizer algo sobre essa importância...”E3

“...o contributo como Professores de Educação Física que são uma mais valia numa escola (...) promover outras atividades de índole desportivo.”E4

“Levar os alunos que rejeitam a atividade física a fazer atividade física.”E5

“Colaboram e têm iniciativa com atividades que possam passar para os alunos acerca da importância da Educação Física...”E6

Bento (1998) reforça a necessidade de promover a atividade física. Considera a inatividade física um fator de risco principalmente para as doenças cardiovasculares. Vê a necessidade de identificar os fatores associados ao declínio dos níveis da atividade física, para ajudar no desenvolvimento de iniciativas que contraponham a presente tendência de sedentarismo.

Segundo Loureiro, Matos e Diniz (2009), é importante identificar os diversos fatores que influenciam a prática de atividade física, no sentido de alterar os níveis de sedentarismo dos jovens e promover a prática desportiva.

L2 – Socialização

O poder de socialização da disciplina foi evidenciado por dois dos entrevistados. Consideram que a disciplina tem excelentes capacidades na promoção da convivência entre alunos e comunidade escolar. Consegue impulsionar relações e integrações de alunos mais difíceis melhor do que qualquer outra disciplina.

“...pode perfeitamente contribuir para a sociabilização das crianças...”E2

“...professor de Educação Física pode muitas vezes ajudar a captar a atenção daquele aluno mais indisciplinado (...) no sentido de o ajudar ... a saber estar nas outras disciplinas...”E3

A atividade física e os seus profissionais têm em mãos uma grande oportunidade de evidenciar e contribuir para a criação de valores de cidadania. Para Lima (1988), podem funcionar como um polo que realça os valores da cidadania e do trabalho em equipa, ao mesmo tempo que combate, frontalmente, fenómenos destrutivos da nossa sociedade (tais como a droga, violência e criminalidade), ao mesmo tempo que se assume como uma forma de compensação social, para além dos benefícios relacionados com a saúde. Também Guardiã (1992) considera que no domínio social não parece haver nenhuma outra atividade que desenvolva tantas interações sociais.

L3 - Formação integral dos alunos

Para dois dos nossos entrevistados, a disciplina pode ser parte integrante do seu processo de formação. A disciplina, segundo alguns dos entrevistado, tem muito boas condições na formação integral dos alunos, pois trabalha vários domínios de uma só vez. Consideram que a disciplina e os seus profissionais são, em muitas circunstâncias, uma referência para os alunos, o que lhes acarreta muita responsabilidade.

“...contribuir ... para a sua integração e para o seu desenvolvimento pleno.”E2

“...a intervenção hoje da importância da atividade ... âmbito de ajudar os próprios alunos a saber estar e ajudá-los nos seus resultados escolares...”E3

Igualmente para Rocha (1996), é incontestável a importância do papel que a Educação Física e o Desporto na escola. Proporciona experiências que encorajem escolhas ponderadas, convicções e integração nos principais valores na vida de todos nós. A própria legislação, através da Lei de Bases do Sistema Educativo e o Estatuto Eclético dos atuais Programas de Educação Física, sublinha a importância da aptidão física que visa a melhoria da qualidade de vida, da saúde e do bem-estar, como também permite alcançar objetivos ao nível psicomotor, cognitivo e sócio afetivo.

L4 - Aumentar a excelência nas áreas específicas (desporto escolar)

Foi, ainda, relativamente ao papel da Educação Física e dos seus profissionais no desenvolvimento de uma escola de qualidade, focado por um dos diretores que os intervenientes em causa podem contribuir para a evolução dos alunos e da escola em áreas específicas. Poderão dar visibilidade à escola, através das suas participações desportivas, ao mesmo tempo que proporcionam a determinados alunos a sua evolução numa determinada área.

“... desporto escolar pode ser uma área de excelência.”E1

Segundo Monteiro (1993), cabe à Educação Física, em primeiro lugar, proporcionar a aquisição das competências básicas de todas as suas atividades, de forma humanizada, harmoniosa e equilibrada, sem descorar a possibilidade dos alunos se afirmarem nas suas vocações e aptidões no sentido da excelência.

Os órgãos de gestão da escola e a Educação Física

Com o intuito de conhecer as relações dos órgãos de gestão escolar com a disciplina de Educação Física, questionámos os nossos entrevistados acerca do seu contributo para a melhoria da disciplina. Todos os entrevistados responderam que institucionalmente sempre apresentaram disponibilidade e criaram condições para o bom funcionamento da disciplina. Dos diretores entrevistados, três referiram que estão sempre abertos à promoção e inovação da disciplina, recorrendo a parcerias e aquisição de materiais para novas práticas. Um dos entrevistados falou na valorização do trabalho do professor de Educação Física por forma a reconhecer e incentivar o seu papel (ver tabela nº13).

Categorias	Frequência
M1 - Disponibilidade e Criar condições físicas e humanas para a disciplina	6
M2 - Promoção e inovação de atividades	3
M3 - Valorização do trabalho do Professor de Educação Física	1

Tabela nº 13 – Os órgãos de gestão da escola e a Educação Física

M1 - Disponibilidade e Criar condições físicas e humanas para a disciplina

Todos os diretores entrevistados responderam que criam as condições físicas e humanas para o bom funcionamento da disciplina. Consideram que da sua parte o fundamental é contribuir com as condições necessárias para o funcionamento da disciplina, as necessidades dos professores e progresso da disciplina.

“... atribuímos muita importância e às condições que ela exige para ter êxito ...”E1

“...dar condições essencialmente a nível de material e a nível de recursos físicos.” “...ou reforço de um assistente operacional...”E2

“...é ajudar a que haja uma manutenção de espaços e materiais em número e qualidade, não é, suficiente para o desenvolvimento das práticas que os professores querem intervir.”E3

“...organizamos os horários para termos a quarta-feira à tarde livre para que todas essas atividades...”E4

“Eu penso que os profissionais de Educação Física têm os equipamentos e os materiais necessário para trabalhar neste momento.”E5

“...somos a única escola do distrito a oferecer formação na área desportiva, temos aqui um curso.”E6

Cabe aos presidentes dos órgãos de gestão, enquanto atores da organização, adequarem as condições/instrumentos que têm para a disciplina de Educação Física às necessidades educativas, por forma a satisfazer as necessidades/expectativas dos alunos e da sua formação. Também Musgrave (1979) considera ser fundamental que os agentes responsáveis pela criança, entre os quais os gestores escolares, devem procurar criar as condições necessárias e orientá-la a fazer escolhas certas, que de certa forma são induzidas pelos adultos.

M2 - Promoção e inovação de atividades

Metade dos diretores entrevistados considera que os órgãos de gestão podem prestar apoios na promoção e inovação de atividades. Consideram que, desta forma, com o estabelecimento de parcerias, a abertura a novas práticas e mesmo através da criação de formação suplementar nesta área, prestam um bom contributo na valorização da disciplina.

“Estar sempre aberto à inovação, a novas práticas, aos novos matérias que vão aparecendo e que os alunos exigem que assim seja...”E3

“... promover parcerias para haja miúdos a praticar desporto...”E4

“Nós temos estimulado ... de várias formas, uma das quais eles poderem ir para prosseguimento de estudos através de um curso profissional.”E6

Igualmente para Mota e Sallis (2002), a escola desenvolve formas de promover a atividade física nos alunos. Consideram a existência de duas, aquela que fomenta níveis de atividade por ela promovidos e aquela que incute a transmissão de hábitos de atividade física que possam ser mantidos ao longo da vida.

M3 - Valorização do trabalho do Professor de Educação Física

A valorização do trabalho dos professores de Educação Física, por parte dos diversos órgãos de gestão da escola, foi referenciada por um dos nossos entrevistados, como importante na manutenção da determinação e qualidade do seu empenho. Considera que muito do sucesso da disciplina advém da atitude do professor, desta forma, é necessário que ele se sinta valorizado e motivado para que o sucesso da disciplina seja atingido.

“...valorizar o trabalho que os professores fazem...”E3

Também Pereira (2004) vê no carácter do cumprimento profissional a credulidade e dignificação de qualquer profissão. A valorização e progresso na área profissional de Educação Física e Desporto muito dependerão da audácia e da capacidade com que prosseguirá a qualidade do desempenho, até aos mais altos níveis, de todos os profissionais. Nesse sentido, a valorização do trabalho desempenhado pelos professores de Educação Física é essencial.

4.2 - Conclusões

Podemos concluir que os diretores escolares consideram a disciplina de educação Física, no seu significado, prioritariamente, como importante no currículo dos alunos e que contribui para a formação integral dos alunos. Consideram-na ligada à libertação da carga cognitiva e também relacionada com a atividade física.

Consideraram-na, segundo os dados recolhidos e relativamente ao contributo da disciplina de Educação Física na construção de uma escola de qualidade, como uma disciplina importante na formação dos alunos, nas competências diferentes que desenvolve e na atividade física que proporciona.

Consideraram que ela é muito importante pela atividade física que proporciona e todos os benefícios que daí advêm. Pensam, também, que é uma disciplina que contribui para estilos de vida saudáveis, para a socialização e libertação do stress.

Relativamente à consideração da nota de Educação Física confrontámo-nos com duas direções diferentes. Os Diretores entrevistados concordam que conte como média do ensino secundário no final do ensino secundário. No entanto, no que respeita ao acesso ao ensino superior, quase todos os entrevistados consideram que a disciplina, pelas suas especificidades, não deveria contar para o acesso ao ensino superior.

Na visão dos Diretores, os alunos têm uma boa relação com a disciplina. A maioria considerou que os alunos, de um modo geral, gostam da disciplina no entanto, existem outros que consideraram que alguns alunos adoram ou detestam. Houve referências, por parte de alguns Diretores, à associação que os alunos fazem à libertação da carga cognitiva que a disciplina consegue e o condicionalismo causado pelo tipo de abordagem do professor.

No que respeita à reflexão acerca da carga horária da disciplina de Educação Física, os Diretores entendem que no ensino básico deveria ser aumentada para dois blocos de 90 minutos, tal como no secundário, onde, pensam na sua maioria, que ela

está ajustada. A mesma opinião é partilhada em relação aos conteúdos da disciplina, evidenciando que os desenvolvidos atualmente são os adequados.

Relativamente à avaliação dos alunos, podemos concluir que não existe consenso, mas a maioria considerou desajustada. Justificam dizendo que aos pesos atribuídos na avaliação dos diferentes domínios não é o mais correto, que o aspeto da evolução deveria ser mais valorizado, há quem veja a disciplina como essencialmente prática, devendo a avaliação também ser essencialmente prática e, que a componente teórica deveria ser mais valorizada para os menos aptos na capacidade motora.

No que respeita ao tema da valorização da disciplina e ao seu papel para a formação e desenvolvimento dos alunos, concluímos que atribuem grande importância ao aspeto do crescimento de aspetos sociais, como o respeito pelos outros e pelas regras e a atividade física. O desenvolvimento global dos jovens e a aquisição de competências essenciais para o futuro pessoal e profissional dos jovens. Também foi feita referência à capacidade que a disciplina tem de captar alunos em novos projetos e de direcionar alunos para um estilo de vida saudável. No entanto, houve a referência da inatividade e teorização da disciplina e a não valorização da evolução do aluno como aspetos negativos ou menos positivos.

Os Diretores veem a organização de atividades extracurriculares na escola como uma mais-valia escolar. Pensam que a organização se deve centrar em atividades diversificadas e no desporto escolar. Todos entendem que na sua escola as atividades são adequadas e bastante diversificadas. Foram vários os exemplos enunciados, com atividades dentro e fora da escola, com o princípio da inovação e diversificação sempre em destaque.

Os Diretores consideram que, na promoção de uma escola de qualidade, a disciplina e os seus profissionais devem principalmente promover a importância da disciplina. Já no que respeita ao papel dos Diretores, todos consideram que institucionalmente existe disponibilidade e condições para o bom funcionamento da disciplina. Falam da sua abertura na promoção e inovação da disciplina, recorrendo a parcerias e aquisição de materiais para novas práticas e, mesmo na valorização e reconhecimento do trabalho do professor de Educação Física.

Em síntese, os resultados obtidos neste nosso estudo mostram que, na opinião dos entrevistados, a disciplina de Educação Física é muito importante para o desenvolvimento e progresso dos alunos do ensino secundário. Contudo, essa importância deverá ser atribuída mediante as aspirações e necessidades dos alunos. A disciplina poderá ser cada vez mais motivadora para os alunos se for mais eclética, mais diversificada.

A disciplina deve-se agarrar mais às vivências que pode proporcionar aos seus alunos, em vez da promoção unicamente do êxito desportivo. Na fidelização da prática desportiva como modo de vida dos alunos e, nas suas potencialidades no desenvolvimento e formação equilibrada do Homem.

Limitações do estudo

Pensamos que um estudo como o que desenvolvemos, permite conhecer um pouco da realidade que se pretende analisar. Sabendo, no entanto, que estudos centrados em pequenas realidades não podem ser transportados para outras realidades, nem se devem generalizar. Pensamos ser evidente que os resultados e informações obtidos numa região do interior do país como Viseu poderão, certamente, ser diferentes noutra região Norte ou sul do País. Quando os entrevistados manifestaram a opinião acerca da importância da disciplina de Educação Física no Ensino Secundário, convém referir que essa opinião respeita sempre a um período de tempo.

Durante o desenvolvimento deste estudo deparamo-nos com algumas limitações metodológicas e processuais, tais como o facto de a amostra dos entrevistados ser reduzida, o que limita a generalização dos resultados do estudo e suas conclusões. Deparamo-nos, também, com alguma dificuldade na pesquisa e recolha de literatura apropriada ao estudo, dado a existência de poucos estudos sobre esta temática.

A localização espaço temporal do nosso estudo poderá constituir, também, por si uma limitação nos resultados obtidos. Porém, as limitações podem ser orientações para novas investigações e novos estudos. Assim, com este estudo poderemos motivar e

influenciar o desenvolvimento de novos estudos na extensão desta temática, contribuindo para uma melhor recolha e compreensão de novas informações.

Sugestões para futuros estudos

Tendo como referência as limitações em epígrafe evidenciadas, acreditamos que este estudo é uma boa, mas limitada, referência na abordagem desta grande temática que é o contributo da Educação Física para a construção de uma escola de excelência. Estudo esse centrado na opinião dos Diretores de escolas do ensino secundário no distrito de Viseu.

Consideramos, por isso, ser importante deixar algumas apreciações a futuros estudos nesta área.

Desta forma, aconselhamos que futuros estudos dentro desta temática tenham em consideração a necessidade de uma amostra maior para que os resultados possam ser de maior rigor e qualidade informativa. Da mesma forma que consideramos, também, ser importante realizar estudos noutras partes e regiões do país para assim, ao obter novas informações de diferentes pontos, as confrontar com estudos já realizados.

Podemos, ainda, aconselhar em futuros estudos, a adoção de métodos de recolha de dados diferentes, para assim obter um maior e diferenciado número de dados possível, a fim de os comparar e relacionar, em relação ao objeto de estudo em concreto.

Considerações finais

O nosso trabalho iniciou-se no mês de outubro de 2011, após a aprovação do projeto de estudo. No entanto, e na sequência prevista do cronograma do projeto, as entrevistas foram realizadas entre os meses de Abril e Maio de 2012. Já no decorrer do presente ano civil, foi publicado um decreto-lei, em nosso entender muito prejudicial, para a disciplina de Educação Física.

O Ministério da Educação, pelo decreto-lei n.º 139/2012, regeu que a nota da disciplina vai deixar de entrar no apuramento da média final do ensino secundário,

sessando o seu peso na atribuição da nota final de acesso ao ensino superior. Com a exceção de quando o aluno pretenda prosseguir estudos na área de Educação Física e Desporto. É de referir que o decreto-lei só tem aplicações reais no ano letivo de 2014 - 2015, para todos os alunos matriculados no ensino secundário.

A disciplina passa a ter só valor para efeitos de conclusão do nível secundário de educação. Pensamos que se trata de uma medida muito prejudicial para o estatuto da disciplina e que levará a uma descredibilização da mesma por muitos dos intervenientes da comunidade educativa. Pensamos que, ao levar a cabo este decreto, o estado Português poderá estar a contribuir para que cada vez mais alunos se inibam da prática desportiva e de todos os seus benefícios. Há semelhança do que tem acontecido noutros países, Portugal não está a olhar para a disciplina de forma a reconhecer o seu valor enquanto disciplina estruturante na formação dos seus alunos.

Também os Diretores concordam com o conteúdo do presente decreto-lei. O estudo revelou, infelizmente, que a maioria dos Diretores Escolares concorda que a disciplina não conte para a média final de acesso ao ensino superior. Argumentam que a disciplina nada tem a ver com a maioria dos estudos superiores e que limita os bons alunos de outras áreas no seu acesso ao ensino superior. No entanto, em relação às horas semanais os Diretores concordam com o tempo usado no secundário e reforçam a ideia de que deveria ser igual também no ensino básico.

PARTE V

Bibliografia

BIBLIOGRAFIA

1. American Heart Association (AHA, (2007). Physical Activity and Public Health in Older Adults : Recommendation From the American College of Sports Medicine and the American Heart Association. Circulation is published by the *American Heart Association*. 7272 Greenville Avenue, Dallas.
2. Ahlert, A. (2003). Reflexões éticas e filosóficas sobre a educação escolar. *Revista Iberoamericana de Educación* (ISSN: 1681-5653) n.º 42/6 – 10 de mayo de 2007 EDITA: Organización de Estados Iberoamericanos para la Educación, la Ciencia y la Cultura (OEI)
3. Almada, F. (1995). *A culpa não é do desporto. Uma análise dialéctica Desporto Contexto*. Lisboa: Edições FMH
4. American Academy of Pediatrics (2000). Physical fitness and activity in schools. *Pediatrics*, 105 (5), 1156-1157. Consult. 20 fevereiro 2012, Disponível em <http://www.pediatrics.aappublications.org/...4/S254.full.pdf>
5. Barros, D. & Barros, D. (1972). *Educação Física na Escola Primária*. 4 ed. Rio de Janeiro: José Olympio. Consult. 7 março 2012, disponível em <http://www.efdeportes.com>
6. Barros N. & Turíbio L. (1997). *Início da Criança no Esporte. Exercício, Saúde e Desempenho Físico*. São Paulo: Atheneu. Consult. 7 março 2012, disponível em <http://www.efdeportes.com>
7. Barroso, J. (1998). *Cadernos de Organização e Gestão Escolar*, IIE – ME
8. Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
9. Bento, J. (1991). *Desporto, Saúde, Vida – Em Defesa do Desporto*. Lisboa: Livros Horizonte, Lda.

10. Bento, J. O. (1993). Acerca da necessidade de revitalizar o conceito do "Desporto para Todos". A cidade desportiva. In J. O. Bento, & A. Marques (Eds.), *A Ciência do Desporto. A Cultura e o Homem* (pp. 113-120). Porto: Universidade do Porto - FCDEF.
11. Bento, J. (1995). *O Outro Lado do Desporto – Vivências e Reflexão Pedagógicas*. Porto: Campo das Letras – Editores, S. A.
12. Bento, J. (1998). *Desporto e Humanismo: O Campo do Possível*. Rio de Janeiro. Eduerj.
13. Bento, J. (1999). Contexto e perspectivas. In J. Bento, R. Garcia, e A. Graça (1999). *Contextos da pedagogia do desporto: perspectivas e problemáticas* (pp. 19-110). Lisboa: Livros Horizonte.
14. Bento, J. O. (2004). *Desporto: discurso e substância*. Porto: Campo das Letras.
15. Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação, Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora
16. Botelho, A. & Duarte, A. (1999). Relação entre a prática de Actividade Física e o estado de Bem-Estar em estudantes adolescentes. *Revista Horizonte*. Vol.XV, nº 90, Julho/Agosto, pp 5-7.
17. Cagigal, J. M. (1996). *Obras Selectas (Vol.III)*. línea Offset, S. L. Cádiz.
18. Cale, L. & Harris, J. (2006). School-based physical activity interventions: effectiveness, trends, issues, implications and recommendations for practice. *Sport, Education and society*, 11 (4), 401-420.
19. Carbonell Sebarroja, J. (2001). *A aventura de inovar. A mudança na escola*. Porto: Porto Editora.
20. Carneiro R. (2001). *Fundamentos da Educação e da Aprendizagem – 21 ensaios para o século 21*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão

21. Carvalho, L. (2001). Sobre o status da disciplina de Educação Física na década de sessenta: fragmentos de um estudo empírico-organizacional. *Boletim Sociedade Portuguesa de Educação Física*. Nº 21/22, pp. 55-72.
22. Carvalho, L. & Mira, J. (1993). Organização e Gestão da aula de Educação Física – 1º ciclo do ensino básico. *Revista Horizonte*. Volume IX, Nº 53, pp. 174-176.
23. Castuera, R. (2004). *Motivación, Trato de Igualdade, Comportamento de Disciplina y Estilos de Vida Saludables en Estudiantes de Educación Física en Secundária*. Tesis Doctoral. Universidad de Extremadura. Facultad de Ciencias del Deporte.
24. Ceitil, M. (2006). *Gestão de Recursos Humanos*. Edições Sílabo, p.29 a 32.
25. Comissão das comunidades europeias (2007). livro branco sobre o desporto. Bruxelas.
26. Conferência dos Ministros Europeus responsáveis pelo Desporto (1975). Carta Europeia do Desporto para Todos.
27. Costa, L. D. (1997). *Culturas e Escola: A sociologia da educação na formação de professores*. Livros Horizonte, Lisboa.
28. Costa, O. (1991). Desporto e Qualidade de Vida. In: J. Bento & A. Marques (Eds.), *Actas das Jornadas Científicas Desporto. Saúde. Bem-estar*. (pp.53-59). Porto. F. C. D. E. F. - U. P.
29. Creswell, J. (1994). *Research design. Qualitative & quantitative approaches*. London: Sage Publications.
30. Cunha, A. C. (2008). *Pós-modernidade socialização e profissão dos professores*. Vislis editores. Viseu
31. Cunha, M. (1992). Motricidade Humana: um paradigma emergente. In Gebara, A. et al (1992). *Educação Física & Esportes: Perspectivas para o Século XXI*. Campinas, SP: Papyrus.
32. Dale, D., Corbin, C. & Cuddihy, T. (1998). Can conceptual Physical Education promote physically active lifestyle? *Pediatric Exercise Science*, 10 (2), 97-109.

33. Delfosse, C., Ledent, M., Carreiro da Costa, F., Telama, R., Almond, L., Cloes, M. & Piéron, M. (1997). Les attitudes de jeunes européens à l'égard de l'école et du cours d'Éducation Physique. *Sport*, 159/160, 96-105.
34. Delors, J., Mufti, I., Amagi, I., Carneiro, R., Chung, F., Geremek, B., ... Nanzhao Z. (1996). *Educação um tesouro a descobrir. Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre educação para o séc. XXI*. Lisboa: Edições Asa.
35. De Knop, P., Theeboom, M., Huts, K., Hoecke, J., & Martelaer, K. (2004). The quality of school physical education in flemish secondary schools. *European Physical Education Review*, 10(1), 21-40.
36. De Marco, A. (org) (1995). *Pensando a Educação Motora*. São Paulo: Papyrus. Consult. 23 janeiro 2012, disponível em <http://www.efdeportes.com>
37. Domingues, D., Rosales, A., Benito, J. (1999). Desarrollo psicomotor en niños de educación infantil. In Machado, C., Melo, M., Franco, V. & Santos, N.(org.), *Interfaces da psicologia*, vol. I. Évora: Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade de Évora.
38. Duarte, A. (1992). *Contributo para o estudo das atitudes dos alunos face à disciplina de Educação Física: o caso da região do Grande Porto*. Dissertação de doutoramento, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física – Universidade do Porto.
39. Duarte, J. (1999). Exercício Físico e Saúde. In: *Novos Desafios, Diferentes Soluções. 1º Congresso Internacional de Ciências do Desporto*. Porto. F.C.D.E.F. – U.P.
40. European Network of Health Promoting Schools (ENHPS, 1997). *The health promoting school - an Investment in education, health and democracy*. Consult. 14 janeiro 2012, Consultado em <http://www.euro.who.int/document/e72971.pdf>
41. Esculcas, C. (1999). *Actividade Física e Práticas de Lazer na Adolescência: Promoção e Manutenção em Função da Natureza da Actividade Física e do Estatuto Sócio-económico*. Dissertação de Mestrado. F. C. D. E. F. - U. P.

42. Fernandes, H., Raposo, J.V., Lázaro, J.P. & Dosil, J. (2004). *Validación y Aplicación de Modelos Teóricos Motivacionales en el contexto de La Educacion Física*. Cuadernos de Psicología del Deporte. Espanha: Universidade de Múrcia, Vol (4), nº 1 y 2.
43. Ferreira, M. & Santos, M. (2000). *Aprender a ensinar, ensinar a aprender*. Santa Maria da Feira. Edições Afrontamento.
44. Ferreira, E. (2004). A disciplina de Educação Física: oferta e procura de licenciados de Educação Física. *Boletim Sociedade Portuguesa da Educação Física*. Nº 28/29, pp. 91-92.
45. Flick, U. (2005). *Métodos qualitativos na investigação científica*. Lisboa: Monitor – Projectos e Edições Lda.
46. Formiga, N. (2007). Pais e professores como explicação de variáveis do rendimento escolar. Universidade Federal da Paraíba. Consult. 15 fevereiro 2012, disponível em http://www.psicologia.com.pt/artigos/ver_artigo.php?codigo=A0342&area=d6.
47. Freire, P. (1989). Lazer e Desenvolvimento Humano, *Jornal de Psicologia*. nº1. Jan.-Fev., pp. 27-31.
48. Freire, J. B. (1991). *Esporte não é droga?* São Paulo: Scipioni. Consult. 12 fevereiro 2012, disponível em <http://www.efdeportes.com>
49. Freitas, F. (2002). Desporto Escolar. Conceptualização e Contextualização no Âmbito do Sistema Educativo e do Sistema Desportivo. *A Página da Educação*, Ano XI, nº110, Mar. Gomes, P. (1996). O Juízo dos Pais Acerca da Actividade Física dos Filhos. *Horizonte*, vol. XIII, nº74, 19 – 22.
50. Friedbrg, E. (1993), *O Poder e a Regra– Dinâmicas da Acção Organizada*. Instituto Piaget.
51. Garcia, R. & Queirós, P. (2000). A Educação Física perante os novos valores sociais. *Praxis da Educação Física e dos Desportos*, II (3), 55-65.

52. Gonçalves, C. (1998). *Relações entre as características e crenças dos alunos e os seus comportamentos nas aulas de Educação Física*. Dissertação de doutoramento, Faculdade de Motricidade Humana – Universidade Técnica de Lisboa.
53. Gonçalves, C. (1999). *Os Jovens e o Desporto*. (pp.58,59). Câmara Municipal de Oeiras Divisão de Fomento do Desporto.
54. Gonçalves, M. (1997). *SENTIR, PENSAR, AGIR: Corporeidade e educação*. 2. ed. São Paulo: papirus. Consult. 9 abril, 2012, disponível em <http://www.efdeportes.com>
55. Graça, A. (2004). O desporto na escola: enquadramento da prática. In Gaya, A. Marques e G. Tani (Org.), *Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades* (pp. 97-112). Porto Alegre: UFRGS.
56. Green, K. (2000). Exploring the everyday ‘philosophies’ of Physical Education teachers from a sociological perspective. *Sport, Education and Society*, 5 (2), 109-129.
57. Grilo, M. (2002). *Desafios da educação – ideias para uma política educativa no século XXI*. Oficina do livro.
58. Guardiã, C. (1992). Leisure and Sócio-Economic Development. In: *New Routes for Leisure. Actas do Congresso Mundial do Lazer/ World Leisure Congress*. Edições do Instituto de Ciências Sociais.
59. Guedes, D.P. et al (2006). Níveis de prática de actividade física habitual em adolescentes: *Revista Brasileira de Medicina Esportiva*. v. 7, n. 6, - nov./dez.
60. Hardman, K. (1993). Physical education within the school curriculum. In: Mester J. (ed.), *Sport sciences in Europe 1993: Current and future perspectives*. Meyer & Meyer Verlag, Aachen 1993, 544–560.
61. Hardman K., The fall and rise of physical education in international context. Symposium Paper, Pre-Olympic and International Scientific Congress, July 9–14, 1996, Dallas Texas.

62. Hardman K., Threats to physical education! Threats to sport for all. Paper presented at the I.O.C. VII World Congress “Sport for All”, November 19–22, 1998, Barcelona, Spain.
63. Hardman, K. (2000). Ameaças à Educação Física! Ameaças ao desporto para todos? *Boletim da Sociedade Portuguesa de Educação Física*, 19/20, 11-35.
64. Hardman, K. & Marshall, J. (2005) ‘Update on the State and Status of Physical Education World-Wide’, Keynote address at the 2nd World Summit on Physical Education (2 Dec.), Magglingen, Switzerland. URL. Consultado em Nov. 2011, disponível em <http://icsspe.org/portal/download/HardmanMarshall.pdf>
65. Hardman, K. (2008). Physical Education in schools: a global perspective. *Kinesiology*, 40, 5-28.
66. Haywood, K. (1991). The role of Physical Education in the development of active lifestyles. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 62 (2), 151-156.
67. Holman, H. R. (1993). *Qualitative Inquiry in medical research: Journal of Clinic and Epidemiology*, v.46,n.1, p.29-36,.
68. Homem, F. (1998). O Regresso do Corpo no Desenvolvimento das Práticas Desportivo-Corporais. *Horizonte*, vol. XIV nº81: 3-7, Jan.-Fev.
69. Jamner, M., Spruijt-Metz, D., Bassin, S. & Cooper, D. (2004). A controlled evaluation of a schoolbased intervention to promote physical activity among sedentary adolescent females: Project FAB. *Journal of Adolescent Health*, 34, 279-289.
70. Johns, D. (2005). Recontextualizing and delivering the biomedical model as a Physical Education curriculum. *Sport, Education and Society*, 10 (1), 69-84.
71. Johns, D. & Tinning, R. (2006). Risk Reduction: recontextualizing health as a Physical Education curriculum. *Quest*, 58 (4), 395-409.
72. Lima, T. (1988). *Educação Física e Desporto*. Lisboa. Edição Livros Horizonte, col. Cultura Física.

73. Lima, L. (2000). *Organização escolar e democracia radical: Paulo Freire e a governação democrática da escola pública*. São Paulo: Cortez Editora.
74. Lipovetsky, G. (1989). *A Era do Vazio*. Lisboa. Col. Antropos, Relógio d'Água.
75. Lüdke, M. & André, M. E. D., (1986). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: Editora Pedagógica Universitária.
76. Kalish, S. (1996). *Your Child's Fitness: Practical Advice for Parents*. (pp. 1-9). Human Kinetics, Illinois.
77. Kirk, D. (1993). *The Body Schooling and culture*. Deakin University Press, Victoria.
78. Kunz, E. (1991). *Educação Física: ensino & mudanças*. Ijuí: Unijuí.
79. Marivoet, S. (1997). Onde Estão as Virtualidades Educativas do Desporto. *Desporto*, nº0, 30-31.
80. Marques, A. (2003). *Percepções de saúde, competência e imagem corporal dos jovens que frequentamos estabelecimentos militares de ensino em Portugal*. Tese de mestrado, Faculdade de Motricidade Humana – Universidade Técnica de Lisboa.
81. Marques, A. (1997). Repensar o desporto. *Revista Horizonte*. Volume XII, nº 75, p. 4.
82. Matos, Z. & Graça, A. (1991). Criação de Hábitos de Actividade Física Regular: Um Objectivo Central da Educação Física. In: Bento, J. & Marques, A. (Eds.), *Actas das Jornadas Científicas Desporto Saúde Bem-Estar* (pp. 311-317). Porto. F.C.D.E.F.-U.P
83. Matos, Z. (2000). A importância da educação física no 1º Ciclo do Ensino Básico. In Gomes, P (org.), *Educação física no 1º Ciclo* (pp. 16-23). Porto: Universidade do Porto.
84. Matos, M., Simões, C., Carvalhosa, S., Reis, C. & Canha, L. (2000b). A saúde dos adolescentes portugueses. *Edições FMH*. Lisboa.

85. Matos, M. & Equipa do Projecto Aventura Social e Saúde (2003). A Saúde dos Adolescentes Portugueses. *Edições FMH*. Lisboa.
86. Matos, M. & Sampaio, D. (Eds) (2009). *Jovens com saúde: diálogo com uma geração*. Alfragide: Texto Editores.
87. Menga, L. & Marli, E., (1986), *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas, Temas Básicos de Educação e Ensino*, EPU, São Paulo, (pág. 33).
88. Mesquita, I. & Rosado, A. (2009). O desafio pedagógico da interculturalidade no espaço da Educação Física. In A. Rosado e I. Mesquita (Ed.) *Pedagogia do Desporto* (pp. 21-37). Lisboa: edições FMH.
89. Minayo, M. & Sanshes, O. (1993). *Quantitativo-qualitativo. Oposição ou complementaridade: Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v.9, n.3, p.239-262.
90. Monteiro, E. (1993). Características da avaliação no âmbito dos novos programas. *Revista Horizonte*. Volume X, Nº 55, pp. 29-33.
91. Moreira, S. (2006). *As actividades lúdico-desportivas nas práticas de lazer em crianças do 1º Ciclo*. Tese de Mestrado em Estudos da Criança, área de especialização em Educação Física e lazer. Braga: Universidade do Minho.
92. Mota, J. (1992a). A Escola, a Educação Física e a Educação da Saúde. *Horizonte*, vol. XIII. nº48: 208-212, Mar.-Abril.
93. Mota, J. (1998). *A Actividade Física e Qualidade de Vida*. Livro de actas do VII Congresso de Educación Física – Deporte Humanismo en Clave de Futuro.
94. Mota, J. (1999). Educação e Saúde. In: *Desporto e Saúde*. (pp. 56- 102). Câmara Municipal de Oeiras Divisão de Cultura, Desporto e Turismo.
95. Mota, J. & Sallis, J. (2002). *Actividade Física e Saúde: Factores de Influência da Actividade Física nas Crianças e nos Adolescentes*. Campo das Letras, col. Campo do Desporto (9), Porto.

96. Musgrave, P. (1979). *Sociologia da Educação*. Lisboa. Fundação Calauste Gulbenkian.
97. Neto, C. (1994). Desporto Infantil: A Criança e a Actividade Desportiva. *Horizonte*, vol.X. nº60: 203-206.
98. Ntoumanis, N. (2001). *A self-determination approach to the understanding of motivation in physical education*. British Journal of Educational Psychology, Vol (71), p.225-242.
99. Nunes, M. (1999). Os Grandes Desafios da Autarquia no Âmbito do Desporto, uma Proposta de Elaboração de um Plano de Desenvolvimento Desportivo Municipal. *Horizonte*, vol. XV. nº89: 33-39.
100. Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE, 1985). *Tornar-se adulto numa sociedade em mutação*. Edições Afrontamento. Porto.
101. Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE, 1992). *As Escolas e a Qualidade*. Edições Asa.
102. Onofre, M. (1996). Educação Física sem avaliação: uma perversão consciente? *Boletim Sociedade Portuguesa de Educação Física*. Nº 13, pp. 51-59.
103. Paes, R. (2002). A Pedagogia do esporte e os jogos D. Coletivos. De Rose Jr. (Org). *Esporte e Atividade Física na Infância e na Adolescência*. Porto Alegre: Artmed Editora.
104. Pate, R., Davis, M., Robinson, T., Stone, E., McKenzie, T. & Young, J. (2006). Promoting physical activity in children and youth: a leadership role for schools: a scientific statement from the American Heart Association Council on Nutrition, Physical Activity, and Metabolism (Physical Activity Committee) in collaboration with the councils on cardiovascular disease in the young and cardiovascular nursing. *Circulation*, 114, 1214-1224.
105. Patton, M. Q. (1990). *Qualitative evaluation and research methods*. Newbury Park, CA: Sage Publications.

106. Pereira, A. L. (2004). *Os processos de Pensamento de Alunos em Educação Física*. Boletim de Sociedade Portuguesa de educação Física, nº19/20. (55).
107. Pereira A. & Leitão J. (2007a). Metodologia de Investigação em Educação Física e Desporto: Introdução à Análise de Conteúdo. *Série Didáctica. Ciências Aplicadas* nº335. Vila Real: UTAD.
108. Pereira A. & Leitão J. (2007b). Metodologia de Investigação em Educação Física e Desporto: Introdução à Metodologia Qualitativa. *Série Didáctica. Ciências Aplicadas* nº327. Vila Real: UTAD.
109. Pereira, B. (1993). *A Infância e o Lazer. Estudo da Ocupação dos Tempos Livres da Criança dos 3 aos 10 anos em Diferentes Contextos Sociais*. Tese de Mestrado. Lisboa. Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Motricidade Humana.
110. Pereira, B. & Neto, C. (1997). A Infância e as Práticas Lúdicas. Estudo das Actividades dos Tempos Livres nas Crianças dos 3 aos 10 anos. In: M. Pinto & M. Sarmiento (coord.). *As Crianças, Contextos e Identidades* (pp.219-264). Braga. Centro de Estudos da Criança - Universidade do Minho.
111. Pereira, B., Neto, C. & Smith, P. (1997). Os Espaços de Recreio e a Prevenção do “Bullying” na Escola. In: C. Neto (Ed.). *Jogo & Desenvolvimento da Criança* (pp. 238- 257).
112. Pereira, B. (2002). *Para uma Escola sem Violência: Estudo e Prevenção de Práticas Agressivas entre Crianças*. Lisboa. Fundação Calauste Gulbenkian e Ministério da Ciência e Tecnologia.
113. Pereira, H. M. S. & Vieira, M. C. (2006). Entrevista: pela Educação, com António Nóvoa. *Saber (e) Educar*, 11, 111-126.
114. Pereira, M. G. (2006). *A Motivação de adolescentes para a prática da Educação Física: uma análise comparativa entre instituição pública e privada*. Tese de Mestrado. São Paulo: Universidade São Judas Tadeu.

115. Pereira, P., Carreira da Costa, F. & Diniz, J. A. (2009). As atitudes dos alunos face à disciplina de Educação Física: um estudo plurimetódico. *Boletim da sociedade Portuguesa de Educação Física*, 34, 83-94.
116. Piéron, M. (1999). *Para una enseñanza eficaz de las actividades físico-desportivas*. Barcelona: INDE Publicaciones.
117. Pimentel, J. & Nunes, P. (2002). Influência da Proveniência na Cultura Desportiva dos Jovens. *Horizonte*, vol. XVIII - nº104.: 26 - 31.
118. Pinto, M. (2000). *A Televisão no Quotidiano das Crianças*. Porto. Edições Afrontamento.
119. Pinto, M. (2002). *Televisão, Família e Escola*. Lisboa. Editorial Presença.
120. Pires, G. (1993). Autarquias e Planeamento Democrático. *Horizonte*, vol. X, nº 56: 63-73, Jul.-Ago.
121. Pires, G. (2003). *Gestão do Desporto, Desenvolvimento Organizacional: APOGEST*.
122. Proença Garcia, R. & Queirós, P. (2001). Compreensão da Educação Física à luz das mutações axiológicas deste final de milénio. In Gomes, P. B. & Graça A. (2001) *Educação Física e Desporto na Escola, Novos desafios, diferentes soluções*. Porto.
123. Puglisi, M. & Franco, B. (2005). *Análise de conteúdo* (2º ed.) Brasília: Líber Livro,
124. Quivy, R. & Campenhoudt, V. (1998). *Manual de investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
125. Rocha, L. (1996). Não há Educação sem Educação Física: Educação Física e Educação Cívica. *Boletim Sociedade Portuguesa de Educação Física*. Nº 13, pp. 41-48.

126. Rosado, A. (2009). Pedagogia do Desporto e Desenvolvimento Pessoal e Social. In A. Rosado e I. Mesquita (Ed.), *Pedagogia do Desporto* (pp. 9-19). Lisboa: Edições FMH.
127. Ruquoy, D. (1997). Situação de entrevista e estratégia do investigador. In L. Albarello et al (Ed.), *Práticas e métodos de investigação em Ciências Sociais* (pp. 84-116). Lisboa: Gradiva.
128. Sallis, J. & McKenzie, T. (1991). Physical Education's role in public health. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 62 (2), 124-137.
129. Sallis, J. & Owen, N. (1999). *Physical Activity & Behavioral Medicine*. Sage Publications, California.
130. Sampaio, D. (1996). *Voltei à escola*. Editorial Caminho. Lisboa
131. Savater, F. (1997). *O valor de educar*. Editorial Presença
132. Sérgio, M. (1999). *Um corte epistemológico – Da educação física à motricidade humana*. Instituto Piaget.
133. Shephard, R. & Trudeau, F. (2000). The legacy of Physical Education: influences on adult lifestyle. *Pediatric Exercise Science*, 12 (1), 34-50.
134. Simons-Morton, B., O'Hara, N., Simons-Morton, D. & Parcel, G. (1987). Children and Fitness: A Public Health Perspective. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 58(4): 295-302.
135. Soares, C., Taffarel C. & Escobar, M. (1992). A Educação Física Escolar na Perspéctiva do Século XXI. In Gebara, A. et al (1992). *Educação Física & Esportes: Perspectivas para o Século XXI*. Campinas, SP: Papirus.
135. Sproston, K. & Primatesta, P. (Eds.). (2003). *Health survey for England 2002: the health of children and young people*. London: The Stationery Office.
136. Stoer, S. R. & Araújo, H. C. (2000). *Escola e Aprendizagem para o trabalho num país da (semi)periferia europeia*. Instituto de Inovação Educacional.

137. Szymansky, H., Almeida, L., Almeida, R., & Prandini, R. (2008). *A Entrevista na Pesquisa em Educação: a prática reflexiva*. Brasília: Liber Livro Editora.
138. Tani, G., Manoel, E.J., Kokubun, E. & Proença, J.E. (1988). *Educação física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista*. São Paulo, EPU/EDUSP, 1988.
139. Tani, G. (1991). Perspectivas para a educação física escolar. *Revista Paulista de Educação Física*, v.5, p.61-9.
140. Tani, G. (1996). Cinesiologia, *educação física e esporte: ordem emanente do caos na estrutura acadêmica*. Motus Corporis, v.3, p.9-50.
141. Tani, G. & Manoel, E. J. (2004) Esporte, Educação Física e Educação Física Escolar. In A. Gaya, A. Marques e G. Tani (Org.), *Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades* (pp. 113-141). Porto Alegre: UFRGS
142. Tani, G. (2007). Desporto e Escola – que diálogo ainda é possível? In J. O. Bento & J. M. Constantino (coord), *Em defesa do desporto: mutações e valores em conflito* (pp. 269-287). Coimbra: Almedina.
143. Taylor, M. I. & Ntoumanis, N. (2007). *Teacher Motivational Strategies and Student Self-Determination in Physical Education*. Journal of Educational Psychology, Vol (99), n. 4, p.747-760.
144. Tuckman, B. (2000). *Manual de investigação em educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
145. Turato, E. R. (2003). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa*. Petrópolis RJ.: Editora Vozes,
146. Vegara, S. (2005). *Métodos de pesquisa em administração*. São Paulo: Atlas
147. Wang, G., Pereira, B. & Mota, J. (2005a). Indoor Physical Education Measured by Heart Rate Monitor: A Case Study in Portugal. *The Journal of Sports Medicine and Physical Fitness*. Vol. 45-nº2. pp. 171-177.

148. Wang, G., Pereira, B. & Mota, J. (2005b). Young People, Physical Activity and Physical Fitness: A Case Study of Chinese and Portuguese Children. In: K. Hylton, J. Long & A. Flintoff (Eds.). *Evaluating Sport and Active Leisure for Young People*. UK. University of Brighton.
149. World Health Organization (WHO, 2000b). *Promoting active living in and through schools. Policy statement and guidelines for action*. Report of a WHO meeting in Esbjerg, Denmark, 25-27 May 1998.

DIPLOMAS LEGAIS

Conselho Nacional de Educação, (2012). Recomendação n.º 2/2012 - Recomendação sobre O Estado da Educação 2011 — A Qualificação dos Portugueses. *Diário da República*, 2.ª série — N.º 21 — 30 de janeiro de 2012

Ministério da Educação (1986). Lei n.º 46 de 14 de Outubro de 1986 (1986). Lei de Bases do Sistema Educativo, alterada pelas Leis n.º115/97, de 19 de Setembro, n.º49/2005, de 30 de Agosto, e n.º85/2009 de 27 de Agosto. *Diário da República*. Lisboa: Ministério da educação.

Ministério da Educação (1991). DGEB, 1991. *Direcção-Geral do Ensino Básico e Secundário*. Lisboa : DGEBS, 19919

Ministério da Educação (2007). Artigo 5º Decreto Legislativo Regional n.º 4/2007/M de 11 de Janeiro de 2007 – Lei de Bases do Sistema Desportivo da RAM, DR 1ª série – n.º 8. Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular. Consult. 11 março 2012, disponível em <http://www.dgidc.min-edu.pt>

Ministério da Educação (2012). Decreto-lei n.º 139/2012. *Diário da República*, 1.ª série — N.º 129 — 5 de julho de 2012. Consult. 21 julho 2012, disponível em <http://www.dgidc.min-edu.pt>

ANEXO

Guião da Entrevista

GUIÃO DA ENTREVISTA

1. O que significa para si a disciplina Educação Física?
2. Na sua opinião a disciplina de Educação Física tem algum papel na construção de uma escola de qualidade? Qual?
3. Em seu entender a Educação Física é uma disciplina importante para a formação dos alunos do ensino secundário e para o seu futuro? Porquê?
4. Como vê o peso da nota da disciplina de Educação Física na classificação final do ensino secundário? Concorda? Porquê?
5. Atendendo á experiência enquanto docente e presidente, como é que os alunos olham para esta disciplina? Gericamente, gostam ou não? Porquê? De que gostam mais?
6. Na sua opinião o horário semanal da disciplina de Educação Física é o indicado para a formação dos alunos?
7. E os conteúdos programáticos da disciplina são adequados à sua formação e desenvolvimento? Se vão de encontro aos seus gostos e necessidades na sociedade atual?
8. O tipo de avaliação dos alunos, nos seus vários domínios (psicomotor, cognitivo e socio-efetivo) é o mais indicado para os alunos?
9. Como diretor da Escola o que é que valoriza mais na disciplina de Educação Física? E menos?
10. É importante que o grupo/departamento de Educação Física organize/dinamize atividades extracurriculares na Escola? Porquê? Que tipo de atividades devem ser dinamizadas?
11. O departamento de Educação Física da sua Escola/agrupamento realiza normalmente atividades? Que atividades são realizadas? São as mais adequadas em qualidade e em quantidade? Quais as que valoriza mais?
12. O que é que a Educação Física e os seus profissionais, deverão fazer para a construção de uma escola de qualidade?
13. Que tipo de apoios os diversos órgãos da escola, nomeadamente o Diretor, poderão prestar á Educação Física, e os seus profissionais, para que tal objetivo seja alcançado?

